



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro Biomédico

Instituto de Nutrição

Karen Levy Delmaschio

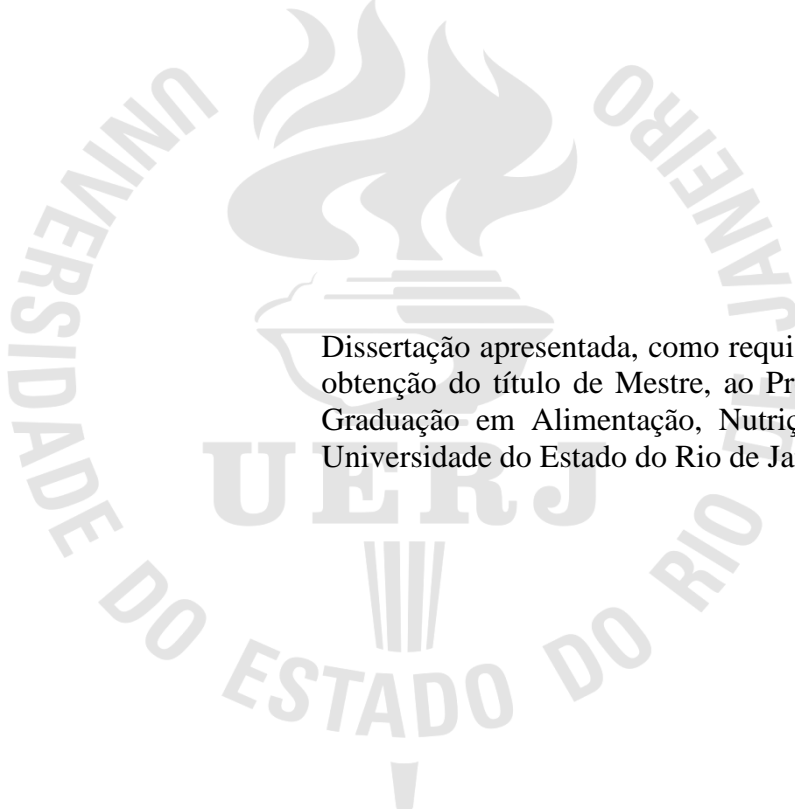
**Os grupos de pesquisa nos campos de *Alimentação e Nutrição* e das
Ciências dos Alimentos de 2000 a 2008 no Brasil**

Rio de Janeiro

2012

Karen Levy Delmaschio

Os grupos de pesquisa nos campos de *Alimentação e Nutrição* e das *Ciências dos Alimentos* de 2000 a 2008 no Brasil



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Shirley Donizete Prado

Rio de Janeiro

2012

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

D359 Delmaschio, Karen Levy.
Os grupos de pesquisa nos campos da *alimentação e nutrição* e das *ciências dos alimentos* de 2000 a 2008 no Brasil / Karen Levy Delmaschio. – 2012.
119 f.

Orientadora: Shirley Donizete Prado.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Nutrição.

1. Nutrição – Pesquisa – Teses. 2. Pesquisa alimentar – Teses. I. Prado, Shirley Donizete. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Nutrição. III. Título.

nt CDU 612.3.001.5(81)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

Assinatura

Data

Karen Levy Delmaschio

Os grupos de pesquisa nos campos de *Alimentação e Nutrição* e das *Ciências dos Alimentos* de 2000 a 2008 no Brasil

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 30 de março de 2012.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Shirley Donizete Prado (Orientadora)
Instituto de Nutrição da UERJ

Prof.^a Dr.^a Maria Cláudia da Veiga Soares Carvalho
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Amábela de Avelar Cordeiro
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Egberto Gaspar de Moura
Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes da UERJ

Rio de Janeiro

2012

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, ao meu companheiro Rodrigo Freitas e, em especial, às minhas amigas Myriam Martins e Juliana Klotz que tanto me ajudaram nas tabulações dos dados.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me ajudar nessa longa caminhada e por estar ao meu lado.

À minha família, pelo amor incondicional, pela dedicação, incentivo e apoio ao meu sonho.

Às professoras e colaboradores do Núcleo de Estudos sobre Alimentação e Cultura (NECTAR) pela grande contribuição a esse projeto e, em especial, à professora Shirley Donizete Prado pela orientação e realização desse trabalho.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro e à Universidade do Estado do Rio de Janeiro pelo apoio financeiro.

De tudo ficaram três coisas:

A certeza de estar sempre começando...

A certeza de que é preciso continuar...

A certeza de ser interrompido antes de terminar...

Fazer da interrupção um caminho novo...

Fazer da queda um passo de dança...

Do medo uma escada...

Do sonho uma ponte...

Da procura um encontro...

Fernando Sabino

RESUMO

DELMASCHIO, Karen Levy. *Os grupos de pesquisa nos campos da Alimentação e Nutrição e das Ciências dos Alimentos de 2000 a 2008 no Brasil*. 2012. 119f. Dissertação (Mestrado em Alimentação, Nutrição e Saúde) – Instituto de Nutrição, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

A partir dos pensamentos de Bourdieu, assumimos que os grupos de pesquisa correspondem a agentes institucionalizados que atuam, construindo e disputando capital simbólico e material, no interior da ciência. Com base em Stengers, quando trata da constituição de domínios científicos, procuramos identificar e descrever aqueles que se voltam para estudos sobre “*nutriente e comida*” e sobre “*alimento*”. O recorte empírico definido para tal corresponde ao Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq, no Brasil, de 2000 a 2008. Aí, é possível identificar, pelos procedimentos correntes, que partem da área predominante de cada grupo de pesquisa conforme a Tabela das Áreas do Conhecimento, a existência de 299 grupos de pesquisa na área “Ciência e Tecnologia de Alimentos” e de 171 grupos na área “Nutrição” em 2008. Distintamente, fizemos uso de buscas por palavras chave associadas aos campos científicos em tela. Encontramos um conjunto grupos de pesquisa que corresponde ao dobro do descrito no CNPq. Esse mapeamento possibilitou visualizar de forma bem mais clara algumas forças em movimento nos dois campos. Destacamos a possibilidade de visualização dos grupos de pesquisa que conformam o espaço social de produção de conhecimentos e saberes e de formação humana em pesquisa dirigida à *comida*, o que fica obscurecido nas tabulações disponibilizadas pelo CNPq. Ao valorizar perspectivas de cunho mais interdisciplinar, entendemos a necessidade de revisão da Tabela das Áreas do Conhecimento, bem como das denominações e composição dos organismos de decisão sobre campos científicos de modo a contemplar e favorecer a consolidação institucional da “*Alimentação e Nutrição*” do campo científico no Brasil.

Palavras-chave: Campo científico. Alimentação. Nutrição. Alimentos. Pesquisa.

ABSTRACT

From the thoughts of Bourdieu, we assume that the research groups correspond to agents who work in institutions, building and competing symbolic and material capital, within science. Based on Stengers, when dealing with establishment of specific areas, we identify and describe those who turn to studies on "nutrient and food" and on food. The empirical set to this directory of the Matches search Fields of CNPq Brazil from 2000 to 2008. Then it is possible to identify by standard procedures, leaving the predominant area of each group of research in Science and Technology Food and 171 groups in the area "Nutrition" in 2008. Distinctly, we used searches for keywords related to scientific fields screen. We found a number of research groups that is twice described in the CNPq. This mapping allowed a clearer view of some forces in motion in both groups. We highlight the possibility of viewing the research of groups that constitute the social space of knowledge production and knowledge and training in research directed to the human food, which is obscured in the tabulations provided by CNPq. The value of a more interdisciplinary perspective, we understand the need for a review of knowledge areas tabulations, as well as the denomination and composition of decision heads on scientific areas so as to contemplate and favor the institutional setting of "Food and Nutrition" of scientific area in Brazil.

Keywords: Scientific field. Feeding. Nutrition. Food search.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Número de instituições, grupos, pesquisadores e pesquisadores doutores no Brasil de 1993 a 2010	30
Tabela 2 -	Grupos de pesquisa segundo grandes áreas do conhecimento predominante no Brasil de 1993 a 2010	32
Tabela 3 -	Grupos de pesquisa recuperados, excluídos e que compõem o presente estudo no Brasil de 2000 a 2008	66
Tabela 4 -	Grupos de pesquisa que compõem os campos das “Ciências dos Alimentos”, da “Alimentação” e da “Nutrição” e suas interações no Brasil de 2000 a 2008	69
Tabela 5 -	Número de instituições, grupos de pesquisa, linhas de pesquisa, pesquisadores, pesquisadores doutores e estudantes que compõem o campo das “Ciências dos Alimentos” no Brasil de 2000 a 2008	74
Tabela 6 -	Distribuição dos grupos de pesquisa que compõem o campo das “Ciências dos Alimentos” região geográfica e unidade da federação no Brasil de 2000 a 2008	81
Tabela 7 -	Distribuição dos grupos de pesquisa que compõem o campo das “Ciências dos Alimentos” segundo instituição no Brasil de 2000 a 2008 .	84
Tabela 8 -	Número de instituições, grupos de pesquisa, linhas de pesquisa, pesquisadores, pesquisadores doutores e estudantes que compõem o campo da “Alimentação e Nutrição” no Brasil de 2000 a 2008	85
Tabela 9 -	Distribuição dos grupos de pesquisa que compõem o campo da “Alimentação e Nutrição” segundo região geográfica e unidade da federação no Brasil de 2000 a 2008	94
Tabela 10 -	Distribuição dos grupos de pesquisa que compõem o campo da “Alimentação e Nutrição” segundo instituição no Brasil de 2000 a 2008	95
Tabela A -	Crescimento do número de pesquisadores doutores, pesquisadores, instituições e grupos de pesquisa no Brasil de 1993 a 2010	107

Tabela B -	Crescimento do número de grupos de pesquisa segundo áreas do conhecimento predominantes selecionadas e no Brasil de 1993 a 2010 ...	108
Tabela C -	Crescimento do número de grupos de pesquisa que compõem os campos Alimentação, Nutrição, Alimento e no Brasil de 2000 a 2010	109
Tabela D -	Crescimento do número de grupos de pesquisa que compõem os campos Alimentação, Nutrição, Alimento com interações ou especializados no Brasil de 2000 a 2010	109
Tabela E -	Crescimento do número instituições, grupos de pesquisa, linhas de pesquisa, pesquisadores, pesquisadores doutores e estudantes que compõem o campo das “Ciências dos Alimentos” no Brasil de 2000 a 2008	110
Tabela F -	Relações entre Doutorandos / Pesquisadores doutores que compõem o campo das “Ciências dos Alimentos” e no Brasil de 2000 a 2008	111
Tabela G -	Distribuição dos grupos de pesquisa que compõem o campo das “Ciências dos Alimentos” segundo áreas predominantes do conhecimento no Brasil de 2000 a 2008	112
Tabela H -	Crescimento do número instituições, grupos de pesquisa, linhas de pesquisa, pesquisadores, pesquisadores doutores e estudantes que compõem o campo da “Alimentação e Nutrição” no Brasil de 2000 a 2008	114
Tabela I -	Relações entre pesquisadores e estudantes que compõem o campo da “Alimentação e Nutrição” e no Brasil de 2000 a 2008	115
Tabela J -	Distribuição dos grupos de pesquisa que compõem o campo da “Alimentação e Nutrição” segundo áreas predominantes do conhecimento no Brasil de 2000 a 2008	116

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Crescimento do número de pesquisadores doutores, pesquisadores, instituições e grupos de pesquisa no Brasil de 1993 a 2010	31
Gráfico 2 -	Distribuição dos grupos de pesquisa segundo grandes áreas predominantes do conhecimento no Brasil em 2010	33
Gráfico 3 -	Distribuição percentual dos grupos de pesquisa segundo grandes áreas predominantes do conhecimento predominante do grupo no Brasil de 1993 a 2010	34
Gráfico 4 -	Crescimento dos grupos de pesquisa segundo grandes áreas predominantes do conhecimento predominante no Brasil de 1993 a 2010	35
Gráfico 5 -	Grupos de pesquisa segundo grandes áreas do conhecimento predominantes no Brasil em 2010	36
Gráfico 6 -	Distribuição percentual dos grupos de pesquisa na grande área predominante das Ciências da Vida no Brasil de 1993 a 2010	37
Gráfico 7 -	Crescimento dos grupos de pesquisa na grande área predominante das Ciências da Vida no Brasil de 1993 a 2010	37
Gráfico 8 -	Distribuição dos grupos de pesquisa da área predominante de Ciência e Tecnologia de Alimentos no Brasil de 1993 a 2010	42
Gráfico 9 -	Distribuição percentual dos grupos de pesquisa da área predominante de Ciência e Tecnologia de Alimentos no Brasil de 1993 a 2010	43
Gráfico 10 -	Crescimento dos grupos de pesquisa nas áreas predominantes das Ciências da Vida, Ciências Agrárias e Ciência e Tecnologia de Alimentos e no Brasil de 1993 a 2010	43
Gráfico 11 -	Distribuição dos grupos de pesquisa da área predominante de Nutrição no Brasil de 1993 a 2010	49
Gráfico 12 -	Distribuição percentual dos grupos de pesquisa da área predominante de Nutrição no Brasil de 1993 a 2010	49

Gráfico 13 -	Crescimento dos grupos de pesquisa nas áreas predominantes das Ciências da Vida, Ciências da Saúde, Nutrição e no Brasil de 1993 a 2010	50
Gráfico 14 -	Distribuição dos grupos de pesquisa que compõem os campos das “Ciências dos Alimentos”, da “Alimentação” e da “Nutrição” no Brasil de 2000 a 2008	70
Gráfico 15 -	Distribuição percentual dos grupos de pesquisa que compõem os campos das “Ciências dos Alimentos”, da “Alimentação” e da “Nutrição” no Brasil de 2000 a 2008	71
Gráfico 16 -	Crescimento dos grupos de pesquisa que compõem os campos das “Ciências dos Alimentos”, da “Alimentação” e da “Nutrição” e no Brasil de 2000 a 2008	72
Gráfico 17 -	Crescimento dos grupos de pesquisa que compõem os campos das “Ciências dos Alimentos”, da “Alimentação” e da “Nutrição” segundo especialização e interações entre si no Brasil de 2000 a 2008	73
Gráfico 18 -	Crescimento do número instituições, grupos de pesquisa, linhas de pesquisa, pesquisadores, pesquisadores doutores e estudantes que compõem o campo das “Ciências dos Alimentos” no Brasil de 2000 a 2008	75
Gráfico 19 -	Distribuição percentual de pesquisadores doutores em relação a pesquisadores nos grupos de pesquisa que compõem o campo das “Ciências dos Alimentos” e no Brasil de 2000 a 2008	76
Gráfico 20 -	Relações entre doutorandos e pesquisadores doutores (Dinamismo) que compõem o campo das “Ciências dos Alimentos” e no Brasil de 2000 a 2008	77
Gráfico 21 -	Relações entre doutorandos e total de estudantes (Consolidação) que compõem o campo das “Ciências dos Alimentos” e no Brasil de 2000 a 2008	78
Gráfico 22 -	Distribuição dos grupos de pesquisa que compõem o campo das “Ciências dos Alimentos” segundo grandes áreas predominantes do conhecimento no Brasil de 2000 a 2008	79

Gráfico 23 -	Distribuição dos grupos de pesquisa que compõem o campo das “Ciências dos Alimentos” na grande área predominante das Ciências da Vida no Brasil de 2000 a 2008	79
Gráfico 24 -	Distribuição dos grupos de pesquisa que compõem o campo das “Ciências dos Alimentos” na grande área predominante das Ciências Agrárias no Brasil de 2000 a 2008	80
Gráfico 25 -	Distribuição dos grupos de pesquisa que compõem o campo das “Ciências dos Alimentos” na grande área predominante das Ciências da Saúde no Brasil de 2000 a 2008	80
Gráfico 26 -	Crescimento do número instituições, grupos de pesquisa, linhas de pesquisa, pesquisadores, pesquisadores doutores e estudantes que compõem o campo da “Alimentação e Nutrição” no Brasil de 2000 a 2008	87
Gráfico 27 -	Distribuição percentual de pesquisadores doutores em relação a pesquisadores nos grupos de pesquisa que compõem o campo da “Alimentação e Nutrição” e no Brasil de 2000 a 2008	88
Gráfico 28 -	Relações entre doutorandos e pesquisadores doutores (Dinamismo) que compõem o campo da “Alimentação e Nutrição” e no Brasil de 2000 a 2008	88
Gráfico 29 -	Relações entre doutorandos e total de estudantes (Consolidação) que compõem o campo da “Alimentação e Nutrição” e no Brasil de 2000 a 2008	89
Gráfico 30 -	Distribuição dos grupos de pesquisa que compõem o campo da “Alimentação e Nutrição” segundo grandes áreas predominantes do conhecimento no Brasil de 2000 a 2008	90
Gráfico 31 -	Distribuição dos grupos de pesquisa que compõem o campo da “Alimentação e Nutrição” na grande área predominante das Ciências da Vida no Brasil de 2000 a 2008	90
Gráfico 32 -	Distribuição dos grupos de pesquisa que compõem o campo da “Alimentação e Nutrição” na grande área predominante das Ciências da Saúde no Brasil de 2000 a 2008	91

Gráfico 33 -	Distribuição dos grupos de pesquisa que compõem o campo da “Alimentação e Nutrição” na grande área predominante das Ciências Agrárias no Brasil de 2000 a 2008	91
Gráfico 34 -	Distribuição dos grupos de pesquisa que compõem o campo da “Alimentação e Nutrição” na grande área predominante das Humanidades no Brasil de 2000 a 2008	92

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Página eletrônica do CNPq na Internet	59
Figura 2 -	Página Eletrônica do DGP na Internet	60
Figura 3 -	Espaço de buscas nas bases de dados disponíveis na página eletrônica do DGP na Internet	61
Figura 4 -	Espaço de “Busca Textual” nas bases de dados disponíveis na página eletrônica do DGP na Internet	62
Figura 5 -	Exemplo de “Busca Textual” nas bases de dados disponíveis na página eletrônica do DGP na Internet	63
Figura 6 -	Exemplo de dados recuperados através de “Busca Textual” nas bases de dados disponíveis na página eletrônica do DGP na Internet	64
Figura 7 -	Dados de um grupo de pesquisa selecionado recuperados através de “Busca Textual” nas bases de dados disponíveis na página eletrônica do DGP na Internet	65

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

C&T	Ciência e Tecnologia
CATC	Comitês de Assessoramento Técnico-Científico
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
DGP	Diretório dos Grupos de Pesquisa
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FAPERJ	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
IES	Instituições de Ensino Superior
ITAL	Instituto de Tecnologia de Alimentos
MCT	Ministério da Ciência e Tecnologia
MEC	Ministério da Educação
NECTAR	Núcleo de Estudos sobre Cultura e Alimentação
NUT	Instituto de Nutrição
OMS	Organização Mundial de Saúde
PPG ANS	Programa de Pós-Graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde
SNPA	Sistema Nacional de Pesquisa Agropecuária
SBAN	Sociedade Brasileira de Alimentação Nutrição
TCT	Treinamento e Capacitação Técnica
UANs	Unidades de Alimentação e Nutrição
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO	20
1	INTRODUÇÃO	23
1.1	Campo e campo científico: uma abordagem bourdiesiana	23
1.2	Sobre o Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq	28
1.3	Os grupos de pesquisa na área predominante do conhecimento Ciência e Tecnologia de Alimentos nas Séries Históricas do Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq	39
1.4	Os grupos de pesquisa na área predominante Nutrição nas Séries Históricas do Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq	44
1.5	A Alimentação como campo científico no Brasil e sua inexistência na Tabela das Áreas do Conhecimento	51
1.6	Alimentação e Nutrição como campo científico	55
2	OBJETIVOS	57
3	PERCURSO METODOLÓGICO	58
4	RESULTADOS	68
4.1	Os grupos de pesquisa que compõem o campo das “Ciências dos Alimentos” no Brasil	74
4.2	Os grupos de pesquisa que compõem o campo da “Alimentação e Nutrição” no Brasil	85

5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
	REFERÊNCIAS	100
	ANEXO – Tabelas complementares	107

APRESENTAÇÃO

Esse estudo faz parte de um projeto mais amplo denominado “A Pesquisa sobre *Alimentos, Alimentação e Nutrição* no Brasil” (PRADO *et al*, 2005) planejado para desenvolvimento em etapas temáticas, a saber: Segurança Alimentar e Nutricional (PRADO *et al*, 2010); Alimentação e Cultura (KLOTZ *et al*, 2010); Alimentação e Nutrição como campo científico autônomo no Brasil (PRADO *et al*, 2011), Alimentação e Ciências Humanas e Sociais (PRADO *et al*, 2011) e outros mais. Está em pleno desenvolvimento no interior do Núcleo de Estudos sobre Cultura e Alimentação (NECTAR) do Instituto de Nutrição (NUT)¹ da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Os estudos desenvolvidos no NECTAR integram a linha de pesquisa “Políticas, saberes e práticas em alimentação, nutrição e saúde” do Programa de Pós-Graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde (PPG ANS). O estudo contou com financiamentos aprovados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)² e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ)³⁴ nas modalidades auxílios e bolsas.

Nessa linha, alguns trabalhos já foram empreendidos no Brasil abordando, por exemplo, o campo da Epidemiologia por Guimarães, Lourenço e Cosac (2001); a pesquisa acerca da Geriatria e da Gerontologia (PRADO e SAYD, 2004); investigação dirigida aos grupos de pesquisa que se voltam para a segurança alimentar e nutricional (PRADO *et al*, 2010), todos resultando em avaliações e reflexões acerca da constituição desses campos do conhecimento.

Além de apresentar a pesquisa, este espaço destina-se também a resumir minha própria trajetória. Tomei contato com este estudo na condição de bolsista de Treinamento e Capacitação Técnica (TCT) pela FAPERJ⁵. Antes de ingressar na UERJ, como bolsista no NECTAR, concluí minha graduação em Nutrição na Universidade Estácio de Sá, em dezembro de 2007. Durante a graduação fiz estágios em hospitais de grande porte como o Hospital Municipal Lourenço Jorge e a Maternidade Fernando Magalhães. Após o término, tive a oportunidade de fazer

¹ www.nutricao.uerj.br

² Processo 473853/2007-8.

³ www.uerj.br

⁴ Processos E-26/110.393/2008, E-26/100.731/2008, E-26/100.731/2008 e E-26/102.090/2008.

⁵ Processo E-26/ 100.477/09.

Estágio Profissionalizante, oferecido pela Prefeitura do Estado do Rio de Janeiro, no Hospital Municipal Miguel Couto, onde pude aprimorar ainda mais meus conhecimentos teóricos e a prática clínica. Em conjunto com o estágio, iniciei a especialização *lato sensu* na área de Nutrição Clínica e também a prática em consultório particular. A área clínica sempre me motivou, visando os melhores caminhos para o tratamento dos pacientes.

Antes de fazer parte do NECTAR, recebi uma proposta para trabalhar em um hospital de grande porte privado. Mas, ao mesmo tempo, soube da oportunidade de trabalhar com a professora Dra. Shirley Donizete Prado, responsável pelo NECTAR. Fiz entrevista com análise de currículo e contei minha trajetória. A professora Shirley foi bastante solícita e compreensiva ao saber da proposta do hospital. Surgiu, então, uma grande indecisão: trabalhar no hospital ou me tornar uma pesquisadora? Tive que refletir a respeito das propostas. E optei por fazer parte desse grupo de pesquisadores no qual vi um futuro promissor.

Iniciei no NECTAR, em março de 2009, dando continuidade ao projeto da mestrandia Juliana Klotz, dirigido ao campo da *Alimentação e Cultura*. Segui realizando outros levantamentos no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq, o que veio a definir o objeto deste projeto de dissertação.

Ainda como bolsista TCT, ao me deparar com as Ciências Humanas e Sociais e com as discussões conceituais sobre campo científico, notei a dificuldade no entendimento dos textos. Para me aproximar desse universo, inteiramente novo para mim, participei de algumas aulas do mestrado como ouvinte. Os estudos foram frequentes e árduos, mas também atraentes. E decidi tentar o processo seletivo para o mestrado, iniciado em março de 2010. Neste momento de defesa da dissertação, dou por concluída uma etapa importante da minha vida: aquela que me colocou diante da ciência, entendida como um processo complexo no qual o debate conceitual é fundamental e onde a pluralidade epistemológica é exigência de base.

A dissertação inicia-se por um capítulo que traz revisão sobre os principais conceitos que estruturam o estudo. O segundo capítulo trata do percurso metodológico, onde descrevemos os procedimentos de coleta e depuração dos dados. No terceiro capítulo apresentamos os resultados encontrados na tabulação dos dados. O quarto capítulo corresponde à nossas considerações diante dos resultados apresentados.

O trabalho é baseado na compreensão da dinâmica que vem ocorrendo dentro dos campos em estudo e de contribuir, quem sabe, para a revisão das áreas de agregação do CNPq e demais agências de formação humana e de fomento à pesquisa.

Alguns desses resultados preliminares foram apresentados em vários eventos científicos, a saber: 10º Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Alimentação e Nutrição (SBAN) de 01 a 04 de setembro de 2009, 9º Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva realizado de 31 de outubro a 04 de novembro de 2009 e XV Congresso Sociedade Latino Americana de Nutrição de 15 a 19 de novembro de 2009.

Como parte da equipe do estudo mais geral, participei de outros estudos já publicados (Prado *et al*, 2011a; Prado *et al*, 2011b). Esta dissertação dará origem a um artigo a ser encaminhado proximamente para periódico científico especializado.

1 INTRODUÇÃO

Esse estudo tem como objeto os grupos de pesquisa que compõem os campos da *Alimentação e Nutrição* e das *Ciências dos Alimentos* no Brasil.

Tomamos as concepções de campo científico de Pierre Bourdieu como referência para esta aproximação a dinâmicas relativas à composição de forças sociais nestes campos da ciência no plano nacional a partir do segundo milênio.

O recorte empírico estabelecido neste exercício situa-se no interior do Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP) que compõe o Conselho nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que é uma agência do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) destinada ao fomento da pesquisa científica e tecnológica e à formação de recursos humanos para a pesquisa no país. Sua história está diretamente ligada ao desenvolvimento científico e tecnológico do Brasil contemporâneo.

1.1. *Campo e campo científico: uma abordagem bourdiesiana.*

Não basta um coletivo para se refletir sobre ciência. É necessária uma condição de trocas para sua própria regulação, o que pode ser uma maneira de reflexão. Há estudiosos que, por exemplo, defendem a leitura de textos, onde a letra é o que mais importa. E há estudiosos que veem o texto dentro de um contexto externo, histórico, social, econômico. Quando se trata de ciência, para alguns, é como se só existisse ela e não há intervenção do mundo social, hierarquização dos saberes. E para desmistificar essa análise, Bourdieu (2004) desenvolve o conceito de *campo*.

O *campo* é um espaço social global estruturado e, ao mesmo tempo, um campo de forças entre agentes ou instituições e também de distribuição de um capital específico. A necessidade se impõe aos agentes que nele se encontram envolvidos e, como um campo de lutas, os agentes se enfrentam, com meios e fins diferenciados conforme sua posição no campo de forças, contribuindo assim para sua conservação ou transformação. Grupos lutam nesses espaços pela defesa dos seus interesses por meio de um trabalho coletivo de construção, inseparavelmente teórico e prático (BOURDIEU, 1996).

Diz o autor que para se conhecer uma produção cultural não basta ler as palavras ou o texto, a relação com o contexto social deve ser feita. Entre esses dois pólos há um universo intermediário que pode ser *campo científico*, literário, artístico. É uma forma de mostrar o universo em que agentes e instituições estão inseridos. Estes produzem, reproduzem ou difundem a ciência. É um universo que tem leis e regras sociais mais ou menos específicas. É um espaço relativamente autônomo e que depende do grau de autonomia para se destacar; isso ocorre no campo científico.

O *campo científico* é definido por interesses específicos e de outros campos, que são percebidos por agentes que fazem parte desses espaços sociais. Nunes (2005), Klotz *et al* (2010), Maio (1995), Bosi e Prado (2011), Bosi (2000), Prado *et al*, (2011) são alguns autores brasileiros que estudam campos científicos a partir das concepções de Bourdieu (1983); segundo ele, “*para que um campo funcione, é necessário que haja paradas em jogo e pessoas prontas a jogar esse jogo, dotadas do habitus que implica o conhecimento e o reconhecimento das leis imanentes do jogo, das paradas em jogo e etc*” (p. 120). Um campo sofre pressões externas e, dependendo da autonomia e de sua consolidação, ele se mantém imponente. Para Bourdieu (2004), “*quanto mais autônomo for um campo, maior será o seu poder de refração e mais as imposições externas serão transfiguradas, a ponto de se tornarem perfeitamente irreconhecíveis*” (p. 20).

A autonomia do campo está relacionada a uma adesão bastante razoável de sustentação às regras em disputa e institucionalmente estabelecidas. Os arranjos institucionais estabelecidos no jogo é que dão sustentação ao campo. É como se fossem produzidos determinados espaços que nunca são de consenso, mas onde se dá a legitimação das regras. Todo campo científico tem relação de força e dominação onde o dominador tenta defender seu monopólio e a concorrência. Nesse espaço há relações entre os agentes, determinando seus limites e, dependendo das posições ocupadas nesse espaço, será orientada a forma de conduzir a ciência.

Para entender o que o agente está reproduzindo é necessário saber ou fazer o trabalho do mesmo para que se construam as relações que constituem o campo. O campo depende do capital científico que abarca. Quanto mais os agentes produzem e suas pesquisas se tornam dominantes nesse meio, maior é o capital simbólico, notoriedade e prestígio que ele ou seu grupo detém. Assim, os agentes vão definindo as regras do próprio campo.

“*O capital científico é uma espécie particular do capital simbólico*” (BOURDIEU, 2004, p. 27). O *capital simbólico* é conceituado com o ato de reconhecimento onde o pesquisador citado em diversas obras possui um capital simbólico devido o reconhecimento de sua competência. Esse reconhecimento lhe confere autoridade o que contribui para que possa definir as regras ou leis do campo. O pesquisador com alto grau de notoriedade pode direcionar as pesquisas para aquilo que lhe convém, ou melhor, para aquilo que lhe dará maior prestígio, sendo assim, ele consolida o campo através da sua força e poder.

Há lutas em torno desse campo, disputas pela notoriedade e aqueles que se opõem ao campo sem força terminam por curvar-se às novas regras do jogo. Mas, se tiverem força, conseguem intervir no espaço e modificá-lo. Os agentes tentam estar sempre em boas posições; para isso precisam seguir as regras e, através da competência, mostrar quem é o melhor. Esta é uma forma dinâmica de manifestações diversas, ora mantendo o campo em transformação, ora conservando-o.

O campo é como se fosse um jogo que deve ser jogado ou disputado; o jogo científico define os objetos de interesse capazes de merecer o investimento e ao redor do campo científico interesses desinteressados são frequentes entre os pesquisadores e as instituições. Há o temor constante pela perda de prestígio diante de outros agentes.

Quanto mais heterônimo é o campo maior a concorrência e as lutas nele, sendo a luta no jogo científico provida de agentes armados fortemente. No espaço da ciência há relações de força, concentração de capital e do poder, relações sociais de dominação dos meios de produção e reprodução do campo. O capital científico é composto pelo poder temporal ou político e pelo poder específico. O poder temporal está relacionado com as instituições científicas, os laboratórios de pesquisa, os comitês de avaliação e também com as produções científicas. O poder específico está associado ao prestígio e o reconhecimento da competência do agente.

O capital científico da instituição é gerido por estratégias políticas – participação em bancas, congressos, simpósios, etc. O capital do poder institucional tem um forte crédito específico e um frágil peso político e o outro tem um forte peso político e um frágil crédito científico. Um forte crédito científico favorece obtenção de poderes econômicos e políticos.

A partir desse ponto de vista bourdiesiano, podemos pensar que o conceito de *campo científico*, ao possibilitar a compreensão de relações sociais historicamente

construídas, difere fundamentalmente da terminologia naturalizante – “áreas do conhecimento” – largamente utilizada pelas universidades, institutos e agências de avaliação e fomentos a pesquisa e formação de pesquisadores. E, por essa via de análise, é possível entender o DGP correspondendo a um dos instrumentos de ordenamento de informações sobre campos científicos e como lugar de expressão de resultados de movimentações e de embates políticos próprios da vida científica.

Assumimos, aqui, nossa posição de busca e ordenamento de informações que contribuam para que espaços científicos consolidados tenham lugares institucionais que lhes sejam equivalentes e que possibilitem valer-se de capital construído. É o caso do campo científico (aqui denominado, no nosso entendimento e mais adequadamente) *Alimentação e Nutrição*, que até poucos meses atrás correspondia a uma parcela daquilo que a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) nomeia “Área de Avaliação Medicina II”, ao lado de (e como se fosse) um conjunto de especialidades médicas como Hematologia, Pediatria, Radiologia etc. Intenso movimento de atores institucionais protagonizados pelo Fórum Nacional de Coordenadores de Programas de Pós-Graduação em Alimentação e Nutrição (Fórum PPG A&N) e de pesquisadores organizados em torno do propósito de criação de uma “área” especificamente voltada para o campo alimentar-nutricional, galgaram a constituição da “Área de Avaliação Nutrição”. Nesse novo lugar, outras regras estão sendo construídas e movimentos ainda estão por acontecer.

Registremos a existência da área de avaliação denominada “Ciência de Alimentos” na CAPES (COORDENAÇÃO, 2011). Outros movimentos no âmbito desse campo científico estão em curso. No CNPq operam os Comitês de Assessoramento Técnico-Científicos (CATC) – também ordenados segundo a lógica das “Áreas do Conhecimento” – entre os quais os que se denominam “Ciência e Tecnologia de Alimentos” e “Saúde Coletiva e Nutrição” (CONSELHO, 2011c). A constituição de um CATC especificamente destinado à realização dos procedimentos relativos ao financiamento da pesquisa e da formação de pesquisadores para o campo alimentar-nutricional.

Em afinidade com as perspectivas de Bourdieu, Stengers (1990), nos diz que o estabelecimento de um *conceito* e o despertar de *interesses*, articulados a um *projeto político*, constituem-se nos fundamentos para a constituição de um campo científico. Em suas palavras “*Um conceito sempre organiza a um só tempo aquilo de que trata a hierarquia das ciências no domínio que ele organiza*” (p. 80). Estabelecer os

conceitos que fundamentam os campos é procedimento indispensável para que se possa delinear referenciais empíricos e a correspondente descrição das pesquisas em questão.

Devemos, ainda, atentar para fenômenos característicos do mundo contemporâneo, como as novas áreas do conhecimento que vão se estabelecendo, num movimento de intensa especialização. As palavras de Luz (1998) são bastante ilustrativas desse fenômeno:

A multiplicação de disciplinas, de objetividades discursivas especializadas, é uma das características mais importantes da racionalidade moderna. Praticamente desdobráveis ao infinito, as disciplinas podem tematizar, sejam conjuntos de relações teóricas entre sistemas de proposições, seja a matéria desde sua mais ínfima partícula até o gigantesco astronômico, seja a totalidade dos seres vivos, vegetais, animais, humanos. E, entre os seres humanos, sejam suas relações sociais, seja a privacidade cotidiana de seus afetos e hábitos individuais, seja a materialização orgânica de seu corpo. (p. 108).

Numa perspectiva distinta e contra hegemônica buscamos identificar, muito provavelmente, características e especificidades de campos científicos, ao mesmo tempo em que investimos nossos esforços na tentativa de visualizar espaços de aproximação entre eles. Assim, cabe reconhecer que diferenças e aproximações podem ser encaradas como faces de uma mesma moeda, em relação dialética entre si de modo que contradições, consensos e conflitos certamente estão presentes e fazem parte dos movimentos e da dinâmica da vida científica. Consideramos ser indispensável pensar que alimentos, nutrientes e *comidas* correspondem a um complexo cujos componentes são inseparáveis na vida. Ainda que haja legítima constituição de campos científicos dirigidos a alguns desses objetos em separado e/ou em disputas concorrenciais próprias dos campos científicos ou dos contextos sociais e econômicos mais amplos em que se encontram inseridos coloquem-nos seguindo para rumos distintos e divergentes mesmo, ainda assim, consideramos que sua aproximação corresponde a um caminho importante para o enfrentamento as questões sociais.

1.2. Sobre o Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq.

Dentro do CNPq encontramos um projeto, com início em 1992, destinado às informações sobre a pesquisa no país, que é o Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP). Sua estrutura básica é o grupo de pesquisa que corresponde a

um grupo de pesquisadores, estudantes e pessoal de apoio técnico que está organizado em torno à execução de linhas de pesquisa segundo uma regra hierárquica fundada na experiência e na competência técnico-científica. Esse conjunto de pessoas utiliza, em comum, facilidades e instalações físicas. Como se vê, a(s) linha(s) de pesquisa subordina(m)-se ao grupo, e não o contrário. Tem-se observado, crescentemente, o aparecimento de configurações onde um líder de grupo declara participar, só ou acompanhado de um segundo líder, de tantos grupos de pesquisa quantas são as linhas que desenvolve. Algumas vezes, inclusive, o que parece ser apenas uma linha de pesquisa, com pequenas variações, aparece como elemento organizador de vários grupos (CONSELHO, 2012).

Esse Diretório possui informações que são atualizadas periodicamente pelos líderes dos grupos de pesquisa. Essa atualização nos situa no tempo e no espaço (região, unidade federativa, instituição) para que possamos conhecer os pesquisadores e suas pesquisas.

O Diretório é um excelente espaço de intercâmbio de informações entre a comunidade científica e tecnológica sobre, por exemplo, composição, financiamento, ou avaliação da pesquisa nacional. Como a atualização é periódica, o DGP corresponde a uma ferramenta para o planejamento e a gestão de atividades de ciência e tecnologia (C&T) e também tem papel fundamental na preservação da memória das atividades científicas no Brasil.

O Diretório possui três finalidades principais. No que se refere à sua utilização pela comunidade científica e tecnológica, no dia-a-dia do exercício profissional, é um eficiente instrumento para o intercâmbio e a troca de informações. Com precisão e rapidez, é capaz de responder quem é quem, onde se encontram o que está fazendo e o que produziu recentemente.

Seja no nível das instituições, seja no das sociedades científicas ou, ainda, no das várias instâncias de organização político-administrativa do país, a base de dados do Diretório é uma fonte inesgotável de informação. Além daquelas informações diretamente disponíveis sobre os grupos, seu caráter censitário convida ao aprofundamento do conhecimento por meio das inúmeras possibilidades de estudos de tipo *survey*. A construção de amostras permitirá o alcance de respostas sobre campos não cobertos pelos dados, como, por exemplo, o financiamento, a avaliação qualitativa da produção científica e tecnológica, bem como o padrão fino das interações entre grupos de pesquisa e o setor produtivo. Desta forma, é uma poderosa ferramenta para o planejamento e a gestão das atividades de ciência e tecnologia (CONSELHO, 2012).

Através do DGP são realizados censos e disponibilizados conteúdos estatísticos que indicam o estado da pesquisa a cada dois anos. Além disso, é mantida uma base corrente que permite a atualização constante de informações provenientes dos grupos de pesquisa. O DGP permite a busca de informações sobre os grupos de pesquisa, líderes dos grupos, pesquisadores, estudantes e técnicos, sua produção em C&T. Para que um grupo de pesquisa esteja nessa base, é necessário seu cadastramento na instituição na qual está inserido e desta junto ao CNPq. Universidades Federais, Estaduais, Municipais, Privadas, Instituições de Ensino Superior (IES), reconhecidas pelo Ministério da Educação (MEC), e institutos de pesquisa, entre outros, fazem parte do DGP (CONSELHO, 2010a).

Estão disponíveis no DGP tabulações identificadas como “Séries Históricas” que possibilitam visualização de dados agregados acerca de vários aspectos desses grupos de pesquisa. Ressalvamos que, parcela significativa da tendência de crescimento observada nos números absolutos de grupos de pesquisa, principalmente até 2000, decorre do aumento da taxa de cobertura do levantamento. A tabela 1 nos apresenta uma visão geral da pesquisa brasileira apresentando informações extraídas diretamente dessas “Séries Históricas”. A base de dados do DGP está constituída, conforme o último censo de 2010, por um total de 27.523 grupos de pesquisa contando com 128.892 pesquisadores, dos quais 81.726 são doutores.

Tabela 1. Número de instituições, grupos, pesquisadores e pesquisadores doutores no Brasil de 1993 a 2010.

Principais dimensões	Anos dos censos								
	1993	1995	1997	2000	2002	2004	2006	2008	2010
1. Instituições	99	158	181	224	268	335	403	422	452
2. Grupos de pesquisa	4.402	7.271	8.632	11.760	15.158	19.470	21.024	22.797	27.523
3. Pesquisadores (P)	21.541	26.779	33.980	48.781	56.891	77.649	90.320	104.018	128.892
4. Pesquisadores doutores (D)	10.994	14.308	18.724	27.662	34.349	47.973	57.586	66.785	81.726
(D)/(P) em %	51,0	53,4	55,1	56,7	60,4	61,8	63,8	64,2	63,4

Fonte: CONSELHO, 2010b.

Registramos um crescimento regular do parque científico nacional através do gráfico 1. O conjunto dos grupos de pesquisa cresceu cerca de seis vezes no período de 1993 a 2010. Destacamos, neste cenário, a formação de doutores que apresenta incremento de 7,4 vezes nesse mesmo intervalo de tempo; é mais intenso que os verificados em instituições, grupos de pesquisa e pesquisadores no País, sugerindo também elevação da qualificação da pesquisa brasileira nas últimas duas décadas.

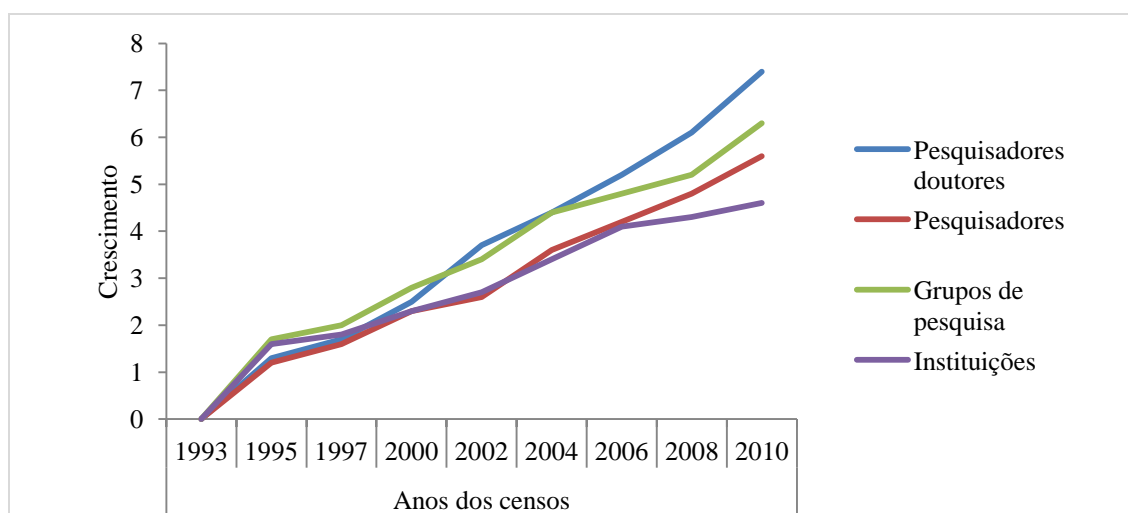


Gráfico 1. Crescimento do número de pesquisadores doutores, pesquisadores, instituições e grupos de pesquisa no Brasil de 1993 a 2010^{a b}.

A. Tabela A correspondente encontra-se no Anexo.

B. O crescimento expressa o número de vezes que o conjunto é maior em relação ao ano de 1993.

Fonte: CONSELHO, 2010b.

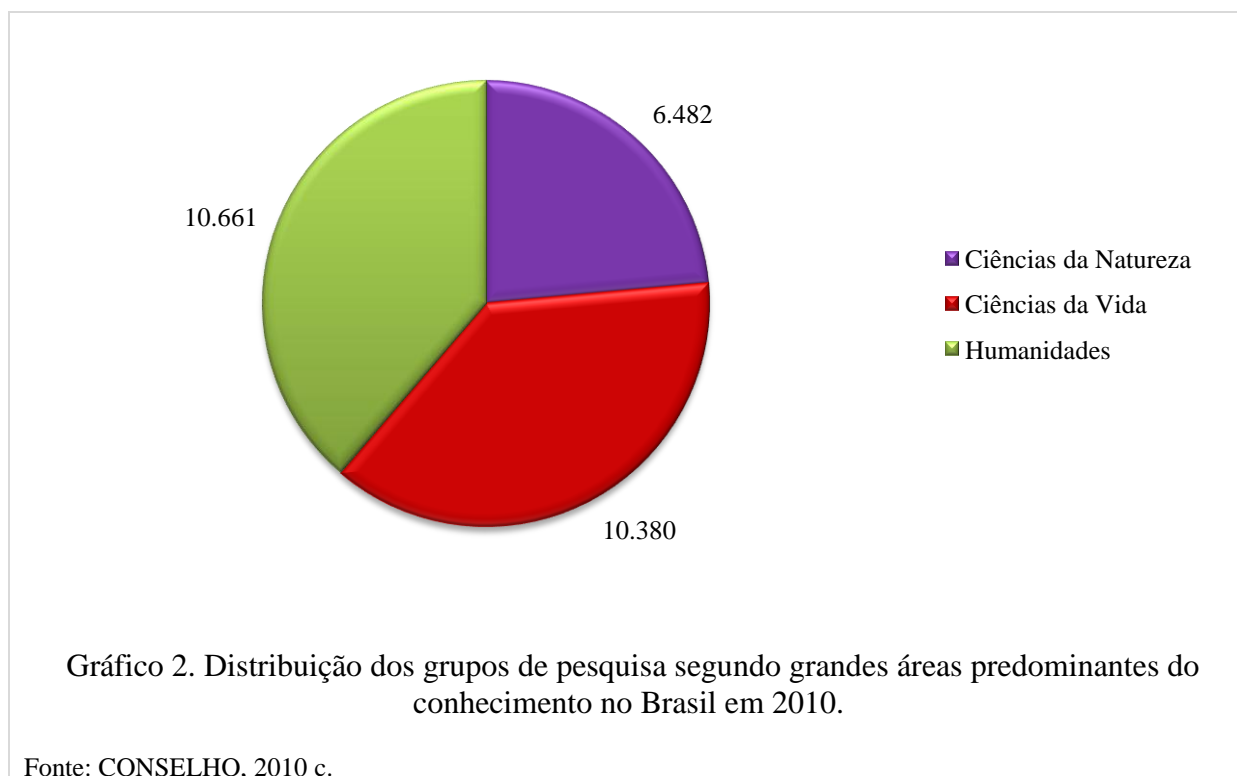
Todo o conjunto da pesquisa brasileira encontra-se classificado como “área do conhecimento”. Também conhecida como “árvore do conhecimento”, essa classificação se materializa por meio de uma tabela construída como uma taxonomia de cunho naturalizante (como discutiremos mais adiante) utilizada como referência de ordenamento das atividades científicas (PRADO e SAYD, 2004).

Tabela 2. Grupos de pesquisa segundo grandes áreas do conhecimento predominante no Brasil de 1993 a 2010.

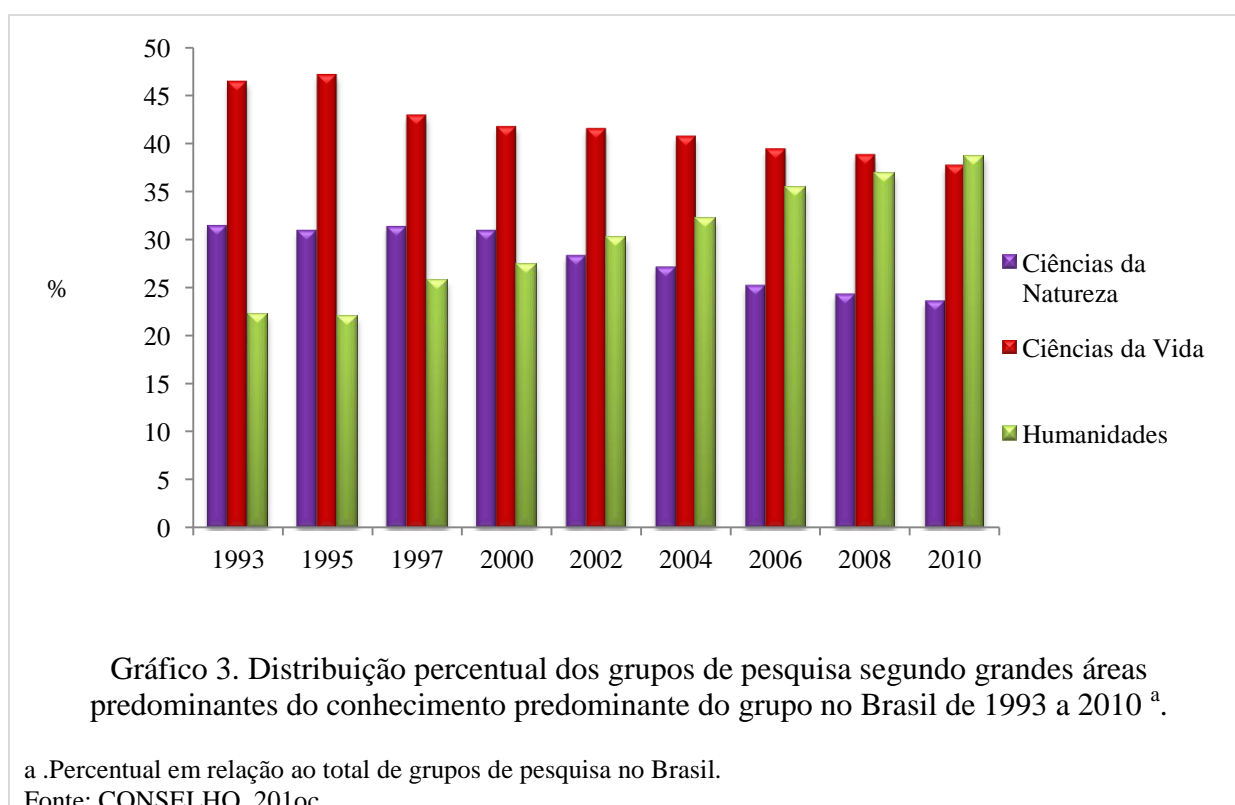
Grande área do conhecimento	1993		1995		1997		2000		2002		2004		2006		2008		2010	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>Ciências da Natureza</i>	1.296	31,4	2.245	30,9	2.678	31,3	3.638	30,9	4.294	28,3	5.280	27,1	5.304	25,2	5.542	24,3	6.482	23,6
Engenharias e C. Computação	626	15,2	1.035	14,2	1.339	15,7	1.826	15,5	2.243	14,8	2.826	14,5	2.844	13,5	3.027	13,3	3.548	12,9
Ciências Exatas e da Terra	670	16,2	1.210	16,6	1.339	15,7	1.812	15,4	2.051	13,5	2.454	12,6	2.460	11,7	2.515	11,0	2.934	10,7
<i>Ciências da Vida</i>	1.916	46,4	3.427	47,1	3.669	42,9	4.904	41,7	6.292	41,5	7.929	40,7	8.275	39,4	8.834	38,8	10.380	37,7
Ciências da Saúde	502	12,2	1.210	16,6	1.419	16,6	1.832	15,6	2.513	16,6	3.371	17,3	3.610	17,2	3.961	17,4	4.573	16,6
Ciências Biológicas	842	20,4	1.273	17,5	1.338	15,7	1.720	14,6	2.126	14,0	2.561	13,2	2.624	12,5	2.696	11,8	3.108	11,3
Ciências Agrárias	572	13,9	944	13,0	912	10,7	1.352	11,5	1.653	10,9	1.997	10,3	2.041	9,7	2.177	9,5	2.699	9,8
<i>Humanidades</i>	916	22,2	1.599	22,0	2.197	25,7	3.218	27,4	4.572	30,2	6.261	32,2	7.445	35,4	8.421	36,9	10.661	38,7
Ciências Humanas	482	11,7	794	10,9	1.180	13,8	1.711	14,5	2.399	15,8	3.088	15,9	3.679	17,5	4.219	18,5	5.387	19,6
Ciências Sociais Aplicadas	237	5,7	468	6,4	565	6,6	930	7,9	1.429	9,4	2.120	10,9	2.501	11,9	2.754	12,1	3.438	12,5
Linguística, Letras e Artes	197	4,8	337	4,6	452	5,3	577	4,9	744	4,9	1.053	5,4	1.265	6,0	1.448	6,4	1.836	6,7
Total	4.128	100,0	7.271	100,0	8.544	100,0	11.760	100,0	15.158	100,0	19.470	100,0	21.024	100,0	22.797	100,0	27.523	100,0

Fonte: CONSELHO, 2010c .

A partir dessas áreas do conhecimento, agrupam-se domínios científicos. Capitais financeiros e simbólicos são distribuídos e disputados e estabelecem-se jogos de interesses internos e externos à ciência que vão definindo os espaços mais ou menos ativos na sociedade. Abordar a dinâmica e os movimentos no campo científico são tarefa complexa, à qual apenas nos aproximamos, neste momento, tratando da distribuição mais recente dos grupos de pesquisa nas três “grandes áreas do conhecimento”. A partir da área de conhecimento predominante que o líder de cada grupo de pesquisa indica no momento de sua criação, o DGP procede tabulações e disponibiliza informações nesse âmbito, a cada censo realizado. O último censo do DGP, relativo ao ano de 2010, informa a predominância da parcela da ciência situada nas Humanidades, com 38,5% dos grupos de pesquisa brasileiros (que inclui as “áreas” Ciências Humanas; Ciências Sociais Aplicadas; Linguística, Letras e Artes); é seguida com muita proximidade pelas Ciências da Vida, com 37,7% (abarcando as Ciências da Saúde; Ciências Biológicas e Ciências Agrárias); por fim, encontram-se as Ciências da Natureza, com 23,6% (Engenharias e Ciências da Computação; Ciências Exatas e da Terra). O Gráfico 2 possibilita visualização do cenário atual.



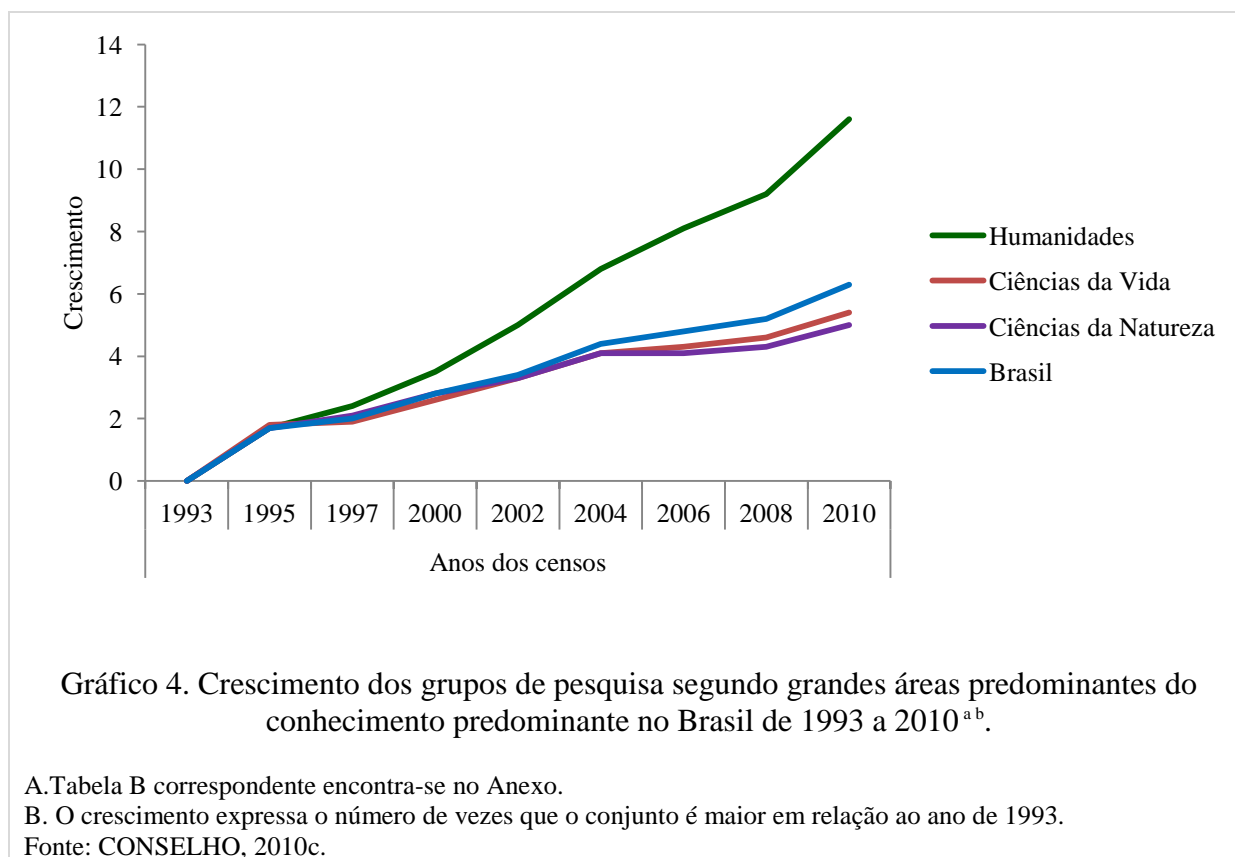
Nem sempre foi assim, como se pode deduzir da tabela 2, onde é possível visualizar a distribuição dos grupos de pesquisa brasileiros nas grandes áreas do conhecimento. Desde que o DGP foi criado, importantes mudanças podem ser identificadas, em especial, distintos padrões de distribuição nos diferentes espaços de produção de conhecimentos e saberes e de formação humana em pesquisa, como se pode verificar, por exemplo, no gráfico 3. Inicialmente, as Ciências da Vida representavam a maior proporção dos grupos de pesquisa, seguidas das Ciências da Natureza; mas, o que vemos ao longo dos anos é uma inversão na participação proporcional, efetivada em tendência regular que se mantém até os dias atuais.



Em que pese os distintos padrões de distribuição proporcional, o número de grupos de pesquisa no Brasil cresceu 6,3 vezes no período de 1997 a 2010, conforme anteriormente aludido. Evidentemente, cada uma dessas “grandes áreas” também cresceu e seguindo também diferentes trajetórias. Nas Ciências da Natureza e das Ciências da Vida o incremento foi, em cada uma, de cerca de cinco vezes nesse mesmo período, enquanto que as Humanidades aumentaram quase 12 vezes, praticamente, o dobro da média nacional, o que podemos

entender como uma indicação de vigor que não pode ser desconhecida, minimamente que seja, nas pretensões de desenvolvimento de atividades científicas desta última (Gráfico 4).

Cabe adiantar que essa tendência parece se manifestar nos resultados do presente estudo, como veremos no capítulo dedicado à discussão dos achados desta investigação.



Os grupos de pesquisa, ordenados nessa taxonomia, estão subdivididos em “áreas”, das quais duas nos interessam: a assim denominada “Nutrição”, situada no interior das Ciências da Saúde, e a que recebe o nome de “Ciência e Tecnologia dos Alimentos”, inserida nas Ciências Agrárias; todas compondo as Ciências da Vida. São as únicas nomenclaturas que podem ser diretamente associadas ao objeto deste estudo. Vejamos o caminhar dos grupos de pesquisa no interior das Ciências da Vida no gráfico 5, lembrando que esta parcela corresponde a 37,7% do conjunto nacional em 2010 e que, em seu interior, registramos a preponderância das Ciências da Saúde na atualidade.

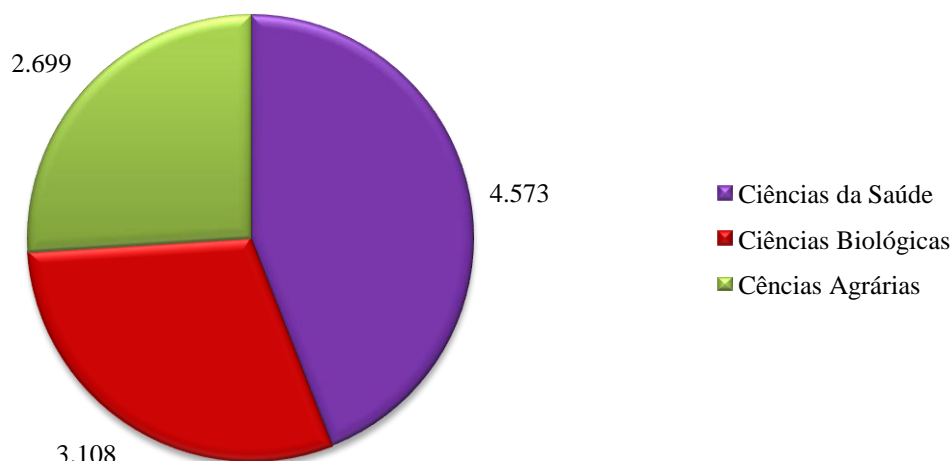


Gráfico 5. Grupos de pesquisa segundo grandes áreas do conhecimento predominantes no Brasil em 2010.

Fonte: CONSELHO, 2010c

Também nas Ciências da Vida, o percurso vem sendo diferenciado em cada uma das “áreas” que a compõem. As Ciências da Saúde destacam-se por sua trajetória caracterizada por certa manutenção na sua participação proporcional no conjunto dos grupos de pesquisa; já as proporções, tanto das Ciências Biológicas quanto das Agrárias, decresceram sensivelmente entre 1997 e 2010; isso quando comparamos cada uma destas três áreas ao total de grupos de pesquisa cadastrados no DGP (gráfico 6).

O padrão de crescimento do número de grupos de pesquisa nas Ciências da Vida foi de 5,4 vezes no período em tela, ficando abaixo da média nacional (6,3 vezes). Mas, em seu interior, o crescimento específico de cada uma dessas áreas – Ciências da Saúde, Biológicas e Agrárias – apresenta características próprias, conforme observamos no gráfico 7. O ritmo de incremento é notável na Saúde (9,1 vezes), muito mais intenso que nas outras duas (3,7 e 4,7, respectivamente); devemos colocar em destaque o fato de que, mesmo compondo um conjunto que teve incremento abaixo do padrão nacional, as Ciências da Saúde apresentaram um crescimento dos mais intensos, próximo ao encontrado nas Humanidades. Lembramos que é nas Ciências da Saúde que se situa a “Nutrição” e que “Ciência e Tecnologia de Alimentos” faz parte das Ciências Agrárias.

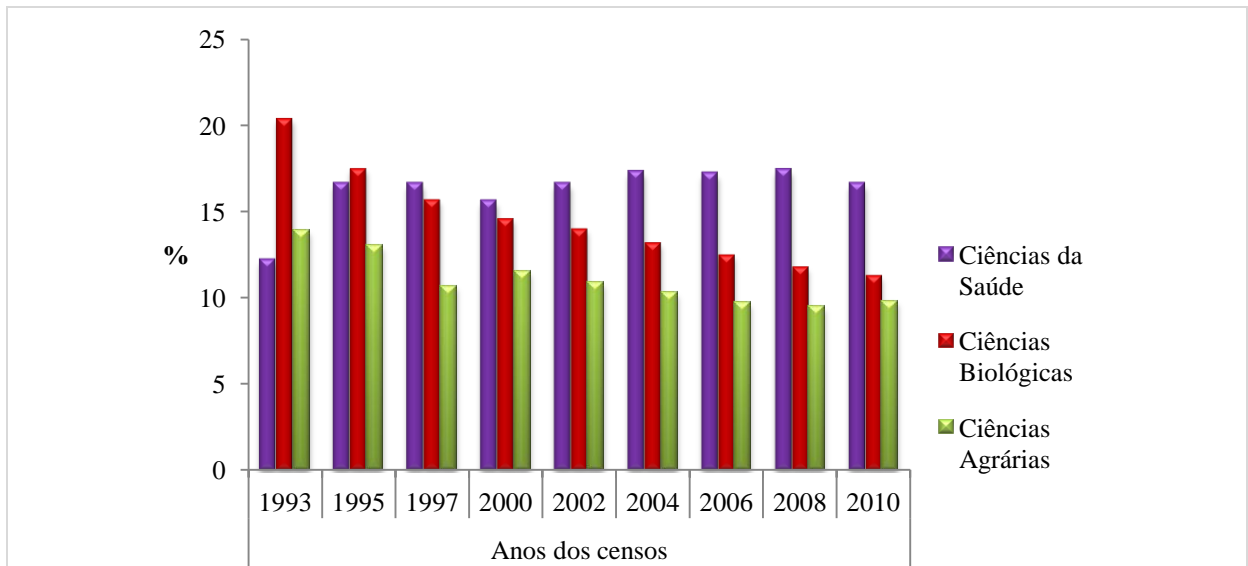


Gráfico 6. Distribuição percentual dos grupos de pesquisa na grande área predominante das Ciências da Vida no Brasil de 1993 a 2010^a.

Fonte: CONSELHO, 2010c.

A.. Percentual em relação ao total de grupos de pesquisa no Brasil.

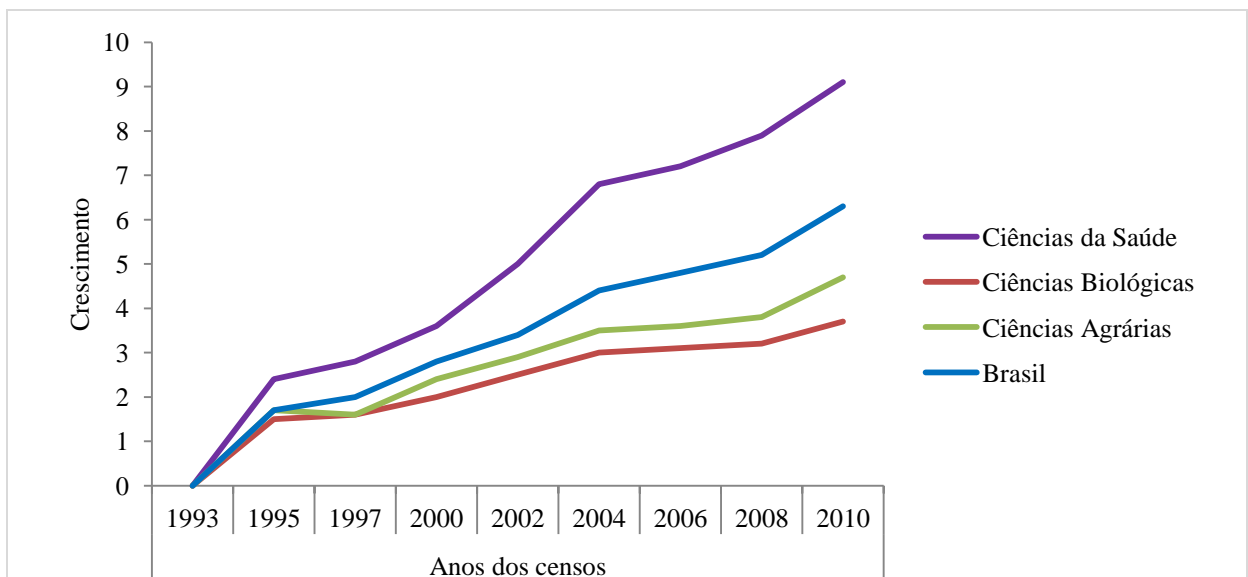


Gráfico 7. Crescimento dos grupos de pesquisa na grande área predominante das Ciências da Vida no Brasil de 1993 a 2010^{a,b}.

A. Tabela B correspondente encontra-se no Anexo.

B. O crescimento expressa o número de vezes que o conjunto em cada censo é maior em relação ao ano de 1993.

Fonte: CONSELHO, 2010c.

Observamos, entretanto, que a pesquisa é, obviamente, muito mais complexa que qualquer classificação que se venha a fazer em relação a ela. Assim, associar um grupo de pesquisa a uma única área do conhecimento corresponde a procedimento que reduz a visibilidade do escopo de atividades aí realizadas, seja porque a própria classificação é limitante, seja porque as pesquisas podem estar vinculadas as várias dessas “áreas” do conhecimento simultaneamente, o que não é incomum.

Uma das limitações inerentes à classificação diz respeito a pesquisadores que, mesmo institucionalizados através seus grupos de pesquisa, não têm seus estudos e ações políticas sequer representadas na nomenclatura adotada na “Tabela das Áreas do Conhecimento”. Este é claramente o caso da *Alimentação*. Estes grupos são como “falso-positivos” presentes, certamente, nos grupos identificados em “áreas” como Nutrição ou Saúde Coletiva ou Antropologia e que, mantida essa classificação tal como hoje se dá, jamais seriam identificados como grupos de pesquisa em *Alimentação*. E, por esse caminho, não podem solicitar recursos, nem ter lugar institucional em comitês avaliadores ou coordenações de áreas identificadas sob essa específica denominação (PRADO et al, 2011).

Este é o caso de pesquisadores destacados, inseridos em grupos de pesquisa e programas de pós-graduação bem conceituados que estudam a *comida* em aspectos culturais, sociais ou filosóficos, entre outros, ou seja, atuam no campo científico da Alimentação, e que muitas vezes necessitam reorientar seus projetos para abordagens biomédicas para obter algum sucesso em seus pedidos de auxílios avaliados na “área” da Nutrição ou outras.

Há também pesquisadores reconhecidos por suas orientações e publicações que não estão, necessariamente, vinculados a um único programa de pós-graduação *stricto sensu* e tampouco a uma única linha de pesquisa; eles podem estar ligados (e muitos, de fato, estão a outros programas ou linhas de pesquisa situadas em diferentes “áreas” que complementam seus conhecimentos investindo, assim, em perspectivas interdisciplinares).

Dessa forma, consideramos que é bastante sensato pensar que há muito mais grupos de pesquisa atuando voltados para estudos sobre *alimentos*, *nutrientes* e *comida* que o indicado nos dados disponibilizados através do DGP, assim como o crescimento da pesquisa dirigida a esses objetos também pode apresentar dinâmica distinta da apresentada nas tabelas e gráficos anteriormente apresentados (PRADO et al, 2011).

Reconhecemos a importância do DGP para a pesquisa brasileira, louvamos a iniciativa e consideramos que ela pode e deve ser aprimorada. Tal lapidação passa pela possibilidade de considerar algumas questões importantes na classificação da vida científica.

Entendemos apropriado considerar a concepção de *campos científicos* que, por sua característica dinâmica e multidimensional, admite associação a vários espaços sociais de produção de conhecimentos e saberes e formação humana em pesquisa, reconhecendo a ação política e os movimentos dos atores aí inseridos (BOURDIEU, 1983, 1996, 2004; PRADO *et al.*, 2011).

1.3. Os grupos de pesquisa na área predominante do conhecimento Ciência e Tecnologia de Alimentos nas Séries Históricas do Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq.

Para Stengers (1990) “*a definição de meu objeto e de minhas questões responde às normas da cientificidade, porque eliminei tudo o que não respondia a tais normas*”. E qual é o objeto das Ciências dos Alimentos? Para responder tal questão buscamos livros e tratados clássicos que se voltam para esse lugar da ciência e que apresentam teorias e métodos que o estruturam.

Salinas (2002), em seu livro “Alimentos e nutrição: introdução à Bromatologia”, largamente utilizado na formação graduada de vários profissionais, nos diz que o alimento é considerado como toda substância ou mistura de substâncias naturais ou processadas que, ingeridas pelo homem, garantam ao seu organismo os materiais e a energia necessários para o desenvolvimento de seus processos biológicos. Além disso, as substâncias ou misturas de substâncias que são ingeridas por hábito, costume ou como aditivos, tenham ou não valor nutritivo. Pode estar no estado sólido, líquido, pastoso ou qualquer outra forma adequada, destinada a fornecer ao organismo humano os elementos normais à sua formação, manutenção e desenvolvimento (BONTEMPO, 1997; BARBOSA, 1989).

Nessa mesma linha, outros autores de livros e tratados explicitam esse objeto.

O alimento *in natura* é todo aquele de origem vegetal ou animal para cujo consumo se exija apenas a remoção da parte não comestível e os tratamentos indicados para sua perfeita higienização e conservação. (FREITAS, 2005, p. 66).

Alimentos industrializados são de origem vegetal ou animal que, para o consumo humano final, foram submetidos a diversas técnicas, como a remoção de partes não comestíveis, cocção, pasteurização, branqueamento etc., além da adição de outras substâncias, que os fazem alimentos tecnologicamente modificados. (PHILIPPI, 2003, p. 22).

Há classificações dos alimentos como não tradicionais, mas já experimentados para uso humano como os derivados de leveduras; alimentos não tradicionais derivados de certos fungos; formulações empregando edulcorantes e/ou substitutos de gorduras, alimentos geneticamente modificados, alimentos para grupos específicos; alimentos modificados; alimentos dietéticos; adoçantes de mesa (CÂNDIDO e CAMPOS, 1995, p. 25).

Chaves (1978) considera que alimento é o material que o organismo recebe para satisfazer suas necessidades de manutenção, crescimento, trabalho e restauração dos tecidos e o homem consome em qualquer estado físico. Fornece energia e os materiais de formação para incontáveis substâncias que são essenciais para o crescimento e sobrevivência dos seres vivos (MAHAN e ESCOTT-STUMP, 2002). E Franco nos diz que os alimentos *São formados por moléculas complexas que devem ser transformadas em seus constituintes básicos, mais simples, a fim de torná-los em condições de incorporação ao meio interno* (FRANCO, 2005, p.1).

Além das definições, geralmente presentes nas páginas introdutórias desses livros, seus sumários ratificam a concepção do *alimento* como uma fonte para nutrir o organismo biológico, um veículo de nutrientes e de outras substâncias necessárias ao funcionamento do corpo humano. A composição química e as propriedades físico-químicas dos alimentos são ladeadas por questões ligadas a higiene, formas de preparo, rotulagem (ANDRADE, 2009; MOREIRA, 2002).

Enfim, em todos esses livros que introduzem o estudioso às Ciências dos Alimentos (ou na área da Ciência de Alimentos ou Ciências dos Alimentos ou Ciência e Tecnologia de Alimentos, como é corrente a nomenclatura nas instituições de ensino, pesquisa e agências de fomento por derivação da Tabela das Áreas do Conhecimento) fica evidente que o *alimento*, seu objeto central, é concebido como substância tomada pelo corpo humano com fins nutricionais e o seu valor está relacionado à sua composição química, qualidade sanitária, inocuidade, tecnologias de produção e distribuição e possibilidades terapêuticas (CARVALHO, LUZ e PRADO, 2011).

Entendemos, assim, que esse objeto corresponde, sem margens de variações ou heterogeneidades significativas, ao *alimento* entendido como uma “coisa” situada na ordem da Natureza⁶. Algo que carrega nutrientes para dar conta das necessidades de um corpo biológico. Os procedimentos metodológicos para o estudo do *alimento* estabelecem-se, portanto, no âmbito das Ciências da Natureza, tal qual a Física, a Química ou a Biologia.

No Brasil, investimentos em pesquisa sobre alimentos foram e vem sendo valorizados em vinculação a uma concepção do país como celeiro do mundo. Em sua extensão territorial continental o Brasil caracteriza-se por comportar importantes forças sociais associadas ao setor de produção de alimentos em vastas áreas rurais. Percebido pela ordem militar vigente a

⁶ Sobre distinção entre natureza e cultura ver LEVI-STRAUSS, Claude. Natureza e cultura. In: *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982.

partir de 1964 como um grande potencial para abastecer outros países, o Brasil foi contemplado com uma significativa rede de pesquisas especificamente voltada para o alimento e o desenvolvimento de sua produção.

Assim, foi criada a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) com presença em todo o território nacional e tendo em seu interior o Sistema Nacional de Pesquisa Agropecuária (SNPA) que congrega universidades e institutos de pesquisa de âmbito federal ou estadual, bem como por outras organizações, públicas e privadas, direta ou indiretamente vinculadas à atividade de pesquisa agropecuária. Um exemplo de organismo estadual é o Instituto de Tecnologia de Alimentos (ITAL) vinculado ao Estado de São Paulo; forte espaço de produção de conhecimentos, que tem como seu primeiro objetivo “*contribuir para aumentar a competitividade das empresas no mercado inter e externo*” (INSTITUTO, 2012). Vários outros órgãos de pesquisas conformam as bases do que poderia ser identificado como o agronegócio brasileiro. Trata-se de iniciativa de grande relevância no mundo da ciência brasileira, envolvendo investimentos financeiros de alta monta. Em nossos levantamentos, não encontramos informações sobre inversões financeiras e organizações institucionais dessa envergadura na pesquisa em alimentação e nutrição, por exemplo.

Em termo empírico-institucionais e a partir da Tabela das Áreas do Conhecimento, o lugar que protagoniza o ordenamento de informações sobre a produção de conhecimentos sobre o *alimento* corresponde às denominadas *Ciências Agrárias*, na subdivisão *Ciência e Tecnologia dos Alimentos*. Conforme assinalamos anteriormente, no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq, há dados consolidados no espaço denominado “Séries Históricas”, que sintetizam a evolução temporal e agregada do perfil dos grupos de pesquisa. Nas “Séries Históricas”, é possível identificar as áreas do conhecimento, que sistematizam informações sobre o desenvolvimento científico e tecnológico, especialmente aquelas referentes a projetos de pesquisa e formação humana.

O gráfico 8 abaixo demonstra o número de grupos de pesquisa na área Ciência e Tecnologia de Alimentos em cada censo realizado pelo DGP. Em 2010 constavam registros e existência de 370 grupos de pesquisa. (CONSELHO, 2011b).

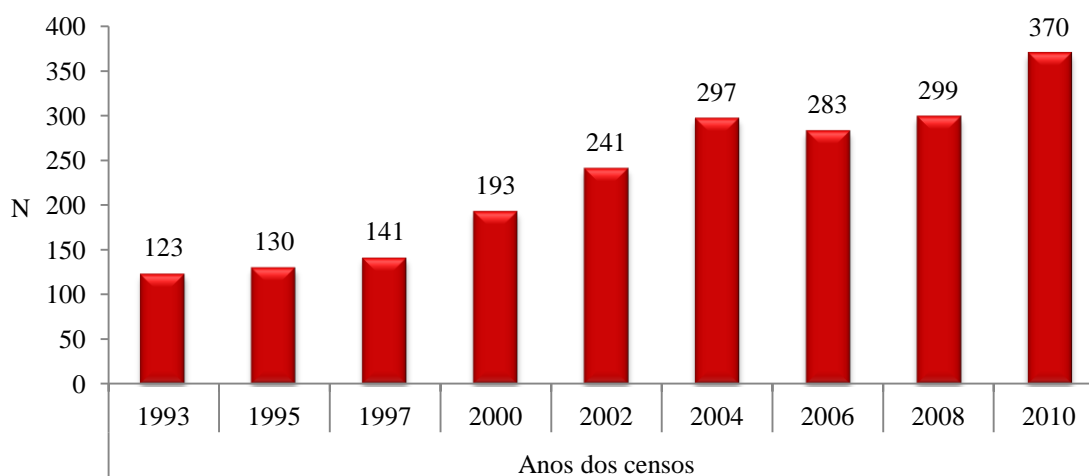


Gráfico 8. Distribuição dos grupos de pesquisa da área predominante de Ciência e Tecnologia de Alimentos no Brasil de 1993 a 2010.

Fonte: CONSELHO, 2010c.

A participação proporcional dos grupos de pesquisa, cujos líderes informaram ser a Ciência e Tecnologia de Alimentos sua “área” predominante, em relação ao conjunto brasileiro, encontra-se apresentada no gráfico 9. Observamos que esse padrão de distribuição acompanha os observados nas Ciências da Vida e, em seu interior, as Ciências Agrárias, que apresentaram redução em sua participação proporcional no período em questão.

Também nesta “área” houve crescimento entre 1993 e 2010, mas em ritmo inferior a as áreas aqui tomadas para comparação, sendo inclusive metade do observado no Brasil.

A determinação dessa dinâmica na área da Ciência e Tecnologia de Alimentos escapa ao leque de interesses de nosso estudo. Contudo, parece-nos importante colocar em evidência a contradição que esses dados parecem sugerir entre a história de investimentos em pesquisa e o ritmo mais compassado de crescimento no número de grupos de pesquisa no País. De qualquer forma, trata-se de uma dinâmica que se diferencia do conjunto nacional em alguns aspectos ao mesmo tempo em que se mostra afinada com algumas outras áreas do conhecimento. A relevância dessa nota reside na reafirmação da perspectiva de que distintos campos apresentam movimentos influenciados por aspectos mais gerais da vida em sociedade e da ciência como um todo, ao mesmo tempo em que são dinâmicos e têm características próprias.

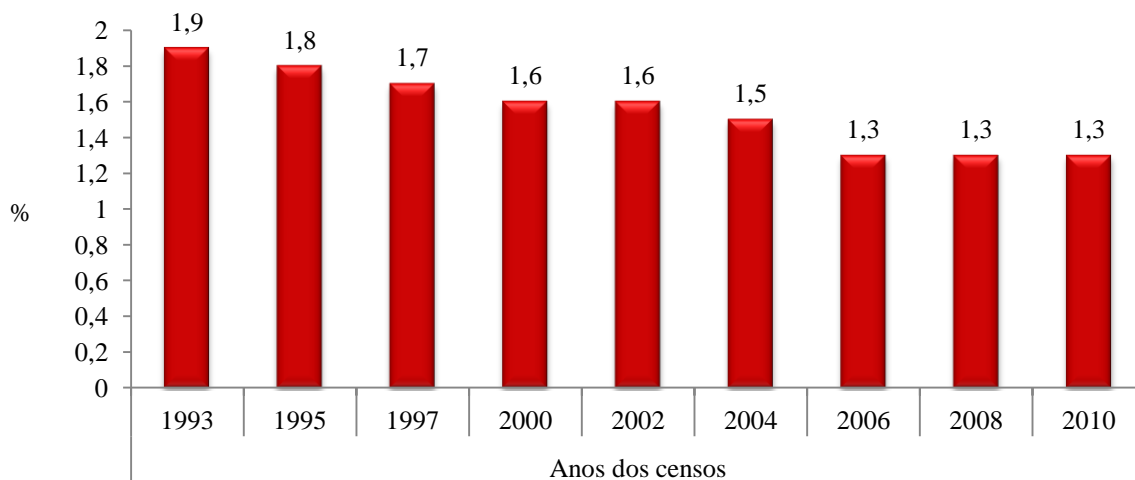


Gráfico 9. Distribuição percentual dos grupos de pesquisa da área predominante de Ciência e Tecnologia de Alimentos no Brasil de 1993 a 2010^a.

A. Percentual em relação ao total de grupos de pesquisa no Brasil.
 Fonte: CONSELHO, 2010c.

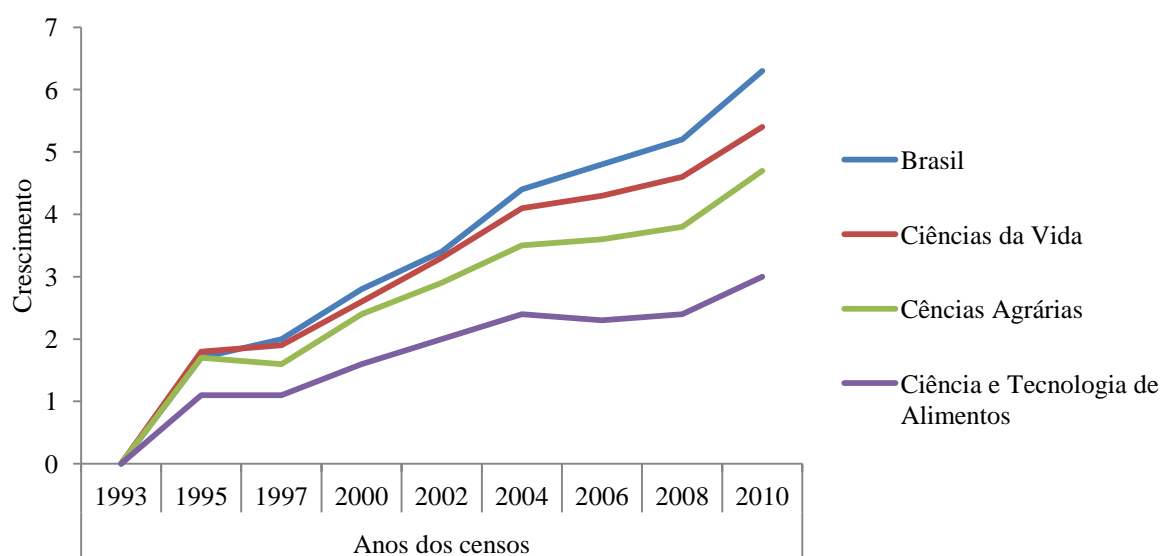


Gráfico 10. Crescimento dos grupos de pesquisa nas áreas predominantes das Ciências da Vida, Ciências Agrárias e Ciência e Tecnologia de Alimentos e no Brasil de 1993 a 2010^{a,b}.

A. Tabela B correspondente encontra-se no Anexo.

B. O crescimento expressa o número de vezes que o conjunto em cada censo é maior em relação ao ano de 1993.
 Fonte: CONSELHO, 2010c.

Em suma, ao buscarmos informações sobre os grupos de pesquisa que se dirigem ao *alimento* como objeto de estudo nas Séries Históricas do DGP encontramos 370 grupos em atividade em 2010, o que representa 1,3% dos existentes no Brasil. De 1993 até o último censo, houve crescimento no número desses grupos, porém em ritmo menos intenso que os que caracterizaram as Ciências Agrárias, as Ciências da Vida e o país como um todo. Também sua participação proporcional nesses conjuntos sofreu decréscimos, diferentemente de outros espaços da ciência.

Alertamos para o fato de que há outras áreas que tratam desse objeto – o *alimento* – como a Agronomia, Engenharia de Produção, Medicina Veterinária, Zootecnia... e que não podem ser identificadas através das informações disponibilizadas nas “Séries Históricas” uma vez que, como registrado anteriormente, estas partem da área predominante de cada grupo de pesquisa para chegar às tabelas aí divulgadas. A esse ponto retornaremos mais adiante.

1.4. Os grupos de pesquisa na área predominante Nutrição nas Séries Históricas do Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq.c

Procedendo da mesma forma, buscamos nos tratados do campo o estabelecimento do objeto e metodologias que conformam a Nutrição (COZZOLINO, 2005; MAHAN, 2002)

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2011), a Nutrição corresponde à relação entre a ingestão de alimentos e as necessidades dietéticas do corpo. Para Duarte, *a Nutrição estuda a participação dos nutrientes (presentes nos alimentos) na saúde e nas doenças* (2003, p. 90). E, conforme Chaves, *a nutrição é propriedade fundamental dos seres vivos, peculiar a todos, sem as quais não há vida e sendo o alimento o principal carreador do meio externo para dentro dos organismos vivos* (1978, p. 3).

Para Cozzolino, os *nutrientes* seriam substâncias nutritivas e necessárias ao funcionamento do organismo.

A Nutrição ou Ciências Nutricionais estuda todos os mecanismos por meio dos quais os organismos vivos recebem e utilizam as substâncias necessárias do funcionamento orgânico normal. É dos alimentos que, uma vez consumidos e trabalhados no sistema digestivo, se individualizam muitas substâncias nutritivas que, absorvidas e metabolizadas, garantem a boa nutrição, fundamental à saúde, ao desenvolvimento físico e mental de todas as pessoas (2005, p. 1).

Em Krause (1969) encontramos que Nutrição é a combinação de processos através dos quais o organismo vivo recebe e utiliza os materiais (alimentos) necessários à manutenção de suas funções e ao crescimento e renovação dos seus constituintes. Seria, portanto, *a ciência*

que estuda as reações do organismo frente à ingestão de alimentos, às variações da dieta e outros fatores de caráter patológico ou geral (CHAVES, 1978, p. 4).

Em CHEMIN E MURA (2007) encontramos que

O *nutriente* é indispensável à manutenção e à preservação da saúde, condições importantes na prática clínica. A avaliação dietética tem como objetivo inicial identificar a ingestão alimentar e, posteriormente, avaliá-la em relação às recomendações nutricionais para a obtenção de uma dieta equilibrada, permitindo identificar a ingestão deficiente ou excessiva de energia e a disponibilidade e o consumo de alimentos (pág. 147).

A Ciência da Nutrição, com base em pesquisas e em estudos científicos de outras ciências, fornece aos especialistas, do ramo as informações científicas e técnicas necessárias para a elaboração de refeições equilibradas de grupos ou indivíduos, as recomendações de calorias e nutrientes, em quantidade e qualidade para atender às suas necessidades com uma margem de segurança; isso ocorre através das tabelas nutricionais (pág. 475).

A Nutrição só se faz normalmente pela ingestão de alimentos, que só se dá quando o apetite é despertado pelos alimentos que estão à sua frente e dão “água na boca”. É o prenúncio de uma boa digestão, fator essencial para o aproveitamento, pelo organismo humano, das substâncias alimentares indispensáveis à sua nutrição (pág. 475).

Os alimentos ingeridos devem percorrer o trato digestório para serem digeridos e liberar *nutrientes* numa forma disponível para sua absorção e para a circulação, de onde serão distribuídos aos diferentes órgãos, tecidos e células (pág. 3). O ser humano, assim como outros animais, precisa de *nutrientes* em quantidade e qualidade adequadas para atender todas as necessidades de energia e nutrientes (OLIVEIRA E MARCHINI, 1998, p. 4).

A Nutrição, no seu sentido amplo, compreende o estudo de todos os mecanismos através dos quais os seres vivos recebem e utilizam os nutrientes necessários à vida (pág.1). A Nutrição engloba um conjunto sistemático de conhecimentos, fatos e princípios, e esse aspecto está estreitamente ligado às Ciências Biológicas como a Fisiologia, Bioquímica, Biologia, etc., por outro lado, está também intimamente ligada às ciências comportamentais e humanas, tais como sociologia, antropologia, economia, etc (pág.1). É preciso, entretanto, que os conhecimentos relativos aos alimentos, à alimentação, aos nutrientes e à sua utilização no organismo vivo seja aceito e reconhecido como área de estudo e de trabalho da nutrição básica (fisiologia, bioquímica e especialmente biologia celular através dos estudos da nutrição celular (OLIVEIRA, SANTOS E WILSON, 1982, p. 1).

Nas concepções aí apresentadas, a Nutrição é entendida como o campo científico cujo objeto corresponde aos *nutrientes*, provenientes dos alimentos, em suas relações com as necessidades celulares do corpo humano normal ou patológico. Sua aplicação se dá por meio de uma dietética que parte dos princípios e processos básicos da Ciência da Nutrição no organismo humano, materializando-se através do planejamento, da execução e da avaliação de dietas adequadas às características biológicas, socioeconômicas, culturais e psicológicas dos indivíduos (PHILIPPI, 2003).

Devemos registrar que os princípios que regem a dietética são estabelecidos, fundamentalmente, pelas recomendações e necessidades de nutrientes do corpo biológico; somente após é que se passa às considerações de cunho socioeconômico, cultural ou psicológico. Nesse sentido, Diez Garcia (2003) afirma que, nesses termos, essa dietética mais

se assemelha à prescrição dietoterápica; mesmo que não haja doença instalada, é necessário seguir dietas, via de regras, de restrição, para prevenir doenças e, também auxiliar no ganho de peso e/ou massa muscular, no caso dos atletas. Essa é a tônica da Nutrição que expressa hegemonia do paradigma biomédico, valorizando a produção de conhecimentos sobre *nutrientes* presentes nos alimentos e suas interações no corpo humano normal ou patológico, relacionando o estado nutricional de populações e com recomendações sobre ingestão de alimentos (FREITAS, MINAYO, FONTES, 2011) visando centralmente a prevenção, o tratamento ou a cura de doenças. Trata-se, portanto, de uma perspectiva fortemente higienista da saúde, construída a partir de regras, de normas, de fundamentos biológicos que devem ser seguidos a partir do estabelecido por especialistas em doenças. A Ciência da Nutrição *condiz com o enfoque da “norma”, da dieta regulada [...] por ser um termo de caráter técnico, [...] que recupera representações com conteúdo envernizado tecnicamente* (CARVALHO, LUZ e PRADO, 2011, p.160) e a dieta representa uma prescrição ou orientação que segue as recomendações de consumo diário e as quantidades que devem ser estabelecidas de acordo com horários e número de refeições por dia. Dessa forma, *“fazer dieta” carrega consigo o sentido de restrição de um regime de vida, [...] primando por tentativa de evitar a doença* (p.161). Numa perspectiva mecanicista presente na concepção contemporânea da Nutrição, o alimento, assim como o corpo, é fragmentado para ser observado com exatidão e representado por elementos mensuráveis e abstratos e os *nutrientes* podem instrumentalizar cálculos de probabilidades diversas, em especial, de riscos de adoecimento (CARVALHO, LUZ e PRADO, 2011).

Com o modelo biomédico dominando o campo da Nutrição, estabelece-se um hiato com – ou mesmo a negação – a alimentação, a história, a cultura e os costumes, de cada época que sempre influenciaram as práticas alimentares, o *habitus*, como nos diz Bourdieu (2004), dos povos no mundo e no Brasil.

Na antiga civilização grega o cuidado com a alimentação vinculava-se ao corpo belo e alma sadia. Na Idade Média, o comportamento alimentar na Europa refletia a posição do indivíduo na sociedade. Comer em abundância representava *status* e força e os corpos musculosos simbolizavam o poder de intimidação dos homens que, dessa forma, assemelhavam-se aos animais ferozes e carnívoros. No século XIX, o controle do prazer de comer era representado por uma dietética discursiva e moralizadora com intercessão religiosa. As ideias que cercavam a necessidade de uma alimentação ideal estavam relacionadas ao tipo de atividade física (trabalho) e ao comportamento social religioso (MATTOS *et al*, 2010).

Em fins ao século XIX, constitui-se a Nutrição como prática complementar à Medicina moderna; um cuidado dietético em que a alimentação "ideal" está relacionada à prevenção ou ao tratamento de enfermidades. Nesse modelo de pensar, o alimento corresponde exclusivamente a um medicamento coadjuvante do tratamento médico e as práticas técnico-científicas nutricionais ficam submetidas ao discurso clínico sobre enfermidades (MATTOS *et al*, 2010).

Do ponto de vista teórico filosófico, a Nutrição moderna mantém adesão ao modo positivista de pensar, de pesquisar e de atuar. As ideias positivistas nas Ciências da Saúde reproduzem um modelo teórico-prático centrado na atenção à doença e não ao sujeito doente. Não há preocupação ou a adequada valorização do estado mental ou emocional do sujeito, seus valores e práticas, sua posição ou inserção na vida em sociedade e sim um centrar-se quase que exclusivamente nas recomendações nutricionais que devem ser atingidas para que haja recuperação da saúde, no mais das vezes entendida como ausência de doença (MATTOS *et al*, 2010).

Segundo Vasconcelos (1999) em seu estudo sobre os Arquivos Brasileiros de Nutrição no período de 1944 a 1968, a Nutrição está voltada a composição químico-nutricional, o valor calórico, o teor vitamínico e/ou o teor mineral dos mais diversificados alimentos e sua industrialização, a dietoterapia e o estado nutricional da população brasileira, confirmando a perspectiva conceitual presente nos livros, tratados e órgãos anteriormente mencionados.

Por meio dessa produção de conhecimentos, por mais de cinquenta anos, o campo teórico da Nutrição consolidou-se em consonância com o pensamento positivista desenvolvendo pesquisas básicas e clínicas de ordem experimental e por investigações sobre alimentos. Em outras palavras, um campo visivelmente situado na esfera das Ciências Naturais e fazendo uso de procedimentos metodológicos próprios dessa ordem de geração de conhecimentos.

Registremos, adicionalmente, que em várias das conceituações que identificamos, a Nutrição refere-se tanto a seres humanos quanto a animais, colocando o humano no mesmo plano dos animais, o que consideramos apropriado para os aspectos biológicos, físicos e químicos das espécies vivas. Entretanto, naquilo que diz respeito ao que é único ao Humano – ou seja, a vida social, as questões relativas ao trabalho, à linguagem e a representação da vida naquilo que mantém relação com a *comida*, com o *alimento* e com o *nutriente* – a Nutrição deixa um vazio importante ou indica a existência de relações que ficam pouco exploradas e explicitadas.

De volta à empiria e à institucionalidade, na Tabela das Áreas do Conhecimento, a Nutrição consta como uma parcela das Ciências da Saúde. Na CAPES, até recentemente, a Nutrição correspondia a uma parte da Área de Avaliação denominada “Medicina II7”; a partir de movimentação política do Fórum dos Programas de Pós-Graduação em Alimentação e Nutrição, este campo conquistou espaço próprio no interior dessa agência. No CNPq, situa-se ao lado da Saúde Coletiva conformando o Comitê de Assessoramento “Saúde Coletiva e Nutrição”. Registremos, mais uma vez, que o Fórum dos PPG A&N dirige, nestes momentos de produção da presente dissertação, seus esforços para a separação destas duas áreas e criação de comitê independente dirigido ao seu campo científico no CNPq.

No Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq, há dados consolidados nas “Séries Históricas”, sendo também possível identificar dados sobre a Nutrição. É possível observar, através do gráfico 11, o crescimento da área de Nutrição, que em 2010 contava com 171 grupos. Este valor corresponde a praticamente metade do número de grupos da Ciência e Tecnologia dos Alimentos.

A participação proporcional dos grupos de pesquisa, cujos líderes informaram ser a Nutrição sua “área” predominante, em relação ao conjunto brasileiro encontra-se apresentada no gráfico 12. Observamos que o padrão de distribuição proporcional desses grupos de pesquisa permanece relativamente estável ao longo do período em discussão, oscilando entre 0,7% e 0,6% do DGP. Difere do observado nas Ciências da Vida, que é decrescente, e também não acompanha o registrado nas Ciências Saúde, cuja presença proporcional no período passou por incremento, como já anotamos anteriormente. É também diferente do observado na área da Ciência e Tecnologia de Alimentos, cuja curva no gráfico é descendente passando de 1,9% para 1,3% do conjunto nacional.

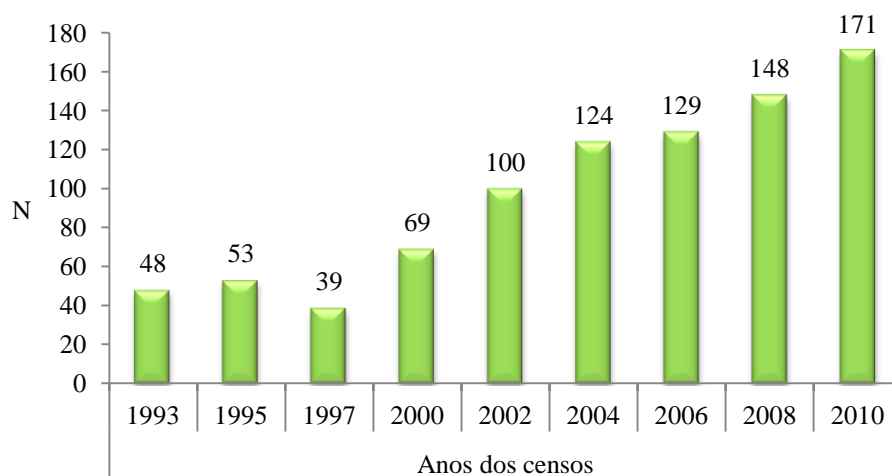


Gráfico 11. Distribuição dos grupos de pesquisa da área predominante de Nutrição no Brasil de 1993 a 2010.

Fonte: CONSELHO, 2010c.

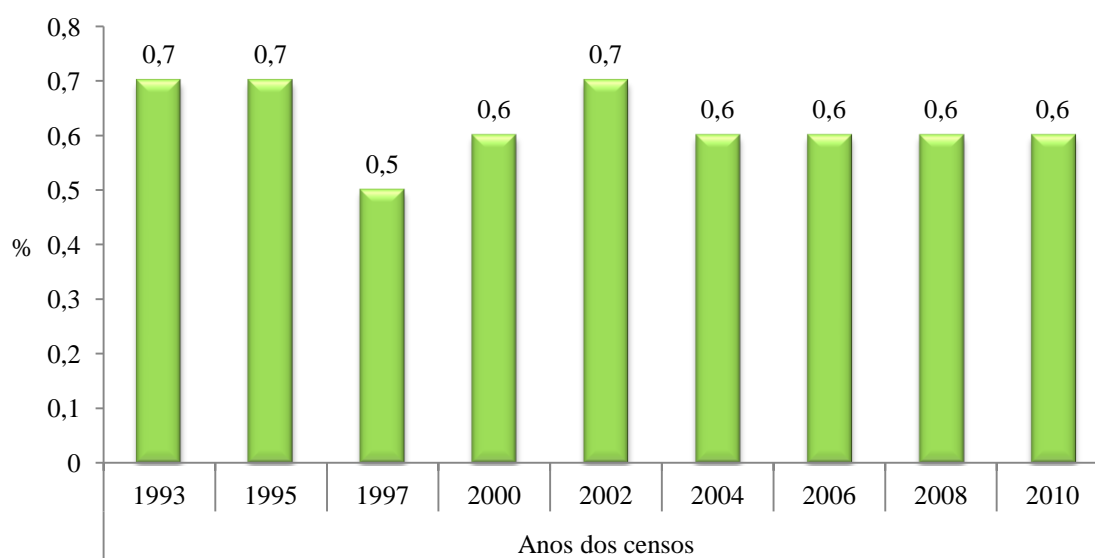


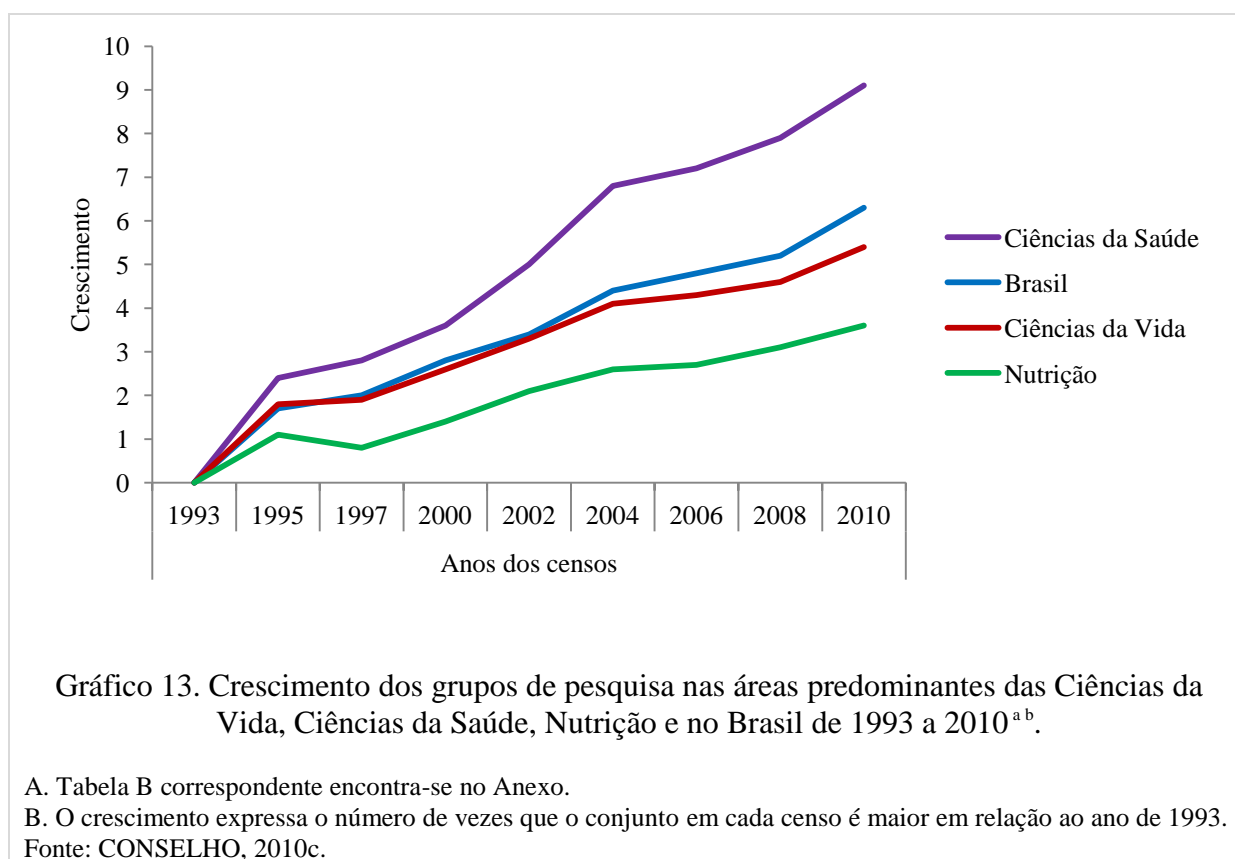
Gráfico 12. Distribuição percentual dos grupos de pesquisa da área predominante de Nutrição no Brasil de 1993 a 2010^a.

A. Percentual em relação ao total de grupos de pesquisa no Brasil.

Fonte: CONSELHO, 2010c.

O ritmo de crescimento desses grupos de pesquisa classificados na área Nutrição não acompanhou os registrado nos agrupamentos em que se inseriram como podemos observar no gráfico 11. Devemos destacar que a Nutrição faz parte das Ciências da Saúde que apresentaram um incremento substancial, bem acima da encontrada no Brasil; em outras palavras, a Nutrição parece não ter relações com os grupos de se apresentaram mais vigorosos nesse quesito.

A compreensão dessas características específicas de cada agrupamento que trazemos nesta descrição introdutória ao nosso objeto de estudo, corresponde a tema a ser explorado com a necessária propriedade e aprofundamento futuramente. Mas nos importa destacar que são preciosas ao possibilitar a clara visualização de que os campos científicos são dinâmicos, apresentam características próprias, seguindo no tempo trajetórias distintas, ao menos no que se refere aos ordenamentos institucionais de pesquisadores na forma de grupos de pesquisa.



Resumindo, nossos esforços para identificar informações sobre os grupos de pesquisa que se volta para os *nutrientes* como objeto de estudo nas Séries Históricas do DGP,

encontramos 171 grupos em atividade em 2010, o que representa 0,6% dos existentes no Brasil. De 1993 até o último censo, houve crescimento no número desses grupos, porém em ritmo bem menos intenso que os que caracterizaram as Ciências da Saúde, as Ciências da Vida e o país como um todo. Encontramos ainda que sua participação proporcional nesses conjuntos manteve-se estável, diferentemente, por exemplo, da Ciência e Tecnologia de Alimentos que apresentou decréscimo no mesmo período.

Reiteramos que é preciso ter claro que há outros grupos que se voltam para os objetos foco desse campo, mas que estão situados em áreas como Medicina, Saúde Coletiva, entre outras (CONSELHO, 2011b).

1.5. A Alimentação como campo científico no Brasil e sua inexistência na Tabela das Áreas do Conhecimento.

Conforme Prado *et al* (2011), Klotz *et al* (2010), Bosi e Prado (2011), Gracia Arnaiz (2010), Fischler e Masson (2010) além de muitos outros autores, inclusive clássicos, como Levi-Strauss (2004), Gilberto Freyre (2007), a *Alimentação* diz respeito aos componentes sociais, culturais, econômicos do complexo fenômeno de produção, distribuição e consumo da *comida*, esta que nos diferencia dos demais seres vivos, que nos caracteriza como “seres humanos”. *Comida* corresponde ao *alimento simbolizado*. Comemos apenas, somente, exclusivamente os *alimentos que foram eleitos para tal*. Em outras palavras, embora haja valor nutricional em diferentes *alimentos*, nem todos é *comida*; isto ocorre porque na vida humana operam critérios de ordem social, cultural, econômica – que são fenômenos humanos e que nos diferenciam dos demais seres vivos – estes, sim, definindo o que é ou não ingerido em distintas épocas e formações sociais.

A *Alimentação* não está relacionada apenas ao ato de levar um alimento à boca. Por mais que se saiba da importância nutricional ou que se deseje dispor de um determinado alimento, se não houver dinheiro para comprá-lo, ele não será ingerido. Caro para uns, acessível para outros, se ele não estiver disponível no mercado, não será ingerido. Mesmo que esteja disponível no mercado e que haja dinheiro para comprá-lo, se ele não corresponder aos significados culturalmente construídos naquela sociedade, ele não será ingerido. Não compraríamos carne de cachorro para um almoço no Brasil, mesmo que estivesse disponível no mercado (o que já é, para nós, absurdo), com preços acessíveis e valores nutricionais reconhecidos; sequer produzimos carne de cachorro para alimentação humana no nosso país

porque ela não faz parte da nossa cultura como *comida*; os significados a ela atribuídos no Brasil são incompatíveis com a sua disponibilidade à mesa. Embora possa ser considerado um *alimento* (ela é consumida em outros povos), essa carne não é *comida* para nós. A *alimentação* e a *comida* correspondem ao que há de especificamente Humano no fenômeno de levar alimentos à boca. A *comida* confere-nos a humanidade, distinguindo-nos dos demais seres vivos porque é gerada pelo trabalho social, faz-se linguagem e subsidia representações. A *alimentação* permite pensar sobre o humano, sobre a divisão social do trabalho para produção, distribuição e consumo da *comida*, sobre a linguagem textual, pictórica, cinematográfica, científica... Construída em torno da *comida*, sobre as representações relativas a nutrientes, alimento e *comida* histórica, social e culturalmente construídos. Conforme Geertz, “os homens: eles também, até o último deles, são artefatos culturais”, e é assim que a *comida* se constitui como uma propriedade humana.

Fundadora da identidade tanto individual como coletiva, ela se situa dentro de um jogo de distinção e alteridade no qual os homens registram seu pertencimento a uma cultura ou a um grupo qualquer seja pela afirmação de sua especificidade alimentar ou pela diferença em relação aos outros)1898, p. 27).

Segundo Canesqui e Garcia (2005), muitos antropólogos e sociólogos que trabalham sobre a alimentação assinalam o paradoxo deste fenômeno: constituindo uma temática intersticial de articulação do biológico com o social, do natural e do cultural, a alimentação é tida como um tema fútil e secundário. No plano da biomedicina, a alimentação é até mesmo ignorada, desqualificada, inclusive porque, frequentemente, é reduzida a nutrição (FREITAS e PENA, 2007; MENEZES *et al*, 2010; LUZ, 2005).

A título de exemplo, citamos estudo de Canesqui e Garcia (2005) que, estudando a formação graduada em Nutrição, mostram que disciplinas do âmbito das Humanidades, como Sociologia, Antropologia ou Economia, passam despercebidas nessa etapa de profissionalização em saúde. Segundo as autoras, essas disciplinas são ministradas sem evidenciar conexões com a Nutrição e são, muitas vezes, mal recebidas pelos estudantes já encaminhados a um modelo de tom biológico em sua formação. Registramos que não há livros didáticos voltados, especificamente, para formação no campo das Ciências Humanas e Sociais em Alimentação.

Conforme estudo de Prado *et al* (2011), é possível visualizar dois grandes eixos de interesse na produção científica brasileira no campo da *Alimentação*: (1) alimentação e cultura; e (2) políticas de alimentação e nutrição no Brasil.

Os estudos dirigidos à alimentação e cultura no que diz respeito à saúde vêm sendo empreendidos principalmente por pesquisadores com formação em cursos de mestrado e doutorado em Saúde Coletiva e, bem mais recentemente, em programas situados no campo da Alimentação e Nutrição. Além desses, há outras investigações na esfera cultural sem que haja, necessariamente, relação com questões atinentes à saúde ou a doenças; é o caso de pesquisas dirigidas a temas como (a) *comida* e religião, (b) consumo alimentar e comunicação, (c) cozinhas regionais, (d) alimentação de migrantes, (e) tradições alimentares e modernidade, (f) *comida* e estilos de vida, (g) *comida* e identidade, entre outros. Muitos desses estudos são levados a cabo em espaços institucionais ligados às Humanidades, como programas de pós-graduação em Antropologia, Sociologia...

Outra parcela da pesquisa sobre alimentação investe em questões relativas a políticas de alimentação e nutrição, segurança alimentar e nutricional, direito humano à alimentação. Uma parcela desse conjunto pode ser identificada como afiliada a núcleos de saberes constituintes do campo da saúde – em especial, da Saúde Coletiva e da Alimentação e Nutrição – que estudam políticas, planejamento e gestão em saúde, dedicando-se, em particular, a discutir percursos históricos de construção social dessas iniciativas governamentais, bem como suas relações com a sociedade civil, seus fundamentos conceituais, avaliação de suas repercussões sobre a saúde e o estado nutricional da população, percepções sobre esses programas por parte de técnicos ou usuários. Há também grupos de pesquisa que se fixam mais fortemente no debate sobre questões ligadas à distribuição da terra, à produção, distribuição e consumo de alimentos, bem como às desigualdades sociais associadas a essas temáticas, ainda que, eventualmente, passem por discussões sobre a saúde, esta não corresponde, necessariamente, ao centro de seus interesses. Estes últimos vinculam-se, mais frequentemente, a espaços de produção de conhecimentos inseridos nas Humanidades.

Em proporções bem menores, há grupos que enveredam pelas abordagens de cunho histórico acerca da alimentação em períodos como a era medieval ou clássica ou do Brasil colonial. No âmbito da psicologia, registram-se grupos que tomam para estudo as subjetividades em suas relações com a alimentação. Nas artes – em especial, literatura e cinema – também são identificados algumas iniciativas. Nas práticas discursivas visitadas evidenciam-se devires, potencialidades, fronteiras no estudo da dimensão humana, ultrapassando objetos tradicionais e revelando outros saberes inusitados, buscando, declaradamente, articulações com a *Nutrição*. Devemos destacar estudos de cunho epistemológico que vem investindo no debate acerca da constituição da *Alimentação* e da

Nutrição como campos científicos, buscando colocar em foco seus objetos e perspectivas teóricas e metodológicas, concebendo-os como lugar eminentemente político, por humana que é a construção dos espaços de produção de conhecimentos e saberes (BOSI, 2000; BOSI e PRADO, 2011)

Fundamenta-se, pelo exposto anteriormente, que a *Alimentação* corresponde a campo da ciência situada na ordem da cultura e da sociedade, fazendo uso de construções teórico-metodológicas próprias das Humanidades. Distingue-se, fundamentalmente, dos estudos nos campos da *Nutrição* ou das *Ciências dos Alimentos* que, instituídas na esfera da Natureza, procedem em conformidade com a Física, a Química e a Biologia (FOUCAULT, 1990).

A *Alimentação* não existe na Tabela das Áreas do Conhecimento, como também não conta com materialidade institucional na CAPES ou no CNPq, tal qual a Ciência e Tecnologia de Alimentos ou a Nutrição.

Isto se dá a despeito de essa denominação ter sua presença nas ações governamentais através do Instituto Nacional de alimentação e Nutrição e das oficiais Políticas Nacionais de Alimentação e Nutrição, desde os anos 1970, ou de organismos científicos que congregam pesquisadores como a Sociedade Brasileira de Alimentação e Nutrição (SBAN), fundada em 1985, e seus congressos que levam o mesmo nome ou o Grupo de Trabalho “Alimentação e Nutrição em Saúde Coletiva” da Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (ABRASCO), criado em 2008, ou a Rede de Interinstitucional de Alimentação e Cultura, criada em 2007, ou o Fórum Nacional de Programas de Pós-Graduação em Alimentação e Nutrição (Fórum PPG A&N), que assume tal identidade por meio de seu Regimento no ano de 2009.

Assim, não é possível apresentar informações sobre esse campo da ciência a partir das “Séries Históricas” disponibilizadas no DGP, nem em qualquer outra tabulação construída a partir dessa Árvore do Conhecimento.

1.6. Alimentação e Nutrição como campo científico

A *Nutrição* e os *nutrientes*, em sua perspectiva predominantemente biomédica, têm papel relevante no tratamento das patologias ou em sua prevenção, porém o indivíduo não pode ser visto apenas como um objeto portador de doença; é imprescindível considerar os aspectos sociais, culturais e econômicos em que se inscrevem a *Alimentação* e a *comida* e correspondentes saberes e práticas que, nesse âmbito, cumprem o papel de distinção dos seres humanos em relação aos demais seres vivos.

Se o campo dos *alimentos*, por conjunções históricas, econômicas, políticas e através da ação de diversos atores sociais, estabeleceu-se como um espaço específico no mundo da ciência e se *Nutrição* vem percorrendo o caminho similar, seria o caso de pensar que o mesmo cabe à *Alimentação* hoje?

A essa pergunta respondemos, simultaneamente, sim e não.

Sim, evidentemente, pelo exposto nesta Introdução até agora. A *Alimentação*, em que pese sua expressão vasta e profunda na vida humana, ainda não tem lugar na representação da ciência – a árvore do conhecimento – nem em sua materialização institucional nas principais agências de fomento à pesquisa e formação de pesquisadores: sem comitês de avaliação no CNPq e sem coordenações de área na CAPES. Sim, à *Alimentação* devem corresponder mais espaços institucionalizados no mundo da ciência.

Não, na medida em que apostamos e defendemos a aproximação entre esses dois espaços *Alimentação e Nutrição*, o que exclui a perspectiva de mais fragmentação na produção de conhecimentos e saberes na vida científica. Consideramos que a constituição de uma área denominada *Alimentação e Nutrição* correspondem à construção inovadora e possível. Num rumo contra-hegemônico, trata-se de investimento na materialização de um projeto de aproximação entre espaços pouco conhecidos entre si – pouco amistosos e até belicosos em certas circunstâncias de disputa de capital científico, material ou simbólico – quando o assunto é ciência: as ordens da natureza e da sociedade ou as Ciências Biomédicas e as Ciências Humanas e Sociais.

Assim, consideramos que assumir a *Alimentação e a Nutrição* em movimento de busca de aproximações tanto nos planos conceituais e metodológicos como nos institucionais pode potencializar a geração de conhecimentos e saberes inovadores e com repercussões mais favoráveis à sociedade, em especial no tange à saúde. Consideramos que investir na *Alimentação e Nutrição* como um único projeto forte de produção de conhecimentos e saberes e de formação de pesquisadores corresponde a caminhar no sentido da aproximação a

perspectivas mais interdisciplinares, sem necessariamente negar as especificidades de cada um desses espaços. Trata-se de uma proposição de fortalecimento de ambas as partes em suas características próprias e também naquilo que tem ou podem ter em interface.

Nessa linha, destacamos a publicação de um número temático na *Physis: Revista de Saúde Coletiva* (INSTITUTO, 2010) com artigos de cunho epistemológico sobre a *Alimentação* como campo científico. Recentemente foi publicado um número temático na revista *Ciência e Saúde Coletiva* tratando especificamente da *Alimentação e Nutrição em Saúde Coletiva* (ASSOCIAÇÃO, 2011) como campo da ciência. Também já está no prelo um número temático na *Revista de Nutrição* (PONTIFÍCIA, 2012) onde há discussões de cunho teórico-metodológico e filosófico sobre a constituição da *Alimentação e Nutrição* como campo científico autônomo no Brasil. São iniciativas que operam no sentido da fundamentação e da legitimação da perspectiva que aqui propugnamos.

Não dispomos de estudos que apresentem informações sobre o conjunto da pesquisa brasileira sobre a *Alimentação e Nutrição*, tratadas em conjunto, nem sobre as *Ciências dos Alimentos*, ainda que a título descritivo e abraçando, ao menos, alguma parcela desses campos. Sabendo que a construção de conhecimentos sobre campos científicos exige esforços (equipe, tempo, financiamento, etc) que não temos como empreender nos limites de um curso de mestrado, propomos aproximações sucessivas, iniciando pela descrição desses espaços – as *Ciências dos Alimentos* e a *Alimentação e Nutrição* – por meio dos grupos de pesquisa existentes no País.

2 OBJETIVO

Assumindo, enfim, a existência desses dois campos científicos identificados como “*Ciências dos Alimentos*” e “*Alimentação e Nutrição*” e entendendo que o DGP disponibiliza informações parciais porque sistematizadas a partir de referência que considera apenas uma “área” predominante para cada grupo de pesquisa no Brasil, consideramos importante fazer uso de outra lente para nos aproximarmos desses espaços de geração de conhecimentos e saberes. Um olhar que possibilite visualizar que grupos de pesquisa vêm trabalhando com os objetos desses campos, ainda que não informem Ciência e Tecnologia de Alimentos ou Nutrição como “área” predominante de inserção no mundo da ciência.

É nossa hipótese central que esse universo é significativamente maior que o informado nas “Séries Históricas” do DGP e constituído por uma diversidade interna que as sistematizações baseadas na Tabela das Áreas de Conhecimento, tal como estabelecida hoje, não permitem reconhecer.

É nosso objetivo geral identificar os grupos de pesquisa que compõem a massa crítica capazes de contribuir efetivamente para reflexões, debates, formulação de políticas, ações e avaliação de procedimentos nos campos das “*Ciências dos Alimentos*” e da “*Alimentação e Nutrição*” no Brasil.

Descrever esse parque científico com base nos censos da pesquisa brasileira dos anos de 2000 a 2008, incluindo a qualificação dos pesquisadores e indicadores de dinamismo e de consolidação científica desses grupos de pesquisa, sua inserção nas áreas do conhecimento, sua distribuição geográfica e institucional são propósitos mais específicos deste projeto.

Esse novo ordenamento possibilitará visualizar de forma bem mais clara algumas das forças em movimento nos dois campos em tela e, por esse caminho, o reconhecimento de agentes que operam em seu interior e que também estão atuando na constituição e consolidação da ciência nacional.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

O recorte empírico para construção de nossa aproximação aos campos de pesquisa em tela corresponde ao Diretório dos Grupos de Pesquisa, que pode ser acessado na página que o CNPq disponibiliza na Internet, conforme apresentado na figura 1.

Para atingir nossos objetivos, fizemos uso de um recurso disponível no DGP: a busca de dados nos censos a partir de 2000; não é possível realizar esse procedimento para os censos anteriores, cujos dados foram coletados e organizados usando tecnologias que não permitem construção de bases de dados para consultas via Internet. Através da figura 2 é possível visualizar sua disposição na página eletrônica do CNPq.

Em seu interior está indicado o caminho para as tabulações já realizadas através do *link* “Séries Históricas”, de onde obtivemos os dados apresentados no capítulo introdutório ao presente estudo; também está aí situado o *link* para os procedimentos de levantamentos dentro da base de dados dos censos: a “Busca Textual” (Figura 3).

No espaço da “Busca Textual” é possível levantar informações sobre “Grupos”, “Linhas de Pesquisa”, “Pesquisadores”, “Estudantes” e “Produção CT&A” (Figura 4).

Ao fazer uso do *link* “Grupos”, chegamos a um espaço que possibilita a identificação de um ou vários grupos de pesquisa por meio de palavras ou expressões previamente estabelecidas e para cada um dos censos; observamos que nosso estudo abarca os censos de 2000 a 2008 e que os dados referentes ao censo de 2010 foram disponibilizados quando já estávamos em fase avançada e não havia mais tempo suficiente para inseri-los aqui antes da defesa da dissertação.

A figura 5 mostra um exemplo deste procedimento. Usamos a palavra “alimentação” para as buscas, assinalando os campos: “Nome do grupo, Nome da linha de pesquisa, “Repercussões do grupo” e Palavras-chaves da linha de pesquisa” no censo de 2000, tal como procedemos para as palavras “alimentar”, “alimento”, “alimentação”, “nutrição”, “*comida*” para todos os censos seguintes, exceto 2010 conforme assinalamos acima.

O resultado desse procedimento pode ser visualizado na figura 6. Notemos que cada grupo recuperado pode ser acessado, sendo possível coletar seus dados de identificação, recursos humanos e linhas de pesquisa; tomamos o grupo do qual fazemos parte, no censo de 2008, para exemplificar o que se tem como resultado (Figura 7).

Ministério da Ciência e Tecnologia

Destaque do governo

english
español

CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
60 ANOS

CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

ajudando o Brasil a crescer

Sala de Imprensa

28/07/2011
Mercadante lança o Programa “Ciência sem Fronteiras”
→ Programa Ciência sem Fronteiras terá regras divulgadas na próxima segunda-feira
→ Química perde Paschoal Senise
→ Governo lança programa com cem mil bolsas de intercâmbio para estudantes

Resultados
Edital MCT/SETEC/CNPq nº 75/2010
- RHAe Pesquisador na Empresa

O CNPq
Bolsas
Auxílios
Valores de Diárias e Bolsas
Programas
Editais
Resultados e Como recorrer
Formulários e Parecer Ad Hoc
Relatório Técnico e Prestação de Contas
Calendário
Comitês de Assessoramento e seus critérios
Licitações

Do que você Precisa?

Busca no Site

Fale Conosco

Selecione uma opção:

Escolha um assunto:

Plataforma Carlos Chagas

Plataforma Lattes

Mapa de Investimentos

Seu e-mail institucional

Importações para pesquisa

Declaração de Rendimentos de 2010

Sua Senha

Livro Eletrônico

Banco de Dados e Estatísticas

Diretório dos Grupos de Pesquisas

Amplas

Normas

Contatos

inict
Institutos nacionais de ciência e tecnologia

AGÊNCIA DE VIGILÂNCIA CIENTÍFICA PELO CNPq

Fale com a OUVIDORIA

Transparência Pública

Plano Diretor de Tecnologia da Informação PDTI 2011-2013

Estatísticas do site - Copyright 2006 CNPq

Iniciar

PROJETO Karen 31-07-2...

CNPq - Google Chrome

17:55

Figura 1. Página eletrônica do CNPq na Internet

Fonte: CONSELHO, 2010 d.

The image shows a screenshot of a web browser displaying the CNPq website. The browser's address bar shows the URL www.cnpq.br/gpesq/apresentacao.htm. The page header includes the CNPq logo and the text "60 ANOS". A search bar is located at the top right with the text "busca no site" and "mapa do site". The main heading of the page is "Grupos de Pesquisa".

On the left side, there is a vertical navigation menu with the following items: "O CNPq", "Bolsas", "Auxílios", "Valores de Diárias e Bolsas", "Editais", "Resultados e Como recorrer", "Formulários e Parecer Ad Hoc", "Prestação de Contas", "Calendário", and "Página Inicial".

The main content area is titled "Apresentação" and contains several sections: "O que é o Diretório dos Grupos de Pesquisa?", "Para que serve?", "Como é feita a coleta dos dados?", "Como ter acesso aos dados coletados?", "Como participar?", and "Histórico".

Under the "Histórico" section, there is a sub-section titled "O que é o Diretório dos Grupos de Pesquisa?". Below this, there is a paragraph of text: "O Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, projeto desenvolvido no CNPq desde 1992, constitui-se em bases de dados que contém informações sobre os grupos de pesquisa em atividade no País. O Diretório mantém uma **Base corrente**, cujas informações são atualizadas continuamente pelos líderes de grupos, pesquisadores, estudantes e dirigentes de pesquisa das instituições participantes, e o CNPq realiza Censos bi-anuais, que são fotografias dessa base corrente."

At the bottom of the page, there is a section titled "Consultas" with several links: "> Data Base", "> Censos a partir de 2000", "> Pesquisadores e estudantes", "> Sua senha Lattes", and "> Atualize seu currículo Lattes". The link "> Censos a partir de 2000" is circled in red.

The browser's taskbar at the bottom shows the "Iniciar" button, several application icons, and the system tray with the time "17:59".

Figura 2. Página Eletrônica do DGP na Internet

Fonte: CONSELHO, 2010e.

The screenshot shows a web browser window with the URL `dgp.cnpq.br/censos/`. The page header includes the logo of the Ministério da Ciência e Tecnologia and the CNPq logo. The main title is 'Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil' with the subtitle 'Censos a partir de 2000 e Base corrente'. A navigation menu on the left, titled 'Menu principal', lists several options: 'Informações gerais', 'Séries históricas', 'Súmula estatística', 'Plano Tabular', 'Busca Textual' (highlighted with a red circle), 'Espaço de Busca', 'Anexos', and 'Perguntas frequentes'. The main content area contains two paragraphs of text. The first paragraph describes the site's purpose, and the second paragraph explains the data bases and search options. At the bottom, a Windows taskbar is visible with the system clock showing 18:08.

Menu principal

- Informações gerais
- Séries históricas
- Súmula estatística
- Plano Tabular
- Busca Textual**
- Espaço de Busca
- Anexos
- Perguntas frequentes

Este site apresenta os resultados dos Censos a partir de 2000 do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil. As informações contidas neste Diretório dizem respeito aos recursos humanos constituintes dos grupos, às linhas de pesquisa, às especialidades do conhecimento, aos setores de atividade envolvidos, à produção científica, tecnológica e artística dos participantes e aos padrões de interação dos grupos com o setor produtivo.

Em Informações gerais e Perguntas frequentes, o leitor encontra as definições conceituais e metodológicas que configuram as bases de dados. Os demais módulos contêm os resultados dos inventários (quantitativos e textuais), bem como as respectivas orientações para consultas.

Figura 3. Espaço de buscas nas bases de dados disponíveis na página eletrônica do DGP na Internet.

Busca Textual

dgp.cnpq.br/buscagrupo/

Censos

Busca Textual

Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil

saiba mais
exemplos

CNPq

BRASIL.GOV

Grupos | Linhas de pesquisa | Pesquisadores | Estudantes | Produção C, T&A | Página inicial

A busca textual permite recuperar informações sobre qualquer dado presente na base do Diretório. Organiza-se a partir de três decisões a serem tomadas pelo usuário: (i) qual informação deverá ser recuperada; (ii) onde esta informação deverá ser encontrada; e (iii) segundo que critério deve ser procurada.

Instruções

Selecione uma das cinco unidades de análise disponíveis, localizadas na barra horizontal superior: GRUPOS, LINHAS DE PESQUISA, PESQUISADORES, ESTUDANTES, PRODUÇÃO C,T&A. Na tela seguinte, digite o(s) termo(s) de busca no local apropriado e pressione o botão "Consulta" para efetuar uma busca simples. Para buscas mais refinadas, pressione o botão "Busca orientada" ou "Busca avançada". Nas buscas simples ou orientada, o usuário poderá acrescentar ou suprimir campos nos quais aplicará a busca.

Obs.: A utilização da busca avançada exige um conhecimento mínimo de lógica booleana.

Iniciar | PROJETO Karen 31-07-2... | Busca Textual - Googl... | 18:15

Figura 4. Espaço de “Busca Textual” nas bases de dados disponíveis na página eletrônica do DGP na Internet.

Fonte: CONSELHO, 2010g.

The screenshot shows the 'Busca Textual' interface on the website 'dgp.cnpq.br/buscagrupos/'. The page title is 'Busca de grupos de pesquisa'. The search box contains the text 'alimentação'. Below the search box, there are filters for 'Todas as palavras', '50 registros', and 'Censo 2000'. A 'Consultar' button is located to the right of the search box. Below the search box, there is a section titled 'Aplicar a busca nos campos (grupos):' with a list of search fields and checkboxes:

- Nome do grupo
- Nome da linha de pesquisa
- Título da produção C,T&A
- Palavra-chave da produção
- Nome do estudante
- Repercussões do grupo
- Palavra-chave da linha de pesquisa
- Referência bibliográfica
- Nome do pesquisador
- Nome do líder

At the bottom of the page, there are two buttons: 'Busca orientada' and 'Busca avançada'. The page footer features the CNPq logo on both sides. The Windows taskbar at the bottom shows the system tray with the time 18:47 and several open applications, including 'Iniciar', 'PROJETO Karen 31-07-2...', and 'Busca Textual - Googl...'.

Figura 5. Exemplo de “Busca Textual” nas bases de dados disponíveis na página eletrônica do DGP na Internet.

Fonte: CONSELHO, 2010g.

The screenshot shows a web browser window with the URL dgp.cnpq.br/buscagrupos/. The page header includes the logo for 'Busca Textual' and 'Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil', along with the CNPq logo. A navigation menu contains links for 'Grupos', 'Linhas de pesquisa', 'Pesquisadores', 'Estudantes', 'Produção C, T&A', and 'Página inicial'. The main content area displays the search results for the term 'alimentação', showing a total of 121 groups. The results are listed as follows:

Resultado da busca - Grupos de Pesquisa (censo 2000)

[Nova busca](#)

Buscar por: **alimentação** Total de grupos: 121

1. Gr: [ALIMENTAÇÃO ANIMAL TROPICAL](#) - UFBA
 LI: [Eliomar Pereira do Socorro](#)
 LI: [Bruno Jean Adrien Paule](#)
 AP: Zootecnia
[LattesRedesGP](#)
2. Gr: [Saúde e Alimentação do Trabalhador](#) - UFG
 LI: [Dulce Terezinha Oliveira da Cunha](#)
 AP: Nutrição
[LattesRedesGP](#)
3. Gr: [NUTRIÇÃO E ALIMENTAÇÃO DE SUÍNOS](#) - UEM
 LI: [Ivan Moreira](#)
 LI: [Antonio Claudio Furlan](#)
 AP: Zootecnia
[LattesRedesGP](#)
4. Gr: [Sistema Creep Feeding](#) - UNIMAR
 LI: [Alda Lúcia Gomes Monteiro](#)
 LI: [Cledson Augusto Garcia](#)
 AP: Zootecnia
[LattesRedesGP](#)
5. Gr: [Alimentação infantil](#) - USP
 LI: [Jose Maria Pacheco de Souza](#)
 LI: [Sonia Buongiorno de Souza](#)
 AP: Saúde Coletiva
[LattesRedesGP](#)
6. Gr: [ALIMENTAÇÃO ANIMAL](#) - USP
 LI: [Marcus Antonio Zanetti](#)
 AP: Zootecnia
[LattesRedesGP](#)

The taskbar at the bottom shows the Windows Start button, several application icons, and the system tray with the time 19:43.

Figura 6. Exemplo de dados recuperados através de “Busca Textual” nas bases de dados disponíveis na página eletrônica do DGP na Internet.

Fonte: CONSELHO, 2010g.

The screenshot displays a web browser window with the URL dgp.cnpq.br/buscagrupos/. The page header includes the logo of the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) and the text 'Busca Textual - Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil'. A navigation menu contains links for 'Grupos', 'Linhas de pesquisa', 'Pesquisadores', 'Estudantes', 'Produção C, T&A', and 'Página inicial'. The main content area shows the search results for 'Grupo de Pesquisa: Nutrição e Saúde Coletiva' (Censo 2008), with a total of 14 groups. A detailed view of the selected group is shown in a separate window, displaying the following information:

- Nome do grupo:** Nutrição e Saúde Coletiva
- Ano de formação:** 2000
- Data da última atualização:** 28/11/2008 00:00
- Líder(es) do grupo:** [Sílvia Angela Gugelmin](#), [Shirley Donizete Prado](#)
- Área predominante:** Ciências da Saúde; Saúde Coletiva
- Instituição:** Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

The detailed view also includes a table with the following columns: Identificação, Recursos Humanos, Linhas de Pesquisa, Indicadores de RH, and Indicadores de Produção. The 'Identificação' section is currently expanded, showing the 'Dados básicos' section.

Figura 7. Dados de um grupo de pesquisa selecionado recuperados através de “Busca Textual” nas bases de dados disponíveis na página eletrônica do DGP na Internet.

Fonte: CONSELHO, 2010g.

A leitura crítica desse resultado para cada um dos grupos de pesquisa permitiu sua depuração qualitativa. As palavras utilizadas nos processos de busca conduziram a alguns “falso-positivos”, ou seja, grupos que não fazem parte do campo de interesse deste estudo, como por exemplo, aqueles referentes à alimentação de “peixes ornamentais” ou de “redes de eletricidade” ou de “sistemas hidráulicos” ou nutrição de “árvores florestais” e outros que não têm relação com “alimentos ou nutrição ou alimentação de seres humanos”; esses grupos foram separados e eliminados do estudo. Assim, foram mantidos apenas os grupos que, com segurança, fazem parte do universo temático investigado.

Finalizamos nossos procedimentos com o conjunto de dados apresentados na tabela 4. Consideramos a possibilidade de que, por meio dos mecanismos de busca que utilizamos, não tivessem sido recuperados grupos que, efetivamente, trabalham com o tema em análise. Um motivo bastante plausível estaria relacionado a estudos muito específicos que fazem uso de palavras e expressões distintas das que utilizamos nos procedimentos de busca. Realizamos, então, buscar utilizando palavras-chave bem específicas e notamos que todos os grupos recuperados constavam das listagens obtidas através dos procedimentos iniciais. Assim, consideramos que nossos dados podem estar subestimados e os campos são maiores ainda que o demonstrado nas páginas que seguem; mas essa diferença, se houver, não há de ser suficiente para alterar os resultados aqui apresentados e as conclusões deles derivadas.

Tabela 3. Grupos de Pesquisa: recuperados, excluídos e que compõem o presente estudo no Brasil de 2000 a 2008.

Grupos de pesquisa	Ano do censo				
	2000	2002	2004	2006	2008
Recuperados	431	809	1.075	1.127	1.227
Excluídos	37	115	147	154	224
Que compõem o estudo	394	694	928	973	1.003

Concluimos, então, a primeira etapa, estabelecendo uma base de dados sobre grupos que mencionam a realização de atividades de pesquisa dirigidas aos objetos de interesse deste estudo: *alimento*, *comida* e *nutriente*. Esta foi à aproximação ao universo que conseguimos realizar.

De imediato, registramos que se considerarmos apenas a denominada “área predominante” como procedimento para classificação dos grupos de pesquisa, tal como apresentados nas tabulações das “Séries Históricas”, encontraremos 299 grupos nas Ciências dos Alimentos e 148 na Nutrição no censo de 2008. Nosso levantamento indica a existência de cerca de mil grupos de pesquisa, para esse mesmo ano. Um universo maior que o dobro do, até então, conhecido.

4 RESULTADOS

Pensamos, conforme aludido na introdução deste trabalho, que o conhecimento, ainda que descritivo, sobre novas características de campos científicos, pode afetar as forças que operam internamente a cada um deles, entre eles e eles com outros espaços do mundo da ciência. Acreditamos que essa descrição – construída a partir de uma nova abordagem metodológica aliada a uma base teórica busca criticar a naturalização da ciência expressa na idéia de “áreas do conhecimento” para trabalhar a partir da concepção de *campo científico* – podem potencializar as dinâmicas sociais aí presentes. Os resultados derivados das buscas por palavras chave no DGP que utilizamos neste estudo possibilitam descrições que nos permitem visualizar alguns agentes e nos ajudam a compreender movimentos nesse campo.

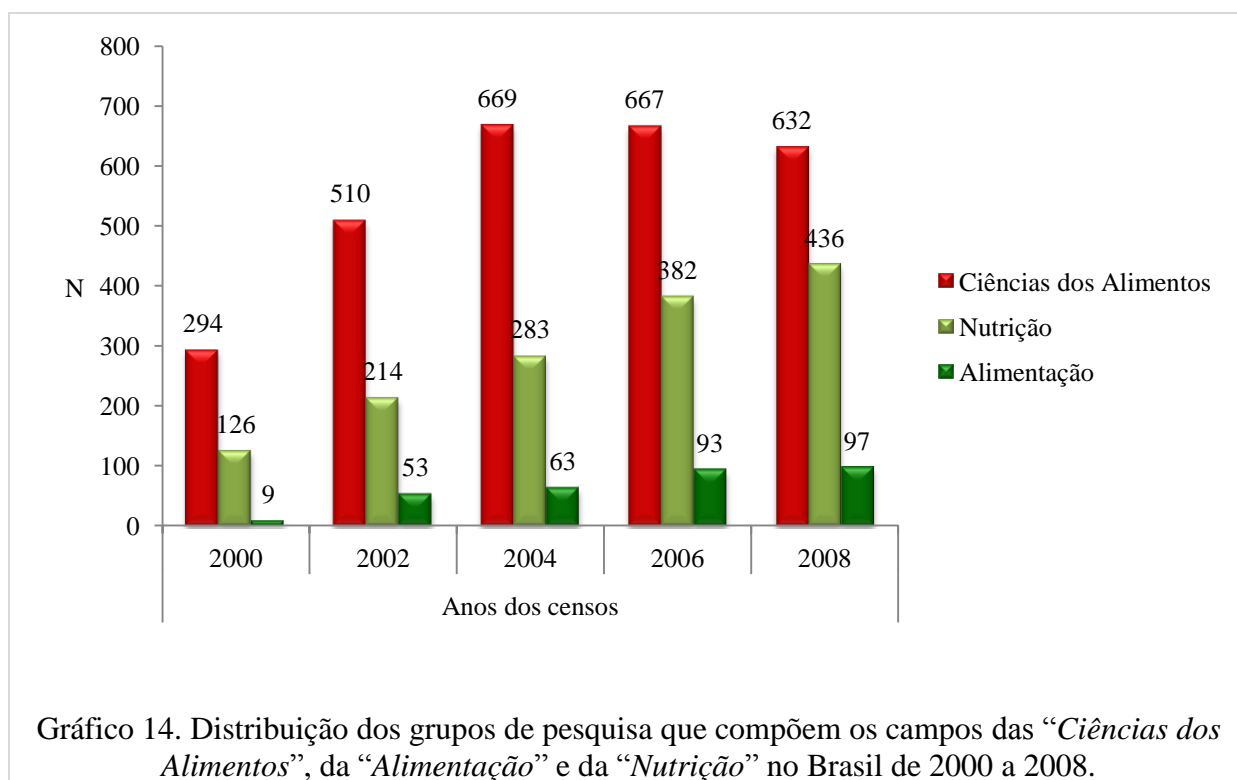
As tabulações disponíveis no DGP permitem visualizar informações, que consideramos parciais, para as áreas “Ciência e Tecnologia dos Alimentos” (299 grupos em 2008) e “Nutrição” (148 grupos nesse mesmo ano). Nosso levantamento indica que há cerca de mil grupos em atividade e que mencionam a realização de estudos voltados para objetos situados nos campos das “*Ciências dos Alimentos*” e da “*Alimentação e Nutrição*”. Mais que isso, podemos conhecer um perfil mais detalhado desses grupos e informar não só sobre a pesquisa especificamente dirigida a esses objetos, mas também sobre articulações entre eles. A tabela 4 é reveladora de especificidades e conjugações entre as abordagens presentes nesses grupos de pesquisa, o que é impossível de se conhecer através das Séries históricas ou qualquer procedimento construído sobre as mesmas bases conceituais.

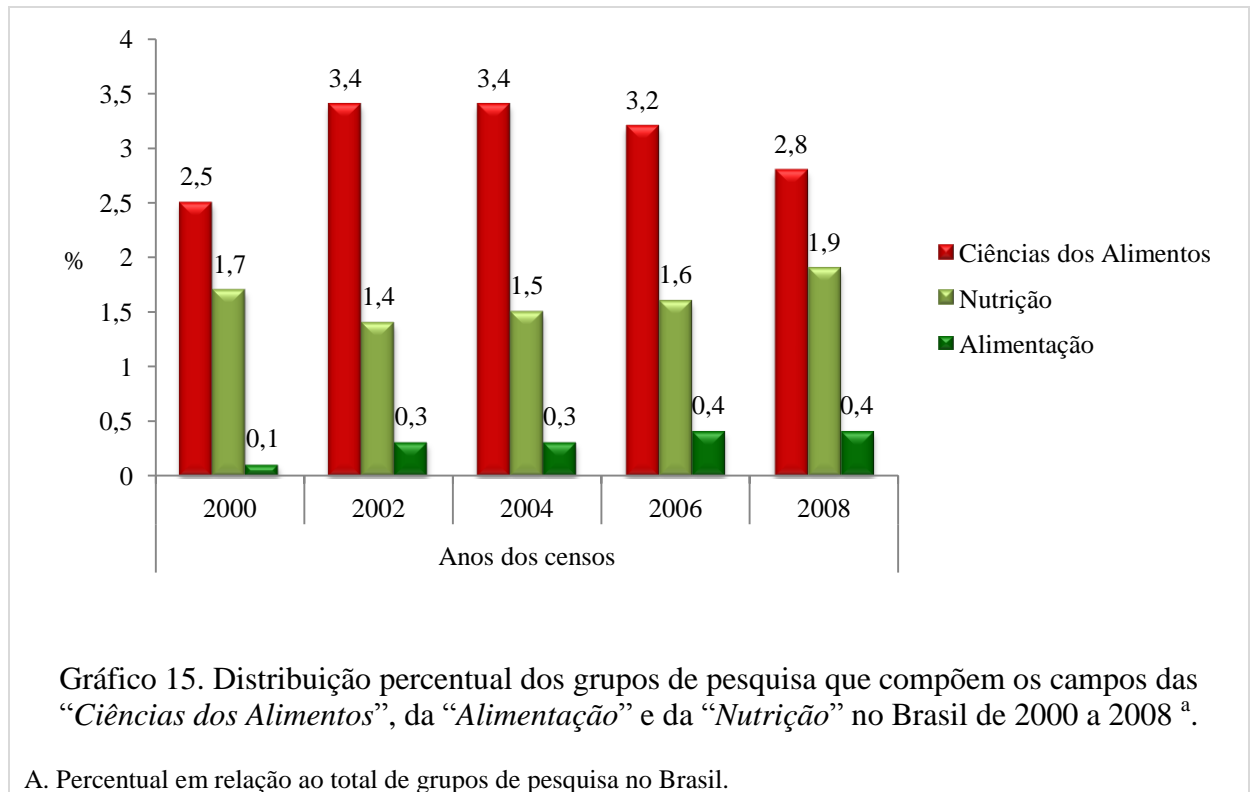
Em primeiro lugar, passamos a poder afirmar que há, no Brasil, cerca de 600 grupos que se dirigem aos *alimentos*, de 400 grupos voltados para *nutrientes e correspondentes necessidades celulares* e 100 grupos que estudam a *comida*. Passamos a visualizar grupos situados especificamente no campo da “*Alimentação*”, ou seja, aqueles que têm por objeto de estudo não o *alimento* como portador de nutrientes, nem os *nutrientes* em relação às necessidades celulares, mas sim a *comida*, entendida como alimento simbolizado, como mediadora de relações em sociedade, como expressão de trabalho, linguagem e representações sociais e, portanto, caracteristicamente humana. Encontramos, assim, a possibilidade de afirmar a existência do, até então, “inexistente” porque construído a partir da concepção que subsidia a classificação taxonômica da ciência em áreas estanques e únicas do conhecimento. Reiteramos: passamos a poder visualizar o campo da “*Alimentação*”.

Tabela 4. Grupos de pesquisa que compõem os campos das “*Ciências dos Alimentos*”, da “*Alimentação*” e da “*Nutrição*” e suas interações no Brasil de 2000 a 2008.

	Ano do Censo									
	2000		2002		2004		2006		2008	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
1. Somente Alimento (a)	266	67,5	455	65,9	614	66,3	558	57,5	531	52,9
2. Somente Nutrição (b)	92	23,3	138	19,9	205	22,1	228	23,5	289	28,8
3. Somente Alimentação (c)	2	0,5	15	2,2	24	2,6	25	2,7	32	3,2
4. Alimento e Nutrição (d)	27	6,9	45	6,5	44	4,8	91	9,4	86	8,6
5. Alimentação e Nutrição (e)	6	1,5	28	4,1	28	3,0	50	5,1	50	5,0
6. Alimento e Alimentação (f)	0	0,0	7	1,0	5	0,5	5	0,5	4	0,4
7. Alimento, Alimentação e Nutrição (g)	1	0,3	3	0,4	6	0,7	13	1,3	11	1,1
8. Alimento (a+d+f+g)	294	74,6	510	73,8	669	72,2	667	68,8	632	63,0
9. Nutrição (b+d+e+g)	126	32,0	214	31,0	283	30,6	382	39,4	436	43,5
10. Alimentação (c+e+f+g)	9	2,3	53	7,7	63	6,8	93	9,6	97	9,7
Total	394	100,0	691	100,0	926	100,0	970	100,0	1.003	100,0

Mantendo a orientação que assumimos desde o início deste estudo – que entende que os campos científicos mantêm conexões entre si, que são dinâmicos e que em seu interior atuam forças sociais em distintas direções e sentidos, implicando em significados sociais que podem se encaminhar para consensos, conflitos ou contradições –, consideramos que os dados que informam sobre o que se passa em relação aos estudos sobre *alimentos* correspondem a linha 8ª da tabela 4. Em outras palavras, todos os grupos de pesquisa que mencionam alimentos – especializados ou que guardam alguma interação com os demais que compõem este estudo – conformam, juntamente com outros agentes, o campo das “*Ciências dos Alimentos*”. Da mesma forma, os grupos de pesquisa contabilizados na linha 9ª são constituintes do campo da “*Nutrição*”. E os que se encontram descritos na linha 10 conferem materialidade ao campo da “*Alimentação*”. Os gráficos 14 e 15 permitem visualizar mais facilmente a trajetória desses grupos de pesquisa entre 2000 e 2008, confirmando a participação proporcional decrescente em relação ao cenário nacional daqueles que se volta para os estudos dos alimentos a partir de 2002 e a presença crescente dos grupos dirigidos aos nutrientes e à *comida*. Observamos que esses campos sempre mantêm alguns espaços em comum entre si.





Podemos também visualizar o crescimento do número de grupos de pesquisa em cada um desses três campos científicos através do gráfico 16 e lá observar que o “inexistente” campo da “Alimentação”, mesmo que menor em números absolutos, o que vem crescendo em ritmo mais intenso, revelando-se dinâmico, ativo ou, ao menos, com vigor suficiente para consolidar seu lugar na vida científica. Confirma-se aqui a possibilidade de estabelecimento de relação entre a intensidade do crescimento que registramos na introdução deste estudo para as Humanidades, em especial das Ciências Humanas e Ciências Sociais e Aplicadas no DGP com o encontrado entre os grupos de pesquisa que se volta para os estudos da *comida*.

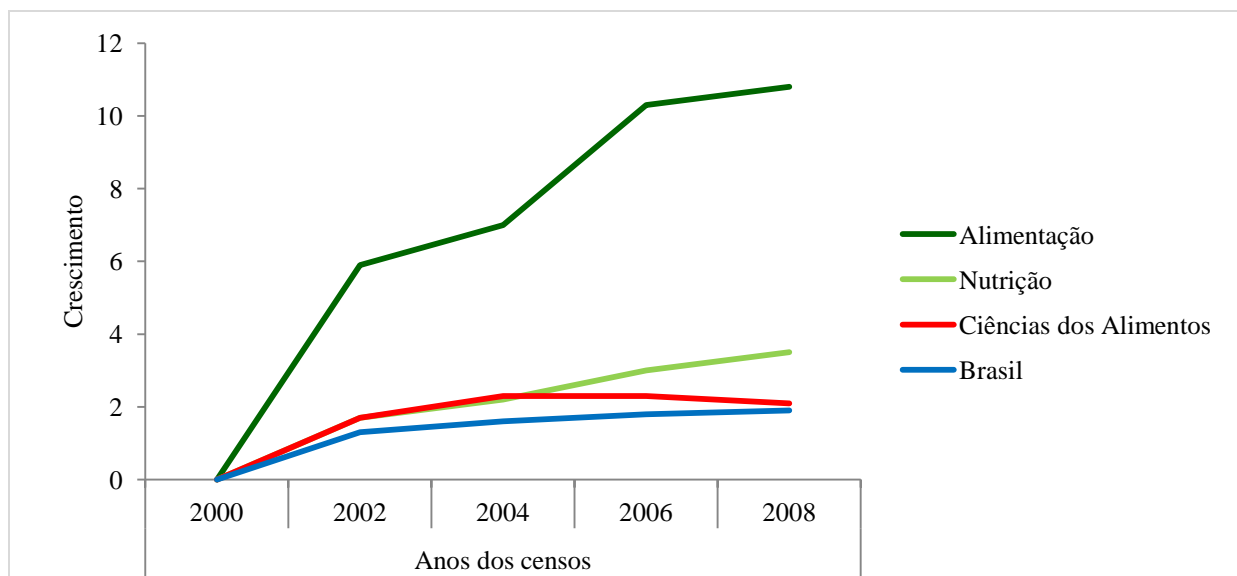


Gráfico 16. Crescimento dos grupos de pesquisa que compõem os campos das “*Ciências dos Alimentos*”, da “*Alimentação*” e da “*Nutrição*” e no Brasil de 2000 a 2008 ^{a b}.

A. O crescimento expressa o número de vezes que cada conjunto de grupos é maior em relação ao ano de 2000 .
 B. Tabela C correspondente encontra-se no Anexo.

É lógico afirmar que o uso da terminologia “área predominante” estabelece a possibilidade de haver “áreas não predominantes” ficando reconhecida, dessa forma, a multiplicidade de áreas para um mesmo grupo de pesquisa. Tal reconhecimento poderia expressar-se no DGP, por exemplo, através da divulgação de outras tabulações nas Séries Históricas que considerassem múltiplas inserções nas ditas “áreas do conhecimento”, o que corresponderia ao importante avanço nas descrições mais detalhadas das características dos grupos de pesquisa brasileiros.

Esse reconhecimento implícito, entretanto, não se constituiu, até hoje, em alguma materialidade, o que faz dele, ao mesmo tempo, um modo sutil de velar o movimento, a perturbação, a dinâmica social aí presente. Além da multiplicidade de “áreas”, há a interdisciplinaridade, mais uma dessas obscurecidas existências por esse modelo estanque de classificação das ciências.

A partir das informações que organizamos, podemos também registrar a perspectiva de interações entre os campos. Ao longo desses anos, ainda que predominem, com constância, os grupos de perfil especializado – em 2008, metade estuda, exclusivamente, alimentos e uma terça parte volta-se, especificamente, para questões nutricionais – há, nesse mesmo ano, algo em torno de 20% dos grupos que tratam simultaneamente de combinações diversas entre esses

três campos. É possível comparar o crescimento de grupos especializados (que correspondem ao somatório das linhas 1, 2 e 3 da tabela 4) com esses de características que talvez possamos dizer que tendem para ou que tenham por identidade a interdisciplinaridade (somatório das linhas 4 a 7 da tabela 4); observamos a forte intensidade do crescimento dos segundos em relação aos primeiros. O gráfico 17 parece nos dar alguma indicação em favor da aproximação entre esses campos de pesquisa como caminho recente de produção de conhecimento em nosso País.

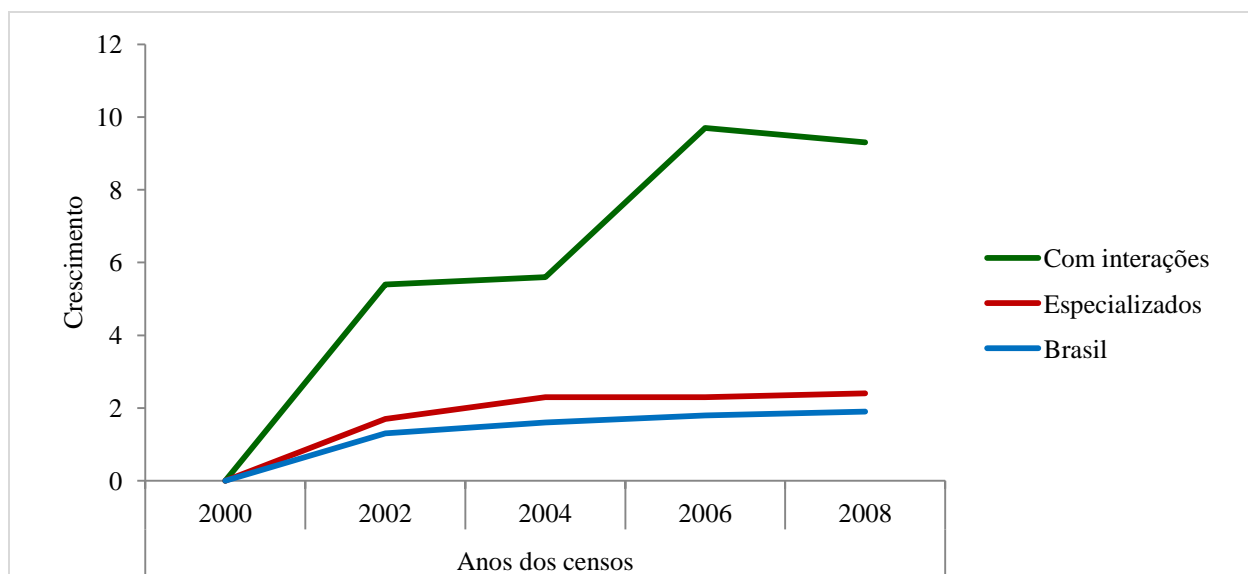


Gráfico 17. Crescimento dos grupos de pesquisa que compõem os campos das “*Ciências dos Alimentos*”, da “*Alimentação*” e da “*Nutrição*” segundo especialização e interações entre si no Brasil de 2000 a 2008.

A.. O crescimento expressa o número de vezes que cada conjunto de grupos é maior em relação ao ano de 2000 .
 B.. Tabela D correspondente encontra-se no Anexo.

Assim, se nosso estudo indica que há intenso incremento nas atividades que talvez tendam para atividades de cunho mais interdisciplinar e que existe também forte crescimento entre os grupos que estudam a *comida*, consideramos razoável pensar que pode haver alguma conexão entre esses dois fenômenos. Dito de outro modo, os dados sugerem que a dinâmica do campo da “*Alimentação*” estaria operando no sentido da aproximação entre os espaços tradicionalmente especializados da “*Nutrição*” e das “*Ciências dos Alimentos*”; com a “*Nutrição*”, em especial.

4.1. Os grupos de pesquisa que compõem o campo das “Ciências dos Alimentos” no Brasil

Nas Séries Históricas do DGP construídas a partir de uma única “área do conhecimento predominante” é possível identificar a existência de 299 grupos de pesquisa em 2008 e de 370 em 2010.

Desta nossa perspectiva mais abrangente, que é também possível dizer da pesquisa que lida com alimentos, ainda que seu foco principal esteja em outro espaço do campo científico, o que nos conduz a um parque científico bem maior, da ordem de 600 grupos, em 2008, conforme podemos ver na tabela 5. Isto corresponde a cerca de 3.700 linhas de pesquisa, 5.000 estudantes e 6.400 pesquisadores. Esses grupos de pesquisa estão presentes em mais do que a quarta parte (27,3%) das instituições brasileiras que abrigam essas unidades de pesquisa.

Tabela 5. Número de instituições, grupos de pesquisa, linhas de pesquisa, pesquisadores, pesquisadores doutores e estudantes que compõem o campo das “Ciências dos Alimentos” no Brasil de 2000 a 2008 ^a.

Principais dimensões	Anos dos censos									
	2000		2002		2004		2006		2008	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
1. Instituições	67	29,9	85	31,7	113	33,7	123	30,5	115	27,2
2. Grupos de Pesquisa	294	2,5	510	3,4	669	3,4	667	3,2	632	2,8
3. Linhas de pesquisa	1.580	4,1	2.629	5,2	3.701	5,4	3.902	5,1	3.757	4,4
4. Estudantes	1.522	2,6	2.501	4,0	4.422	4,3	5.517	4,3	5.028	3,1
5. Pesquisadores (P)	2.500	5,1	3.390	6,0	4.958	6,4	6.426	7,1	6.464	6,2
6. Pesquisadores doutores (D)	1.584	5,7	3.075	8,9	4.470	9,3	5.091	8,8	5.232	7,8
(D)/(P) em %	63,4		90,7		90,2		79,2		80,9	

A.. Percentuais das linhas 1 a 6 calculados em relação ao total de grupos de pesquisa no Brasil.

Trata-se de um contingente deveras amplo, ainda que o número de grupos de pesquisa esteja decrescendo em termos proporcionais em relação ao Brasil e que seu crescimento tenha sido mais intenso em anos anteriores a 2006, o que podemos visualizar no gráfico 18.

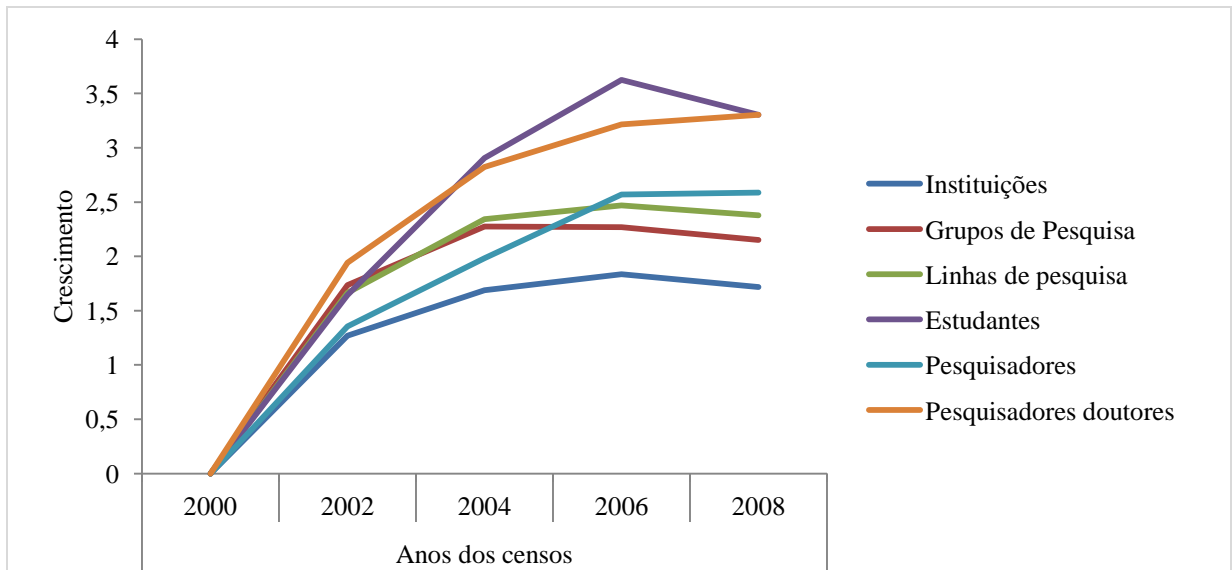


Gráfico 18. Crescimento do número instituições, grupos de pesquisa, linhas de pesquisa, pesquisadores, pesquisadores doutores e estudantes que compõem o campo das “*Ciências dos Alimentos*” no Brasil de 2000 a 2008^a.

A. Tabela E correspondente encontra-se no Anexo.

B. O crescimento expressa o número de vezes que o conjunto é maior em relação ao ano de 2000.

Apresenta o número de pesquisadores em elevação e, em particular, pesquisadores com doutorado; aqui, a participação de pesquisadores titulados em relação ao total desses pesquisadores (81%) encontra-se em proporções bem acima das médias nacionais (64%) em 2008. O crescimento do número de estudantes é expressivo, o que nos diz de investimentos na formação e preparação de futura renovação dos quadros de pesquisadores hoje em atividade. Parece que os anos anteriores, especialmente os próximos a 2002 e 2004 foram mais favoráveis a esse campo da ciência.

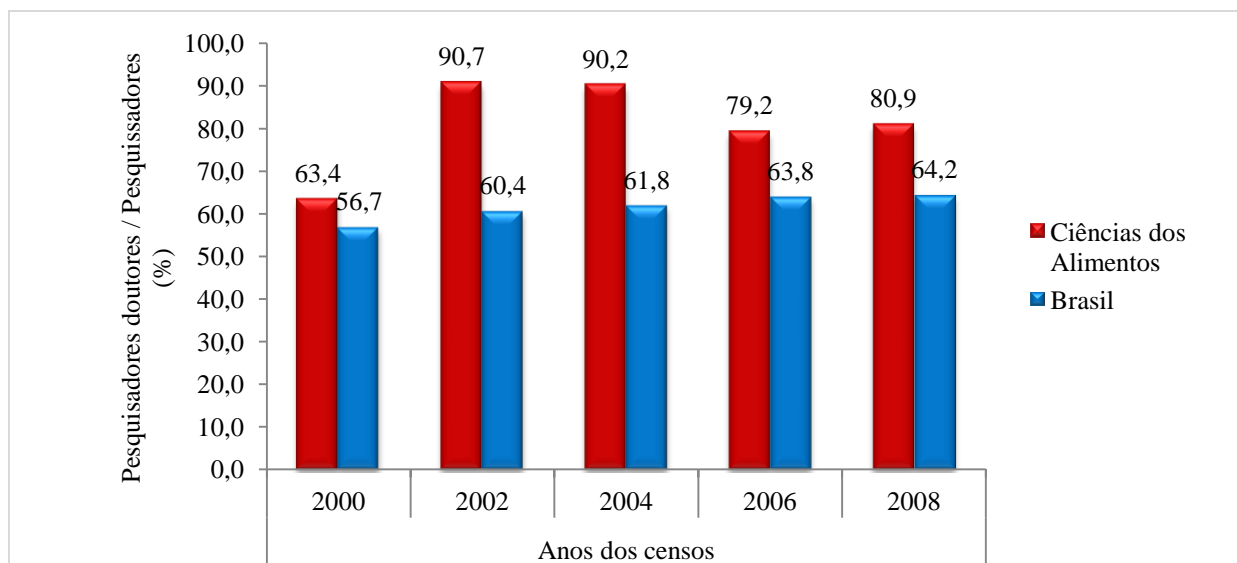


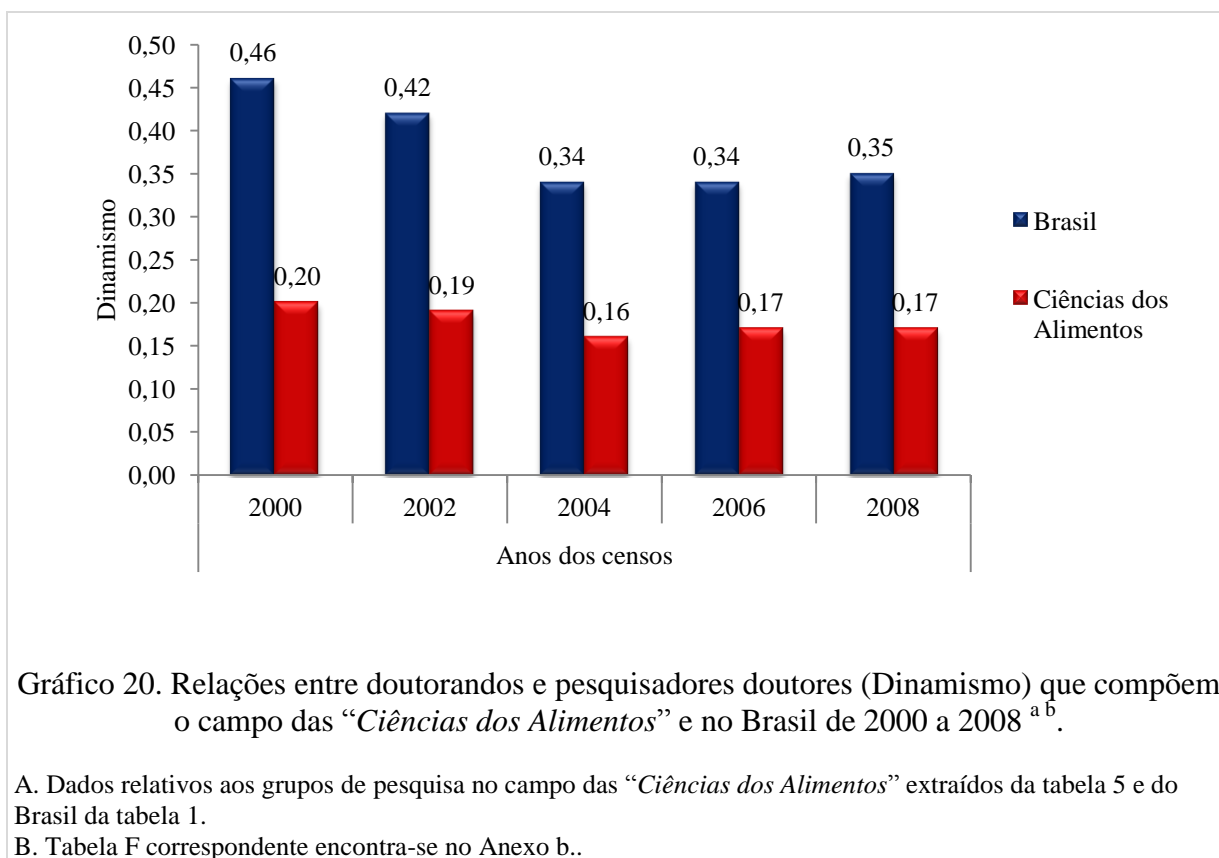
Gráfico 19. Distribuição percentual de pesquisadores doutores em relação a pesquisadores nos grupos de pesquisa que compõem o campo das “*Ciências dos Alimentos*” e no Brasil de 2000 a 2008

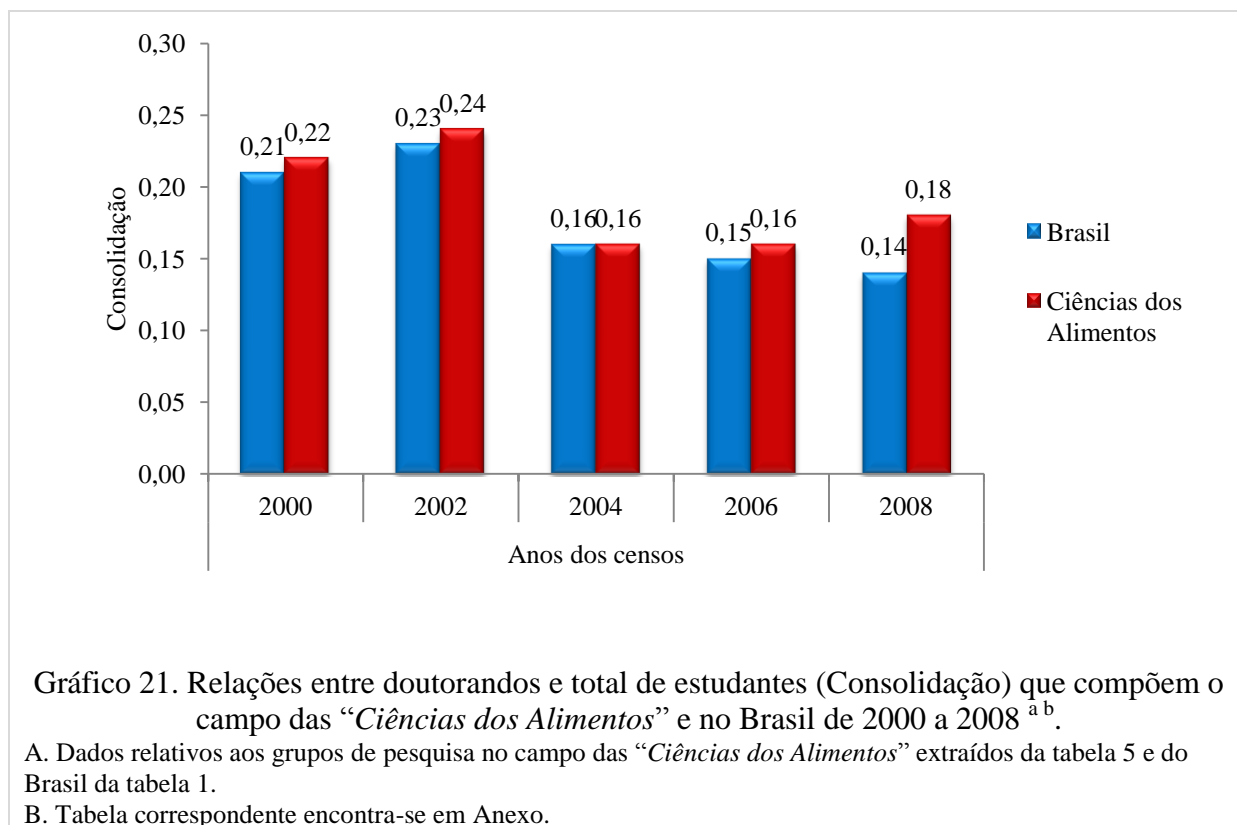
A. Dados relativos aos grupos de pesquisa no campo das “*Ciências dos Alimentos*” extraídos da tabela 5 e do Brasil da tabela 1.

De acordo com Guimarães *et al*, 2001, relações entre pesquisadores doutores e doutorandos podem nos auxiliar a visualizar a intensidade de reprodução da força de trabalho em pesquisa, ou seja, seu *dinamismo*. Além disso, é possível inferir a *consolidação* científica a partir da relação entre o número de doutores e o conjunto de estudantes em todos os graus de qualificação. Nas palavras dos autores

Além de participar da composição da força de trabalho em pesquisa, a presença dos estudantes, segundo o nível de seu treinamento, pode sugerir que, na grande maioria dos casos, é do conjunto de doutorandos que sairão os novos pesquisadores de uma determinada área do conhecimento, e que a relação entre doutorandos e o número de pesquisadores doutores nos grupos de pesquisa sugere a intensidade de reprodução da força de trabalho em pesquisa ou, em outras palavras, do dinamismo de uma determinada área. A relação entre doutorandos e o conjunto de estudantes (em todos os níveis de treinamento) nos grupos é um indicador indireto da “consolidação científica” da área do conhecimento. Essa última assertiva possui uma justificação essencialmente histórica, pois a observação empírica mostra que desde 1965, quando se inaugura a pós-graduação brasileira tal como é hoje, as áreas com maior massa crítica, portanto as mais consolidadas, foram as que primeiro formaram doutores e são as que, hoje, formam proporcionalmente mais doutores em relação aos demais níveis de formação (mestres e outros). Uma área do conhecimento pode ser muito consolidada cientificamente e, ao mesmo tempo, possuir um baixo dinamismo. Isto ocorrerá se a reprodução de sua massa crítica for baixa, a despeito de estar formando um número de doutores proporcionalmente grande em relação aos demais níveis de formação. Por exemplo, o exame dos dados do Diretório sugere que, no Brasil, a física possui um dinamismo menor que a química, a despeito de ser mais consolidada do ponto de vista científico (p. 330).

O campo dos estudos dos alimentos mostra-se com baixo dinamismo e similar em termos de consolidação científica quando comparado às médias nacionais (gráficos 20 e 21), o que indica necessidade de intensificação no apoio à formação de novos pesquisadores. Em outras palavras, estes resultados sugerem a necessidade de aproximação entre os grupos de pesquisa e os programas de formação de pesquisadores no campo científico em tela. Registremos que muitos desses grupos de pesquisa compõem institutos de pesquisa de cunho mais aplicado e não em universidades, espaço tradicional de instalação de cursos de mestrado e doutorado no Brasil.





No que tange à árvore do conhecimento, procedendo inversamente ao realizado no DGP – que parte da área indicada pelo líder de cada grupo de pesquisa para identificar sua posição pontual na Tabela das Áreas do Conhecimento – distribuímos os grupos de pesquisa que se referem a estudos sobre alimentos para a vida humana segundo as áreas do conhecimento predominantes indicadas pelos líderes no formulário eletrônico no momento de sua criação. E os encontramos em muitos domínios da ciência, nas Ciências da Vida (92,4%), da Natureza (4,6%) e nas Humanidades (1,9%). De acordo com os gráficos 22 a 25, forma maioria entre os grupos de pesquisa em análise os que indicaram as Ciências Agrárias (77,0%) com sua área predominante; em seu interior, os que assinalaram a Agronomia e a Zootecnia, como área de predominantes ocuparão juntos, mais da metade de todos os grupos que se voltam para o estudo dos alimentos; notamos que os que informaram ser a Ciência e Tecnologia de Alimentos sua área predominante ocupam o terceiro lugar (11,1%). Ou seja, há muito mais pesquisa sobre alimentos para a vida humana em outras áreas que não a Ciência e Tecnologia de Alimentos. A Nutrição, por exemplo, aparece em quinto lugar, nessa distribuição proporcional.

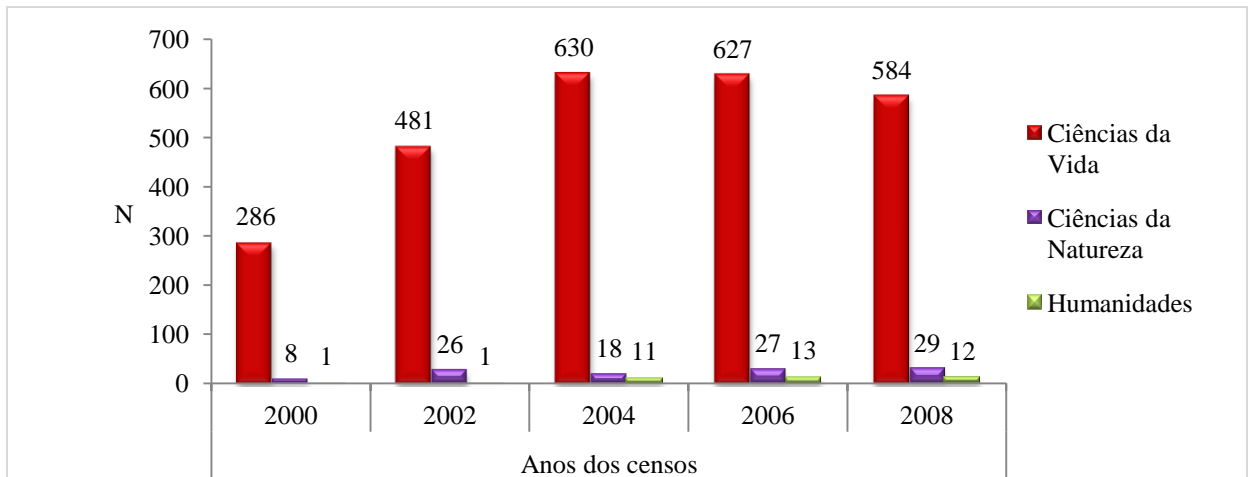


Gráfico 22. Distribuição dos grupos de pesquisa que compõem o campo das “*Ciências dos Alimentos*” segundo grandes áreas predominantes do conhecimento no Brasil de 2000 a 2008

A tabela G correspondente encontra-se no Anexo.

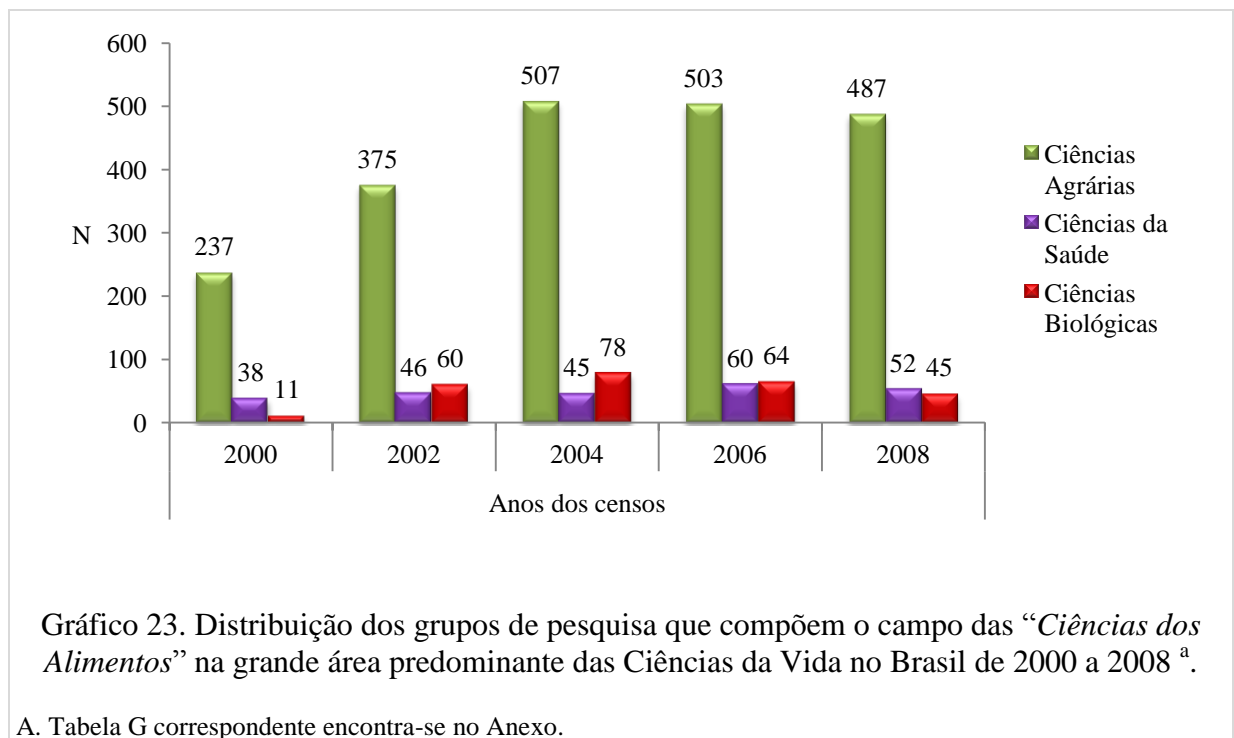


Gráfico 23. Distribuição dos grupos de pesquisa que compõem o campo das “*Ciências dos Alimentos*” na grande área predominante das Ciências da Vida no Brasil de 2000 a 2008 ^a.

A. Tabela G correspondente encontra-se no Anexo.

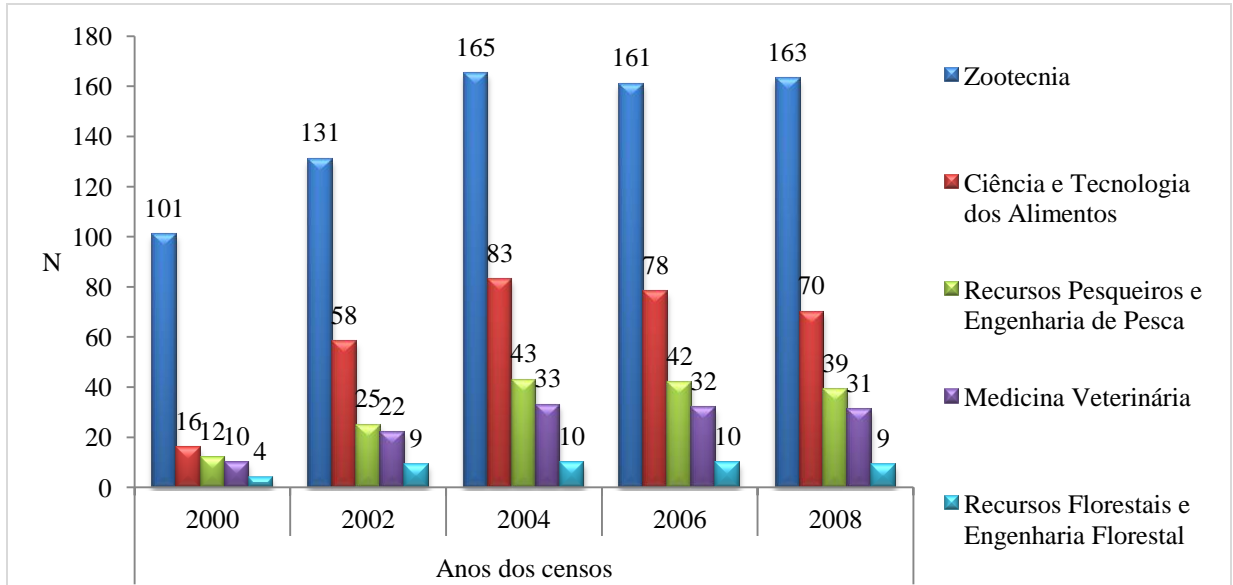


Gráfico 24. Distribuição dos grupos de pesquisa que compõem o campo das “*Ciências dos Alimentos*” na grande área predominante das Ciências Agrárias no Brasil de 2000 a 2008 ^a.

A tabela G correspondente encontra-se no Anexo.

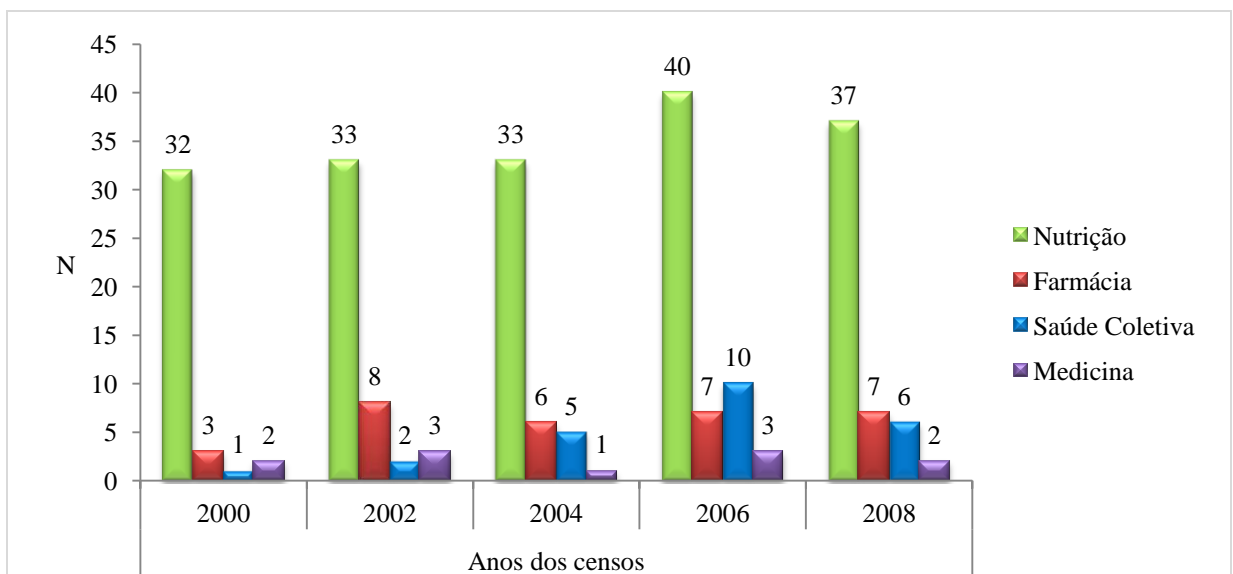


Gráfico 25. Distribuição dos grupos de pesquisa que compõem o campo das “*Ciências dos Alimentos*” na grande área predominante das Ciências da Saúde no Brasil de 2000 a 2008 ^a.

A. Tabela G correspondente encontra-se no Anexo.

Quanto à distribuição geográfica desses grupos de pesquisa, apresentada na tabela 6, a região Sudeste é soberana, concentrando praticamente metade do parque nacional do campo das “*Ciências dos Alimentos*”.

Tabela 6. Distribuição dos grupos de pesquisa que compõem o campo das “*Ciências dos Alimentos*” segundo região geográfica e unidade da federação no Brasil de 2000 a 2008.

Região geográfica e Unidade da Federação	Anos dos censos									
	2000		2002		2004		2006		2008	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Sudeste	178	60,5	275	53,9	357	53,4	327	49,0	300	47,5
São Paulo	64	21,8	103	20,2	140	20,9	138	20,7	120	18,8
Minas Gerais	46	15,6	88	17,3	105	15,7	104	15,6	93	14,7
Rio de Janeiro	67	22,8	80	15,7	102	15,2	85	12,7	81	12,8
Espírito Santo	1	0,3	4	0,8	10	1,5	0	0,0	6	1,0
Sul	53	18,0	98	19,2	144	21,5	137	20,5	132	20,7
Paraná	25	8,5	39	7,7	70	10,5	64	9,6	57	9,0
Rio Grande do Sul	19	6,5	47	9,2	51	7,6	50	7,5	47	7,4
Santa Catarina	9	3,1	12	2,4	23	3,4	23	3,5	28	4,4
Nordeste	46	16,0	87	17,1	100	14,9	115	17,2	110	17,4
Bahia	15	5,1	19	3,7	24	3,6	37	5,6	34	5,4
Paraíba	6	2,0	14	2,8	18	2,7	16	2,4	18	2,8
Ceará	8	2,7	14	2,8	17	2,5	19	2,9	17	2,7
Pernambuco	10	3,4	13	2,6	13	1,9	14	2,1	14	2,2
Alagoas	2	0,7	5	1,0	6	0,9	9	1,4	10	1,6
Rio Grande do Norte	2	0,7	9	1,8	8	1,2	4	0,6	6	0,9
Maranhão	1	0,3	6	1,2	5	0,8	6	0,9	4	0,6
Piauí	1	0,3	7	1,4	7	1,1	6	0,9	4	0,6
Sergipe	1	0,3	0	0,0	2	0,3	4	0,6	3	0,5
Centro-oeste	13	4,8	28	5,5	40	6,0	56	8,4	56	8,9
Goiás	7	2,4	13	2,6	15	2,2	18	2,7	18	2,8
Mato Grosso	0	0,0	4	0,8	7	1,1	12	1,8	16	2,5
Mato Grosso do Sul	4	1,4	8	1,6	13	1,9	20	3,0	15	2,4
Distrito Federal	2	0,7	3	0,6	5	0,8	6	0,9	7	1,1
Norte	4	1,4	22	4,3	28	4,2	32	4,8	38	6,0
Amazonas	4	1,4	12	2,4	16	2,4	22	3,3	22	3,5
Roraima	0	0,0	2	0,4	1	0,2	1	0,2	6	1,0
Tocantins	0	0,0	5	1,0	8	1,2	6	0,9	5	0,8
Pará	0	0,0	3	0,6	2	0,3	3	0,5	3	0,5
Acre	0	0,0	0	0,0	1	0,2	0	0,0	2	0,3
Amapá	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Total	294	100,0	510	100,0	669	100,0	667	100,0	632	100,0

Agregadas, as regiões Sudeste e Sul abarcam, praticamente, 70% dos grupos de pesquisa do País. O Nordeste mantém presença relativamente estável da ordem de 17%. O interior do País, em especial a região Norte, permanece como um dos desafios no que diz respeito à sua inclusão e crescimento na ciência nacional, inclusive neste campo que se dirige ao estudo dos alimentos.

Isto certamente se deve à situação economicamente privilegiada das regiões Sudeste e Sul, onde o incentivo à pesquisa é mais forte e são melhores as condições de trabalho (LEITE *et al.*, 2001).

Considerando dados relativos a investimentos do CNPq em bolsas, em 2008⁷ a região Sudeste recebeu 58,9% do total investido em todas as regiões. São Paulo recebeu, neste ano, o maior número de bolsas de Formação e Qualificação de Pesquisadores (cerca de 10.800 bolsas) enquanto, na região Centro Oeste foram distribuídas aproximadamente 2.900 bolsas. Notamos que este auxílio ajuda na qualificação dos pesquisadores que são os responsáveis pela disseminação da ciência no País através de seus projetos de pesquisa (CONSELHO, 2011b). A escassez dos recursos em algumas regiões reduz os investimentos para uma melhor qualificação desses profissionais. Este é apenas um exemplo entre muitos outros.

Estas condições impulsionam o progresso científico e tecnológico, com incremento de produções e inovações científicas e, conseqüentemente, o aumento de capital científico na região. É preciso enfatizar que os recursos não podem e nem devem ter, como único objetivo, apenas desenvolver uma determinada instituição, mas, pelo seu crescimento em qualidade na pesquisa e na formação de recursos humanos, torná-la um instrumento para o desenvolvimento sustentado do Estado, da região e do País (BORTOLOZZI e GREMSKI, 2004). Sem alguma forma de intervenção de âmbito nacional que destine recursos a outras regiões, é pouco provável esse círculo se rompa.

Em virtude do reconhecimento dessas distorções regionais e também entre Estados brasileiros, os órgãos CNPq e a Capes negociaram com os Estados os Planos Regionais de Pesquisa e Pós-Graduação. Esses planos foram feitos em parceria com as Fundações de Amparo à Pesquisa e os Fóruns Estaduais de Pró-Reitores de Pesquisa e Pós-Graduação, levando em conta as políticas de ciência e tecnologia dos respectivos Estados. Segundo as avaliações da Capes e do CNPq, os resultados foram positivos, onde podemos concluir que tais políticas deveriam ter continuidade, pois constituem uma forma eficiente para minimizar

⁷ Utilizamos o ano de 2008 para efeito de compatibilidade com os dados do último censo de grupos de pesquisa utilizado neste trabalho.

as grandes divergências entre os Estados brasileiros (BORTOLOZZI e GREMSKI, 2004). Outras iniciativas, desta mesma natureza, estão sendo implantadas, nacionalmente, em percentuais crescentes, destinadas, especificamente, às regiões mais interioranas nos editais de apoio à pesquisa. Ainda assim, as discrepâncias regionais são avolumadas e sua superação depende de ações de ordem nacional em outros campos além dos setores de governos ligados à ciência.

Instituições especificamente voltadas para a pesquisa sobre alimentos nos níveis federal, estadual, universidades públicas, em especial as rurais e as situadas em municípios do interior ocupam liderança da inserção dos grupos de pesquisa que se voltam para o estudo dos alimentos. A tabela 7 possibilita visualizar as instituições que contam com cinco ou mais grupos de pesquisa; as demais comportam de modo rarefeito os grupos restantes. A concentração dos grupos de pesquisa na Região Sudeste do País, anteriormente aludida, expressa-se na parcela importante que os institutos de pesquisa e as universidades paulistas (USP, UNESP, UNICAMP, IAC) ocupam nesse cenário. No que tange aos grupos que se encontram mais isolados, passar do trabalho fragmentário a uma condição ao menos um pouco mais articulada e que vise o desenvolvimento de estudos de maior porte e mais dirigidos a fins comuns, sejam eles básicos ou aplicados, coloca-se como um desafio ao avanço deste campo no Brasil, no que diz respeito a esses grupos de pesquisa.

Enfim e resumidamente, os grupos de pesquisa que compõem o campo das Ciências dos Alimentos correspondem parque científico bem mais amplo que o apresentado nas Séries Históricas do DGP. Trata-se de uma massa crítica que vem crescendo, porém em ritmo menos intenso que o registrado para o conjunto da ciência nacional. Esses grupos de pesquisa contam pesquisadores bem qualificados em seus quadros, acima das médias nacionais, mas parecem apresentar baixa capacidade de formação e renovação de novos pesquisadores; a aproximação de grupos aos programas de pós-graduação *stricto sensu*, bem como, investimentos nesses espaços de formação, poderia contribuir para dinamizar esse campo da ciência. Esse contingente está presente em especial nas denominadas Ciências agrárias e também em vários domínios da pesquisa científica brasileira. Acompanhando o cenário nacional, encontram-se tais grupos de pesquisa mais concentrados nas regiões Sudeste e Sul, nessa ordem.

Passemos agora a descrever os grupos de pesquisa que conforma o campo da “Alimentação e Nutrição” no Brasil.

Tabela 7. Distribuição dos grupos de pesquisa que compõem o campo das “*Ciências dos Alimentos*” segundo instituição no Brasil de 2000 a 2008.

Instituições	2000		2002		2004		2006		2008	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA	41	14,0	52	10,2	58	8,7	45	6,8	45	7,1
Universidade Federal de Viçosa – UFV	19	6,5	34	6,7	39	5,8	39	5,9	34	5,4
Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho – UNESP	12	4,1	23	4,5	37	5,5	37	5,6	33	5,2
Universidade de São Paulo – USP	18	6,1	29	5,7	40	6,0	33	5,0	28	4,4
Universidade Federal de Lavras – UFPA	12	4,1	19	3,7	20	3,0	17	2,6	14	2,2
Universidade Estadual de Londrina – UEL	3	1,0	2	0,4	13	1,9	11	1,7	13	2,1
Universidade Federal do Paraná – UFPR	2	0,7	10	2,0	16	2,4	15	2,3	13	2,1
Universidade Estadual de Maringá – UEM	8	2,7	13	2,6	16	2,4	15	2,3	12	1,9
Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais – EPAMIG	6	2,0	8	1,6	10	1,5	12	1,8	11	1,7
Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT	0	0,0	4	0,8	6	0,9	7	1,1	11	1,7
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG	5	1,7	13	2,6	14	2,1	13	2,0	10	1,6
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS	7	2,4	11	2,2	11	1,6	11	1,7	10	1,6
Universidade Federal de Goiás – UFG	7	2,4	10	2,0	11	1,6	12	1,8	10	1,6
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM	4	1,4	8	1,6	11	1,6	11	1,7	10	1,6
Universidade Federal do Ceará – UFC	5	1,7	8	1,6	10	1,5	13	2,0	10	1,6
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ	7	2,4	7	1,4	12	1,8	11	1,7	10	1,6
Universidade Federal de Alagoas – UFAL	3	1,0	5	1,0	6	0,9	9	1,4	10	1,6
Universidade Federal do Amazonas – UFAM	0	0,0	1	0,2	6	0,9	10	1,5	10	1,6
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP	4	1,4	11	2,2	14	2,1	10	1,5	9	1,4
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC	2	0,7	5	1,0	8	1,2	7	1,1	9	1,4
Instituto Agrônomo de Campinas – IAC	9	3,1	12	2,4	13	1,9	10	1,5	8	1,3
Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE	8	2,7	8	1,6	9	1,4	10	1,5	7	1,1
Universidade Federal da Paraíba – UFPB	6	2,0	12	2,4	11	1,6	8	1,2	7	1,1
Universidade Federal da Bahia – UFBA	7	2,4	6	1,2	9	1,4	7	1,1	6	1,0
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS	2	0,7	4	0,8	7	1,1	9	1,4	6	1,0
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ	3	1,0	5	1,0	6	0,9	6	0,9	5	0,8
Universidade Federal de Uberlândia	0	0,0	4	0,8	5	0,7	5	0,7	5	0,8
Outras instituições	94	32,0	186	36,5	251	37,5	274	41,1	276	43,7
Total	294	100,0	510	100,0	699	100,0	667	100,0	632	100,0

4.2. Os grupos de pesquisa que compõem o campo da “Alimentação e Nutrição” no Brasil.

Retomando as Séries Históricas do DGP, em sua perspectiva que descreve os grupos de pesquisa a partir de uma única “área do conhecimento predominante”, aí encontramos 148 grupos de pesquisa em 2008 e de 171 em 2010.

Nossos procedimentos – que identificam grupos operando estudos dirigidos aos nutrientes é à *comida*, mesmo estando os interesses mais centrais a esses agentes em outros campos da lida científica – informam sobre um campo bem mais amplo, da ordem de 500 grupos, em 2008, o que está descrito em detalhes na tabela 8. Estamos nos referindo a cerca de 2.300 linhas de pesquisa, 4.600 estudantes e 3.900 pesquisadores. Esses grupos de pesquisa estão presentes em, aproximadamente, uma terça parte (33,6%) das instituições brasileiras que abrigam essas unidades de pesquisa.

Tabela 8. Número de instituições, grupos de pesquisa, linhas de pesquisa, pesquisadores, pesquisadores doutores e estudantes que compõem o campo da “Alimentação e Nutrição” no Brasil de 2000 a 2008 ^a.

Principais dimensões	Anos dos censos									
	2000		2002		2004		2006		2008	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
1. Instituições	41	18,3	75	28,0	95	28,3	116	28,8	142	33,6
2. Grupos de Pesquisa	128	1,9	236	1,5	312	1,6	412	1,9	472	2,5
3. Linhas de pesquisa	516	1,3	1.085	2,1	1.261	1,8	1.917	2,5	2.275	2,6
4. Estudantes	839	1,4	1.279	2,1	2.187	2,1	3.140	2,4	4.608	2,9
5. Pesquisadores (P)	844	1,7	1.553	2,7	1.956	2,5	3.206	3,5	3.892	3,7
6. Pesquisadores doutores (D)	475	1,7	979	2,8	1.208	2,5	2.155	3,74	2.692	4,0
(D)/(P) em %	56,3		63,0		61,7		67,2		69,1	

A. Percentuais das linhas 1 a 6 calculados em relação ao total de grupos de pesquisa no Brasil.

Estamos diante de expressivo parque científico que vem demonstrando crescimento regular e intenso, em ritmo mais forte que o observado nas médias nacionais. Enquanto que o número de grupos de pesquisa praticamente dobrou no Brasil entre 2000 e 2008, no campo da

Alimentação e Nutrição, seu incremento foi de quase quatro vezes no mesmo período. Registremos que o componente - Alimentação desse conjunto, ainda que, menor em termos numéricos, vem exercendo papel importante ao “puxar para cima” esses valores com seu crescimento da ordem de 11 vezes nesse mesmo intervalo de tempo.

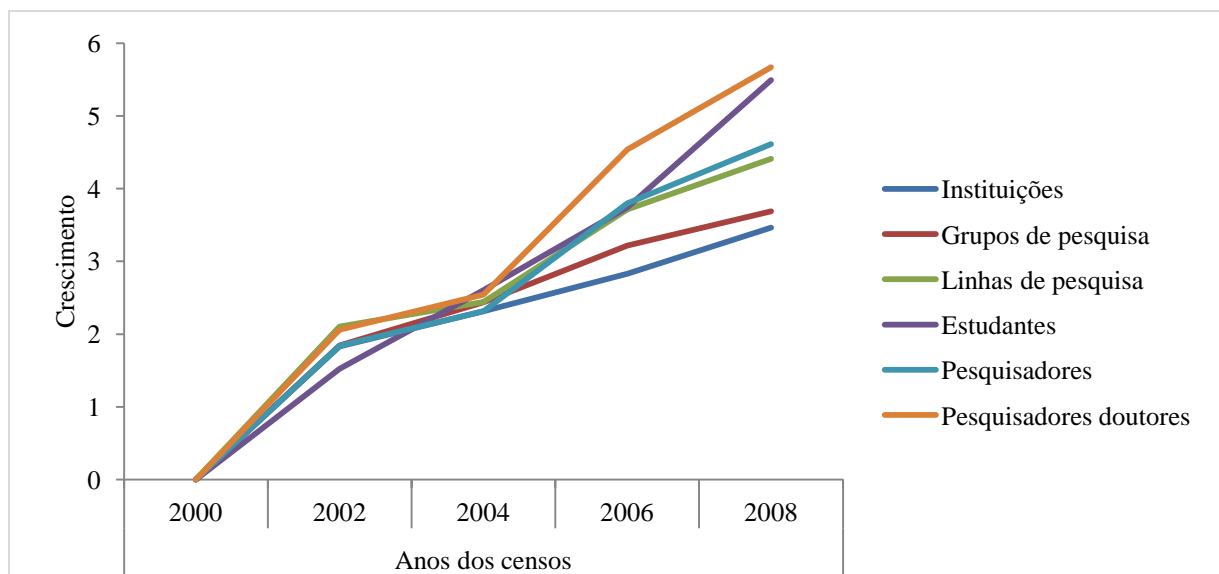


Gráfico 26. Crescimento do número instituições, grupos de pesquisa, linhas de pesquisa, pesquisadores, pesquisadores doutores e estudantes que compõem o campo da “Alimentação e Nutrição” no Brasil de 2000 a 2008 ^a.

A. Tabela H correspondente encontra-se no Anexo.

B. O crescimento expressa o número de vezes que o conjunto é maior em relação ao ano de 2000.

Os números de pesquisadores e de estudantes acompanham esse ritmo de crescimento de titulação nesse nível acompanha as médias nacionais, com ligeira superioridade, conforme o destaque, para o incremento forte e promissor de pesquisadores doutores, cuja proporção se pode ver no gráfico 27.

Ainda assim, o campo dá indicações de necessidade de maiores investimentos na formação de novos pesquisadores ao apresentar dinamismo abaixo das médias nacionais. Além disso, é possível dizer que ainda há um importante caminho a percorrer no que tange a consolidação desse campo que fica apenas próximo às médias nacionais. É o que depreendemos do registrado nos gráficos 28 e 29.

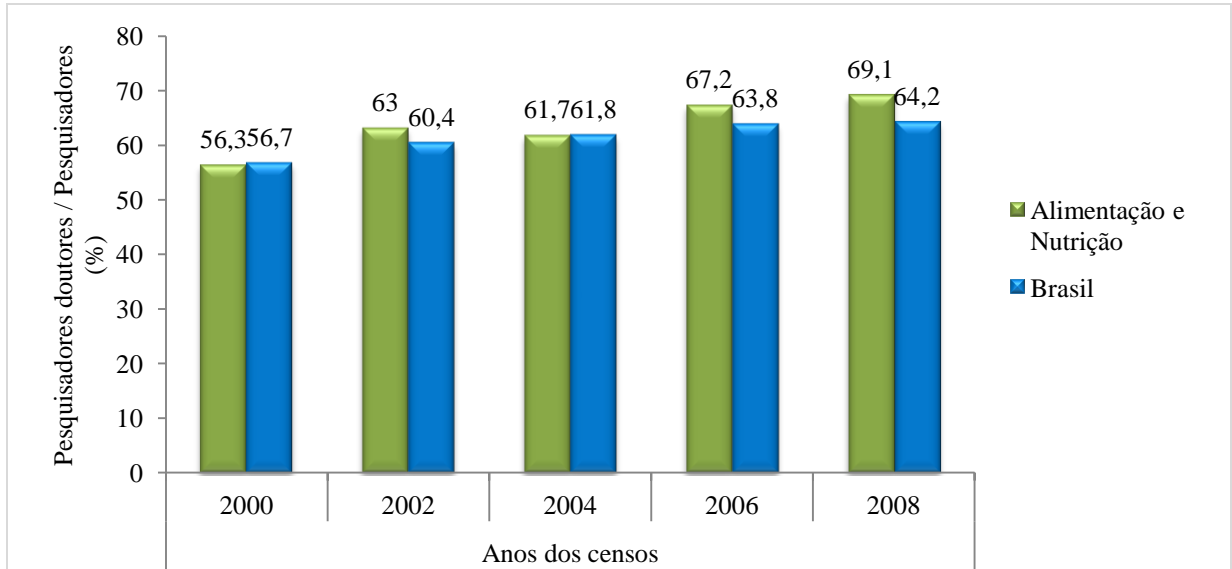


Gráfico 27. Distribuição percentual de pesquisadores doutores em relação a pesquisadores nos grupos de pesquisa que compõem o campo da “Alimentação e Nutrição” e no Brasil de 2000 a 2008 a.

A. Dados relativos aos grupos de pesquisa do campo Alimentação e Nutrição extraídos da tabela 5 e do Brasil da tabela 1.

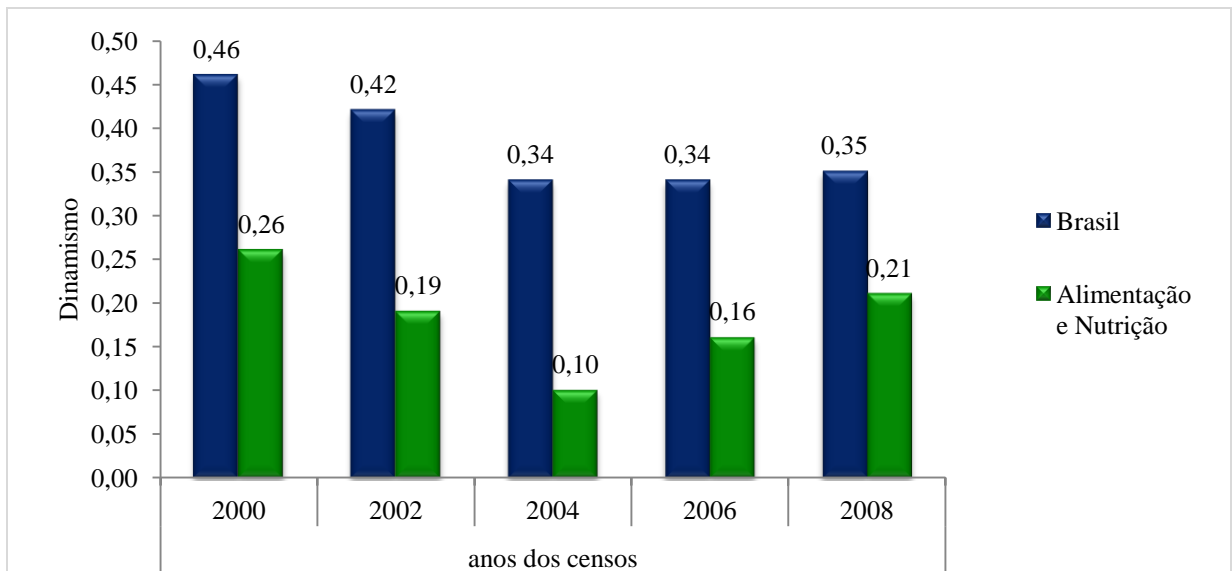


Gráfico 28. Relações entre doutorandos e pesquisadores doutores (Dinamismo) que compõem o campo da “Alimentação e Nutrição” e no Brasil de 2000 a 2008 ^{a b}.

A. Dados relativos aos grupos de pesquisa no campo da “Alimentação e Nutrição” extraídos da tabela 5 e do Brasil da tabela 1.

B. Tabela I correspondente encontra-se no Anexo.

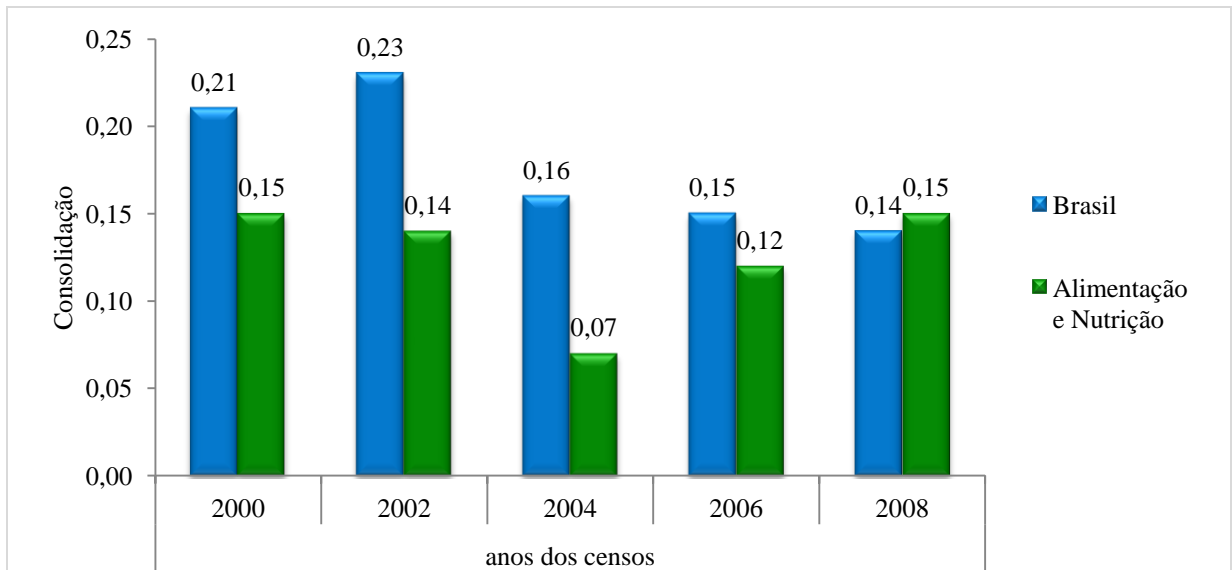


Gráfico 29. Relações entre doutorandos e total de estudantes (Consolidação) que compõem o campo da “Alimentação e Nutrição” e no Brasil de 2000 a 2008 ^{a b}.

A. Dados relativos aos grupos de pesquisa no campo da “Alimentação e Nutrição” extraídos da tabela 5 e do Brasil da tabela 1.

B. Tabela I correspondente encontra-se no Anexo.

Quanto à distribuição desses grupos de pesquisa em áreas do conhecimento, encontramos um perfil bastante aberto a incursões em vários espaços da ciência. Um amplo leque no qual predomina a presença nas Ciências da Vida e, registremos também, há, em números importantes, espaços próprios das Humanidades. Através dos gráficos 30 a 34 podemos visualizar essa miríade de inserções e a preponderância de grupos que indicaram as Ciências da Saúde (em especial, Nutrição, Medicina, Saúde Coletiva). As Ciências Agrárias têm lugar expressivo através da Ciência e Tecnologia de Alimentos e as Ciências Biológicas se manifestam por meio dos clássicos domínios da Bioquímica e Fisiologia. As Humanidades participam de forma importante nesse amplo quadro multidisciplinar, em especial a partir de abordagens de cunho sócio-antropológico.

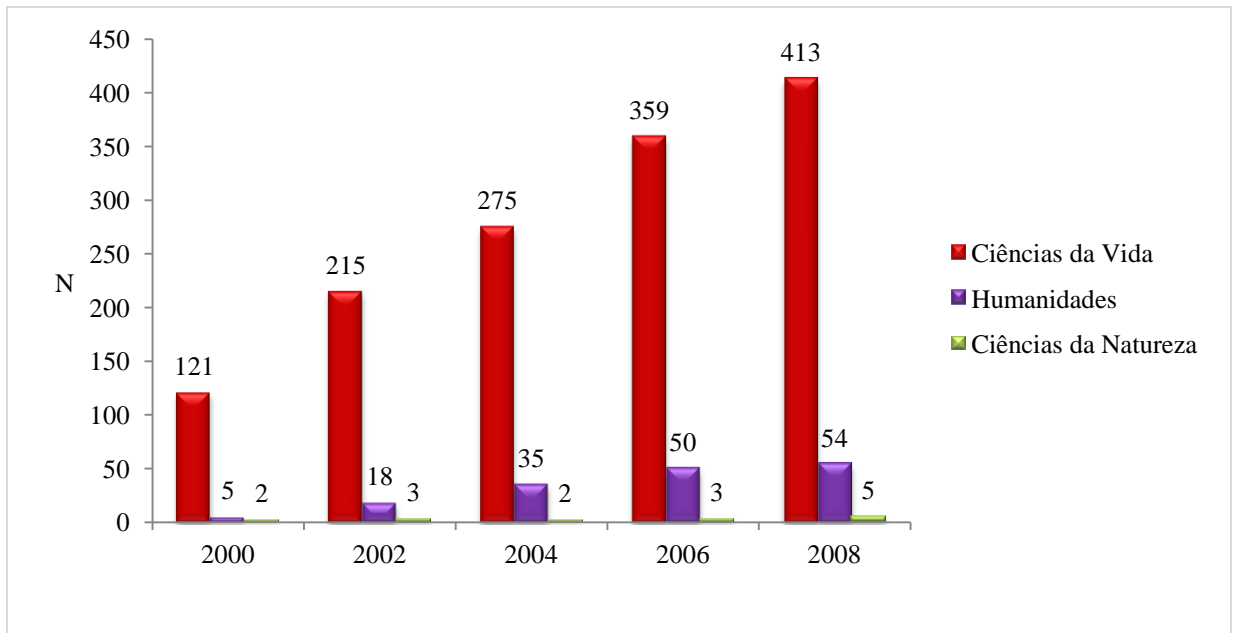


Gráfico 30. Distribuição dos grupos de pesquisa que compõem o campo da “Alimentação e Nutrição” segundo grandes áreas predominantes do conhecimento no Brasil de 2000 a 2008

A Tabela J correspondente encontra-se no Anexo.

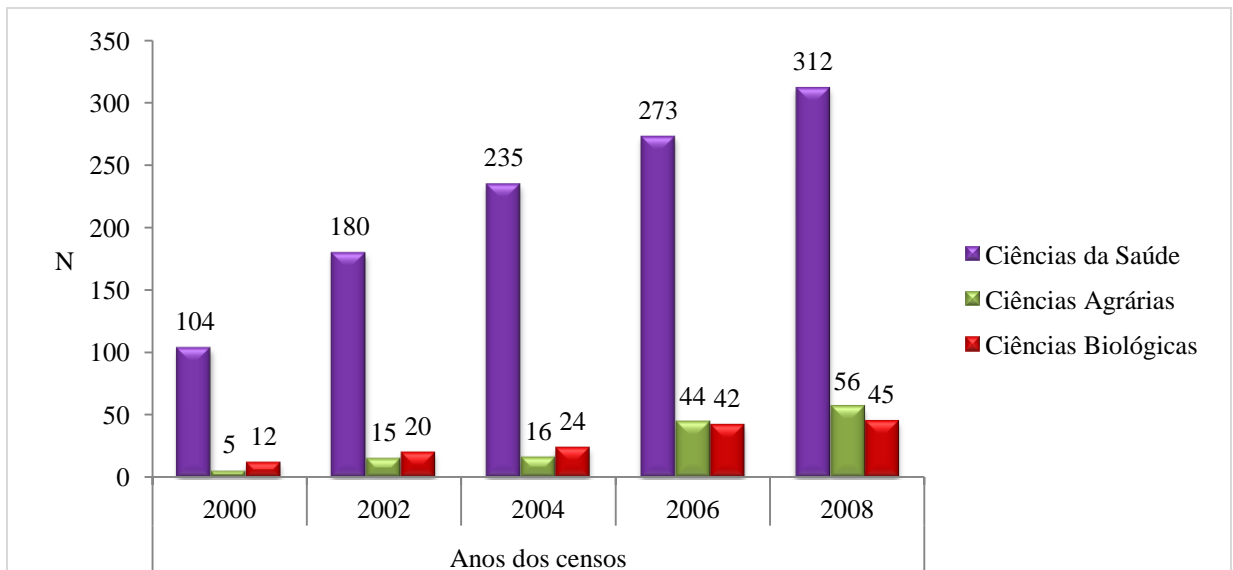


Gráfico 31. Distribuição dos grupos de pesquisa que compõem o campo da “Alimentação e Nutrição” na grande área predominante das Ciências da Vida no Brasil de 2000 a 2008 ^a.

A Tabela J correspondente encontra-se no Anexo.

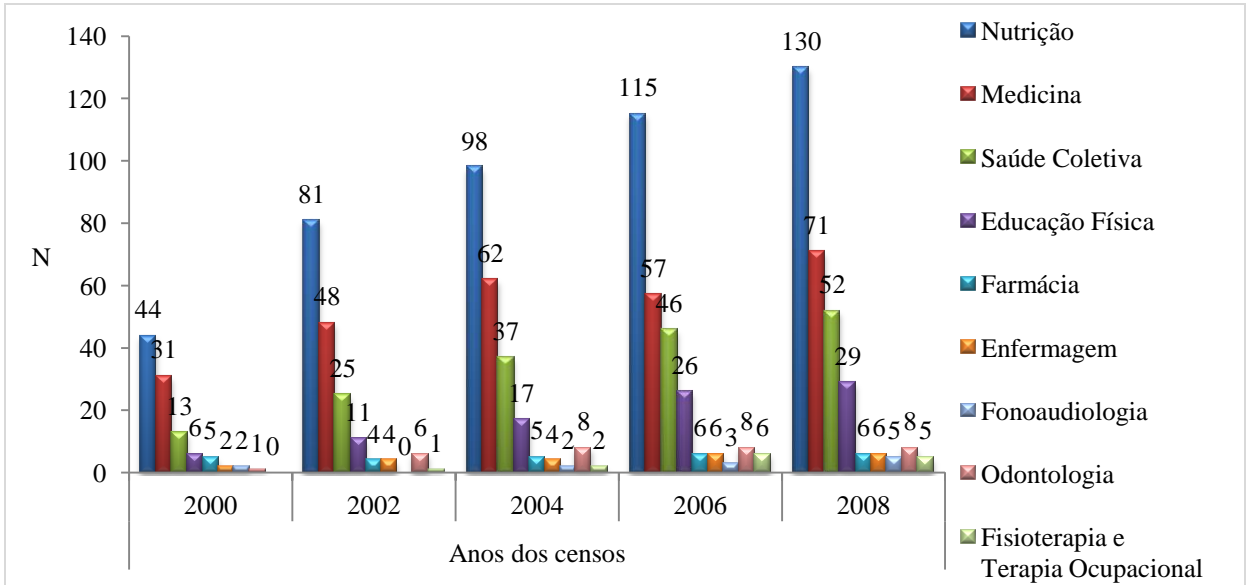


Gráfico 32. Distribuição dos grupos de pesquisa que compõem o campo da “Alimentação e Nutrição” na grande área predominante das Ciências da Saúde no Brasil de 2000 a 2008 ^a.

A Tabela J correspondente encontra-se no Anexo.

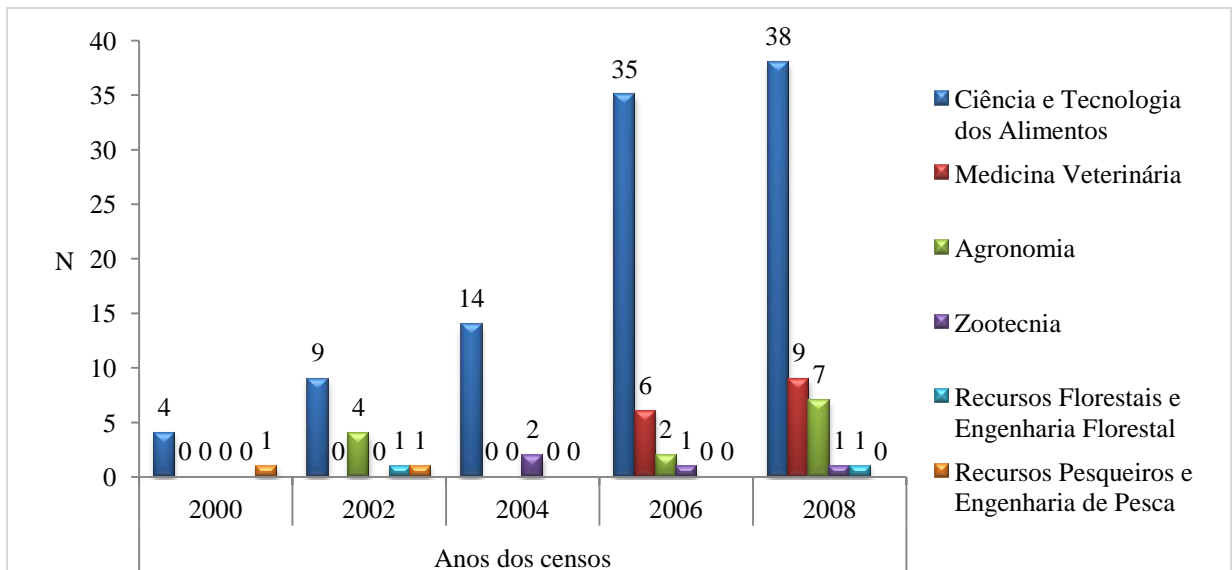


Gráfico 33. Distribuição dos grupos de pesquisa que compõem o campo da “Alimentação e Nutrição” na grande área predominante das Ciências Agrárias no Brasil de 2000 a 2008 ^a.

A. Tabela J correspondente encontra-se em Anexo

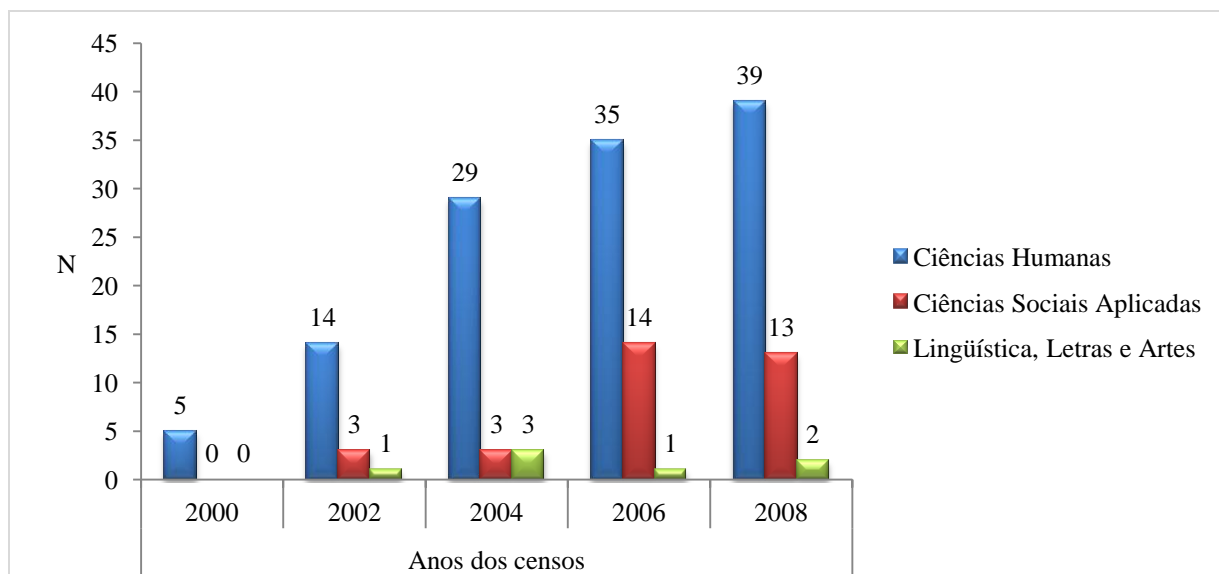


Gráfico 34. Distribuição dos grupos de pesquisa que compõem o campo da “Alimentação e Nutrição” na grande área predominante das Humanidades no Brasil de 2000 a 2008^a.

A. Tabela J correspondente encontra-se no Anexo.

Observemos a simultaneidade de distintas abordagens – o que se estabelece via identificação de objetos situados no âmbito da natureza (Bioquímica ou Fisiologia, por exemplo) e da sociedade (Educação e História, que citamos a título de ilustração) –, de enfoques disciplinares (como na Genética) ou multi, inter ou transdisciplinares (vide a Saúde Coletiva). Isto corresponde um largo espectro de domínios científicos em aproximações e distanciamentos, em interfaces que de alguma forma se constituem, estabelecendo uma forte marca de identidade do campo da “Alimentação e Nutrição”.

O perfil de distribuição regional acompanha, em linhas gerais, o padrão nacional com cerca de 70% dos grupos de pesquisa situados no Sudeste (particularmente no eixo Rio de Janeiro – São Paulo) e Sul. A região Nordeste conta com expressivo número de grupos de pesquisa na Bahia e em Pernambuco, onde há fortes programas de pós-graduação tanto em Nutrição e como em Saúde Coletiva. O interior do País é o desafio da ciência, inclusive no campo alimentar-nutricional.

E, em termos institucionais, universidades paulistanas encabeçam a lista das que contam com maiores números de grupos de pesquisa nesse campo e as instituições públicas de ensino das regiões, que historicamente são mais presentes na ciência brasileira, mantêm seu lugar de destaque contando com mais de cinco dessas unidades de pesquisa por instituição.

Daí por diante, há uma grande rarefação; universidades de grande porte e com parque científico respeitável contando com um ou dois grupos de pesquisa em “*Alimentação e Nutrição*”. As grandes distâncias físicas e o isolamento regional são limitantes importantes e os investimentos através de apoio e incentivo a parcerias institucionais podem colaborar para a superação desse problema.

Tabela 9. Distribuição dos grupos de pesquisa que compõem o campo da “Alimentação e Nutrição” segundo região geográfica e unidade da federação no Brasil de 2000 a 2008.

Região geográfica Unidade da Federação	Anos dos censos									
	2000		2002		2004		2006		2008	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Sudeste	75	58,6	125	53,0	150	48,1	197	47,8	225	47,7
São Paulo	43	33,6	56	23,7	73	23,4	100	24,3	124	26,3
Rio de Janeiro	22	17,2	48	20,3	47	15,1	57	13,8	60	12,7
Minas Gerais	10	7,8	20	8,5	30	9,6	40	9,7	38	8,1
Espírito Santo	0	0,0	1	0,4	0	0,0	0	0,0	3	0,6
Sul	18	14,1	47	19,9	69	22,1	87	21,1	98	20,8
Rio Grande do Sul	10	7,8	22	9,3	28	9,0	32	7,8	40	8,5
Paraná	6	4,7	16	6,8	28	9,0	36	8,7	37	7,8
Santa Catarina	2	1,6	9	3,8	13	4,2	19	4,6	21	4,5
Nordeste	27	21,1	43	18,2	59	18,9	76	18,5	85	18,0
Pernambuco	13	10,2	15	6,4	16	5,1	19	4,6	23	4,9
Bahia	3	2,3	6	2,5	12	3,9	18	4,4	21	4,5
Rio Grande do Norte	0	0,0	5	2,1	5	1,6	8	1,9	13	2,8
Ceará	7	5,5	5	2,1	11	3,5	11	2,7	12	2,5
Alagoas	2	1,6	5	2,1	4	1,3	6	1,5	8	1,7
Paraíba	2	1,6	4	1,7	5	1,6	8	1,9	6	1,3
Maranhão	0	0,0	2	0,9	3	1,0	3	0,7	1	0,2
Piauí	0	0,0	1	0,4	3	1,0	3	0,7	1	0,2
Sergipe	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Centro-oeste	7	5,5	10	4,2	18	5,8	32	7,8	38	8,1
Distrito Federal	2	1,6	3	1,3	9	2,9	10	2,4	11	2,3
Goiás	2	1,6	3	1,3	6	1,9	8	1,9	10	2,1
Mato Grosso	1	0,8	2	0,9	3	1,0	8	1,9	10	2,1
Mato Grosso do Sul	2	1,6	2	0,9	0	0,0	6	1,5	7	1,5
Norte	1	0,8	11	4,7	16	5,1	20	4,9	26	5,5
Amazonas	1	0,8	6	2,5	5	1,6	5	1,2	10	2,1
Pará	0	0,0	2	0,9	6	1,9	10	2,4	8	1,7
Acre	0	0,0	1	0,4	3	1,0	3	0,7	4	0,9
Tocantins	0	0,0	1	0,4	2	0,6	2	0,5	3	0,6
Roraima	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,2
Amapá	0	0,0	1	0,4	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Total	128	100,0	236	100,0	312	100,0	412	100,0	472	100,0

Tabela 10. Distribuição dos grupos de pesquisa que compõem o campo da “Alimentação e Nutrição” segundo instituição no Brasil de 2000 a 2008.

Instituições	Anos dos censos									
	2000		2002		2004		2006		2008	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Universidade de São Paulo – USP	21	16,4	19	8,1	28	9,0	27	6,6	36	7,6
Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP	3	2,3	8	3,4	11	3,5	10	2,4	22	4,7
Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho – UNESP	4	3,1	8	3,4	9	2,9	10	2,4	20	4,2
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE	10	7,8	12	5,1	13	4,2	15	3,6	19	4,0
Universidade Estadual de Londrina – UEL	2	1,6	4	1,7	9	2,9	15	3,6	16	3,4
Universidade Federal da Bahia – UFBA	3	2,3	4	1,7	6	1,9	9	2,2	13	2,8
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS	3	2,3	9	3,8	10	3,2	11	2,7	12	2,5
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC	1	0,8	4	1,7	7	2,2	9	2,2	11	2,3
Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ	2	1,6	7	3,0	7	2,2	11	2,7	11	2,3
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP	4	3,1	8	3,4	11	3,5	13	3,2	10	2,1
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ	6	4,7	10	4,2	11	3,5	13	3,2	10	2,1
Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT	1	0,8	2	0,9	2	0,6	7	1,7	10	2,1
Universidade Federal de Viçosa – UFV	3	2,3	7	3,0	5	1,6	13	3,2	9	1,9
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG	5	3,9	6	2,5	8	2,6	10	2,4	9	1,9
Universidade Federal de Goiás – UFG	2	1,6	3	1,3	5	1,6	6	1,5	9	1,9
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ	4	3,1	9	3,8	10	3,2	9	2,2	9	1,9
Universidade Federal Fluminense – UFF	4	3,1	8	3,4	8	2,6	10	2,4	8	1,7
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM	2	1,6	2	0,9	2	0,6	5	1,2	8	1,7
Universidade Federal de Alagoas – UFAL	2	1,6	5	2,1	4	1,3	5	1,2	7	1,5
Universidade Federal do Paraná – UFPR	1	0,8	5	2,1	7	2,2	6	1,5	6	1,3
Universidade Federal do Amazonas – UFAM	0	0,0	3	1,3	3	1,0	3	0,7	6	1,3
Universidade Estadual do Ceará – UECE	3	2,3	3	1,3	6	1,9	5	1,2	6	1,3
Universidade Federal de Uberlândia	0	0,0	1	0,4	2	0,6	4	1,0	6	1,3
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ	0	0,0	2	0,9	3	1,0	3	0,7	5	1,1
Universidade Federal do Pará – UFPA	0	0,0	2	0,9	1	0,3	8	1,9	5	1,1
Outras instituições	34	26,6	75	31,8	117	37,5	164	39,8	178	37,7
Total	128	100,0	236	100,0	312	100,0	412	100,0	472	100,0

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendendo, a partir dos pensamentos de Bourdieu, que os grupos de pesquisa correspondem a agentes institucionalizados que atuam, construindo e disputando capital simbólico e material, no interior da ciência, procuramos identificar e descrever aqueles que operam nos campos científicos que se voltam para estudos sobre *alimento, nutriente e comida*.

As descrições disponíveis, através da base dados que ordena informações sobre esses grupos de pesquisa, apresentam um conjunto importante de limitações.

Primeiro, as tabulações disponíveis nas Séries Históricas do Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq partem da Tabela das Áreas do Conhecimento, onde há apenas duas áreas que correspondem aos objetos em questão, a saber: “Ciência e Tecnologia dos Alimentos” (com 299 grupos em 2008) e “Nutrição” (148 grupos nesse mesmo ano).

Segundo, essas tabulações consideram apenas a área predominante de cada grupo de pesquisa, sem levar em conta inserções simultâneas em diferentes domínios da ciência.

Trata-se de uma concepção disciplinar e bastante restritiva que, no nosso entendimento, resulta na impossibilidade de identificação de perspectivas de cunho ou tendência para a interdisciplinaridade, bem como, no obscurecimento dos contornos e, até mesmo, na negação da existência dos campos científicos e das forças sociais aí presentes.

Buscamos, neste nosso exercício, realizar procedimentos que possibilitassem novas abordagens, partindo da identificação dos grupos de pesquisa que mencionam em seus esforços, para a produção de conhecimento e saberes e formação de pesquisadores, os três objetos aqui em questão independentemente de sua inserção prévia em uma determinada área na árvore do conhecimento.

Encontramos um parque científico bem maior que aquele descrito nas tabulações disponibilizadas pelo CNPq. Nosso levantamento indica que há cerca de mil grupos em atividade que mencionam a realização de estudos voltados para um ou mais dos objetos *alimento, nutriente e comida* na vida humana.

A partir das concepções de Stengers sobre a constituição de campos científicos, consideramos que todo esse conjunto de grupos de pesquisa pode ser ordenado em três distintos domínios: “*Ciências dos Alimentos*”, “*Nutrição*” e “*Alimentação*”, que operam sobre

os três diferentes objetos aqui em questão, fazendo uso de procedimentos metodológicos e conceitos específicos.

E temos, então, outro achado importante: a visualização do campo da “*Alimentação*” em seus estudos sobre a *comida*, essa marca indelével do que há de humano em nós e que nos distingue dos demais seres vivos sobre a face da terra. Esse conjunto de grupos de pesquisa, impossível de ser identificado através das tabulações disponíveis no DGP ou por meio das classificações lineares que marcam a árvore do conhecimento, é trazido à luz por meio deste nosso estudo, indicando o potencial interdisciplinar aí colocado.

Destes três espaços sociais, o que identificamos como “*Ciências dos Alimentos*” encontra-se em condição institucional mais favorável. Tem lugar na Tabela das Áreas do Conhecimento, conta com organismos próprios de avaliação nas principais agências de fomento à pesquisa e formação de pesquisadores (CAPES e CNPq) e com uma vasta rede de instituições que abrigavam, em 2008, cerca de 630 grupos de pesquisa, além de diversas organizações científicas em atividade, movimenta recursos de alta monta por todo o País e está bem inserida no cenário internacional.

A “*Nutrição*”, por seu turno, encontra-se presente na árvore do conhecimento e seus agentes vêm investindo na criação de espaços coletivos de debates e deliberações, priorizando o estabelecimento de lugares institucionais tidos como estratégicos para seu crescimento no cenário nacional e internacional. Conquistou, recentemente, área própria de avaliação dos programas de pós-graduação na CAPES⁸ e busca sua independência no CNPq. Com cerca de 430 grupos de pesquisa distribuídos pelo Brasil, vem mobilizando recursos em ordens de grandeza importantes. Apresenta uma característica peculiar: há em seu interior um frequente discurso sobre uma multi ou interdisciplinaridade que a identifica; nos tratados do campo que buscam conceituá-la, além da identificação de seu objeto e da delimitação de seus contornos. Há com importante frequência, menções de vínculos a outros campos da ciência, em especial as Humanidades. Esse fenômeno guarda proximidade, com presença constante, da expressão “*Alimentação*” em vários de seus organismos de representação e de ação.

⁸ No pleito do Fórum PPG A&N dirigido à CAPES a nova área é identificada como “*Alimentação e Nutrição*”.

Assim, e também por compreender os campos da ciência em interação (ainda que sejam movimentos contraditórios, consensuais ou em conflito) e por assumir posição de crítica à pulverização da produção de conhecimentos e formação de pesquisadores em infinitesimais especialidades, consideramos pertinente que os cerca de 100 grupos de pesquisa que, em 2008, podiam ser identificados como compondo o campo da “*Alimentação*”, possam ser concebidos em conjunto com os que compõem a “*Nutrição*”. Estudos recentes confirmam essa tendência (CANESQUI, 1998, 2005, 2009; KLOTZ *et al*, 2010; PRADO *et al*, 2011b). Especialmente publicações de cunho históricos e conceituais vêm destacando o caráter multifacético do complexo alimentar-nutricional e colocando na pauta discussões da necessidade do reconhecimento institucional das relações entre os estudos sobre Alimentação e Nutrição em sua pluralidade epistemológica (BOSI, PRADO 2011; VASCONCEL, 1999 VASCONCELOS, BATISTA FILHO, 2011 CARVALHO, LUZ, PRADO, 2011; MATTOS, 2011; NUNES, 2011). Consideramos que pensar “*Alimentação e Nutrição*” em perspectiva mais integrada pode ser mais elucidativo, mais esclarecedor que concebê-lo exclusivamente em partes separadas. Entendemos que não procede deixar de reconhecer as especificidades de objetos e procedimentos metodológicos, de teorias e conceitos próprios a cada campo científico. Mas não podemos admitir a redução de um campo ao outro. Classificações da ciência ou do que for, são representações limitadas, sempre. A vida não separa alimentação, de nutrição, de alimentos. Guardando especificidades, estas “partes” devem ser pensadas dialeticamente com um “todo”. Assim, acreditamos que investir em aproximações entre Ciências Biológicas e Ciências Humanas e Sociais pode ser um caminho de aproximação mais consistente à vida que as separações que fragmentam o complexo biológico e social.

“*Alimentação e Nutrição*” ficam bem estabelecidas, portanto, como um campo autônomo da ciência que ter por identidade a convivência de domínios, tanto de caráter mais disciplinar, como de tendências à multi ou interdisciplinaridade. Contando com cerca de 470 grupos de pesquisa, marca presença em praticamente todas as Ciências da Vida e de forma importante nas Humanidades. Está presente em uma terça parte das instituições brasileiras de pesquisa, predominantemente nas Regiões Sudeste e Sul; sua interiorização é um desafio significativo para a ciência nacional. Em termos de quadros, esse campo conta com um corpo de pesquisadores com titulação acima das médias nacionais, embora haja necessidade de maiores investimentos na formação de novos pesquisadores e que ainda há um importante caminho a percorrer até que esses grupos possam contar com pesquisadores bem titulados e estudantes em todos os níveis em formação em seu interior. O crescimento desses grupos de pesquisa vem sendo bastante intenso, com destaque para a contribuição importante da sua

parcela “*Alimentação*”, que tem se mostrado especialmente ativa e dinâmica, tendo aumentado acerca de 11 vezes no período 2000 a 2008, quando a “*Nutrição*”, isoladamente, cresceu 3,5 vezes e o Brasil 1,9 vezes.

Em outras palavras, a descrição destes componentes institucionais – os grupos de pesquisa – do campo “*Alimentação e Nutrição*” nos permitem afirmar que correspondem a agentes operando a acumulação de capital científico em ritmo intenso por todo o País, trabalhando com força em torno de seus interesses, para implementar projetos políticos de abrangência nacional.

Consideramos, pelo exposto até agora, que nosso estudo possibilita algumas afirmações a título de recomendação.

É necessário procederem alterações na Tabela das Áreas do Conhecimento, incluindo a denominação “*Alimentação e Nutrição*” para fazer jus ao que os dados empíricos comprovam: a existência do campo científico “*Alimentação*”, em suas interfaces com a “*Nutrição*”, o que inclui atores, regras, disposições, consensos, contradições, concorrências, pleitos específicos; enfim, participação da distribuição do capital financeiro, de prestígio etc... Conforme Bourdieu.

Por desdobramento, é necessário modificar a terminologia utilizada pelas instituições de formação de pesquisadores e de fomento a produção de conhecimento, atualizando-a e colocando-a em conformidade com a dinâmica afetivamente existente no campo científico alimentar-nutricional.

Dessa forma, a composição desses espaços de tomada de decisão, assim como, os critérios de avaliação e de distribuição de recursos devem ser ajustados às suas distintas características fundamentais, com destaque para a diversidade de objetos e métodos de trabalho e, por conseguinte, de culturas científicas de produção e disseminação de conhecimentos e saberes e de formação de pesquisadores em seu interior.

Estas são condições favorecedoras à consolidação institucional da “*Alimentação e Nutrição*” do campo científico no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA (ABRASCO). *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 16, n. 1, 2011, p. 4-163.
- ANDRADE, Édira Castello Branco de. *Análise de Alimentos: uma visão química da nutrição*. 2.ed. São Paulo: Varela, 2009.
- BARBOSA, J.J. *Introdução à Tecnologia dos Alimentos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Kosmos, 1989. 118 p.
- BONTEMPO, Márcio. *Suplementos nutricionais e produtos naturais: o guia completo e definitivo*. 2.ed. São Paulo: Best Seller, 1997. 329 p.
- BORTOLOZZI, Flávio; GREMSKI, Waldemiro. Pesquisa e pós-graduação brasileira: assimetrias. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, v. 1, n. 2, p.35-52, nov. 2004.
- BOSI, Maria Lúcia Magalhães; PRADO, Shirley Donizete. Alimentação e Nutrição em Saúde Coletiva: constituição, contornos e estatuto científico. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p.7-16, jan. 2011.
- BOSI, Maria Lúcia Magalhães. Trabalho e subjetividade: cargas e sofrimento na prática da nutrição social. *Rev. Nutr, Campinas*, Campinas, São Paulo, v. 13, n. 2, p.107-115, maio/ago. 2000.
- BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Unesp, 2004. 86 p.
- _____. *Razões práticas sobre a teoria da ação*.4.ed. Campinas: São Paulo: Papyrus, 1996. 224 p.
- _____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. 244 p.
- CÂNDIDO, Lys Mary Bileski; CAMPOS, Adriane Mulinari. *Alimentos para fins especiais: dietéticos*. São Paulo: Varela, 1995. 424 p. p. 25.
- CANESQUI, A. M. Antropologia e alimentação. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 207-216, 1988.
- _____. Pesquisas qualitativas em nutrição e alimentação. *Revista de Nutrição*, Campinas, v. 22, n. 1, p. 125-139, jan/fev. 2009.

CANESQUI, Ana Maria; GARCIA, Rosa Wanda Diez. Antropologia e nutrição: um diálogo possível. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2005. 306 p.

CARVALHO, Maria Cláudia da Veiga Soares; LUZ, Madel Therezinha; PRADO, Shirley Donizete. Comer, alimentar e nutrir: categorias analíticas instrumentais no campo da pesquisa científica. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 160-161, jan. 2011.

CHAVES, Nelson. Nutrição básica e aplicada. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1978. p. 3,4. 344 p.

CHEMIN, Sandra Maria Seabra da Silva; MURA, Joana D'Arc Pereira. *Tratado de alimentação, nutrição e dietoterapia*. São Paulo: Roca, 2007. 1122 p. p. 147, 475.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. Disponível em: <http://www.cnpq.br/cas/cas.htm>. Acesso em: 20 de nov. de 2011a.

_____. Disponível em:

<http://fomentonacional.cnpq.br/dmfomento/home/fmtmenu.jsp?op=1&sop=2>. Acesso em: 15 de nov. de 2011b.

_____. Disponível em:

<http://fomentonacional.cnpq.br/dmfomento/home/fmtmenu.jsp?op=3&sop=1>. Acesso em: 15 de nov. de 2011c.

_____. Disponível em: <http://fomentonacional.cnpq.br/dmfomento/home/fmtvisualizador.jsp>. Acesso em: 15 de nov. de 2011d.

_____. Disponível em: <http://www.cnpq.br/gpesq/apresentacao.htm>. Acesso em: 11 abr. 2010a.

_____. Disponível em:

http://dgp.cnpq.br/censos/series_historicas/series_basicas/index_basicas.htm. Acesso em: 11 abr. 2010b.

_____. Disponível em: http://dgp.cnpq.br/censos/series_historicas/grupos/index_grupos.htm. Acesso em: 11 de abr. de 2010c.

_____. Disponível em: <http://www.cnpq.br/>. Acesso em: 11 abr. 2010d.

_____. Disponível em: <http://www.cnpq.br/gpesq/apresentacao.htm>. Acesso em: 11 abr. 2010e.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO.

Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/censos/>. Acesso em: 11 abr. 2010f.

_____.Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/buscagrupo/>. Acesso em: 11 de abr. 2010g.

_____.Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/diretorioc/html/faq.html#g1>. Acesso 12 de jan.2012.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR.

Disponível em: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/coordenadores-de-area/4193>. Acesso em: 20 de agosto de 2011.

COZZOLINO, Sílvia M. Franciscato. Biodisponibilidade de nutrientes. Barueri, São Paulo: Manole, 2005. Prefácio. 879 p.

DIEZ GARCIA, Rosa Wanda. Reflexos da globalização na cultura alimentar: considerações sobre as mudanças na alimentação urbana. *Rev. Nutr.*, Dez 2003, v.16, n.4, p.483-492.

DUARTE, Antônio Cláudio Goulart. Semiologia imunológica nutricional. Rio de Janeiro: Axcel Books, 2003. 258 p. p. 90

FISCHLER, Claude; MASSON, Estelle. *Comer: a Alimentação de Franceses, Outros Europeus e Americanos*. São Paulo: Senac, 2010. 360 p.

FOUCAULT, Michael. *As palavras e as coisas: Uma arqueologia das ciências humanas*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FRANCO, Guilherme. *Tabela de composição química dos alimentos*. 9. ed. São Paulo: Atheneu, 2005.p. 1

FREITAS, Maria do Carmo Soares de; MINAYO, Maria Cecília de Souza; FONTES, Gardênia Abreu Vieira. Sobre o campo da Alimentação e Nutrição na perspectiva das teorias compreensivas. *Ciência e saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, n.1, jan. 2011.

FREITAS, Maria do Carmo Soares de; PENA, Paulo Gilvane Lopes. Segurança alimentar e nutricional: a produção do conhecimento com ênfase nos aspectos da cultura. *Revista de Nutrição*, Campinas, v. 20, n. 1, p.69-81, jan./fev. 2007.

FREITAS, Suzana Maria de Lemos. *Alimentos com alegação diet ou light: definições, legislação e orientações para consumo*. São Paulo: Atheneu, 2005. 138 p. p. 66.

FREYRE, Gilberto. *Açúcar: uma sociologia do doce com receitas de bolos e doces do nordeste do Brasil*. São Paulo: Global, 2007. 272 p.

GRACIA ARNAIZ, Mabel. Alimentación y cultura en España: una aproximación desde la antropología social. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, 357-386p., 2010.

GUIMARÃES, Reinaldo. Pesquisa em saúde e reforma sanitária. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 57, n. 1, mar. 2005.

GUIMARÃES, Reinaldo; LOURENÇO, Ricardo; COSAC, Silvana. A pesquisa em epidemiologia no Brasil. *Revista Saúde Pública*, São Paulo, v. 35, n. 4, ago. 2001.

INSTITUTO DE MEDICINA SOCIAL. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. v. 20, n. 2, p. 351-474. 2010.

INSTITUTO DE TECNOLOGIA DE ALIMENTOS (ITAL). Disponível em <http://www.ital.sp.gov.br/>. Acesso em 31 de jan. 2012.

KLOTZ, Juliana; PRADO, Shirley Donizete; CARVALHO, Maria Claudia Veiga Soares; ORNELAS, Tatiane Freire Silva; OLIVEIRA, Patrícia França de. Alimentação e cultura como campo científico no Brasil. *Physis: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, maio. 2010.

LEITE, Joséte Luzia; TREZZA, Maria Cristina S. Figueiredo; SANTOS, Regina Maria dos; MENDES, Isabel Amélia Costa; FELLI, Vanda Elisa Andrés. Os projetos de pesquisa de enfermagem no CNPq: seu percurso, suas temáticas, suas aderências-1998/2000. *Rev. Bras. Enf.*, Rio de Janeiro, v.54, n.1, p.81-97, 2001.

LÉVIS-STRAUSS, Claude. *O cru e o cozido*. Mitológicas 1. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. 448 p.

LUZ, Madel Therezinha. Cultura Contemporânea e Medicinas Alternativas: Novos Paradigmas em Saúde no Fim do Século XX. *Physis: Rev. de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 15(Suplemento), 145-176 p., 2005. p.150, 165, 169.

_____. *Natural, racional, social: razão médica e racionalidade científica moderna*. Rio de Janeiro: Campus; 1998.

MAHAN, L. Kathleen; ESCOTT-STUMP, Sylvia. *Krause: alimentos, nutrição e dietoterapia*. 10. ed. São Paulo: Roca, 2002. 1157 p. p.3

MAIO, Marcos C. A medicina de Nina Rodrigues: análise de uma trajetória científica. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, abr./jun. 1995.

MATTOS, Rafael da Silva; CARVALHO, Maria Cláudia da Veiga Soares; MARTINS, Myriam de Lima Ramagem; DELMASCHIO, Karen Levy. Corpo e cuidado: uma breve trajetória. *CERES: Nutrição e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 5, n.3, 2010.

MATTOS, Ruben Araujo de. Em defesa do pluralismo epistemológico. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, Jan. 2011

MENEZES, Maria Fátima Garcia de; TAVARES, Elda Lima; SANTOS, Débora Martins dos; TARGUETA, Carina Loureiro; PRADO, Shirley Donizete. Alimentação saudável na experiência de idosos. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p.267-276 , jan/ago. 2010. p. 268, 273.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/PNE/ne_sumexec.pdf. Acesso em: 15 de jan. de 2012. 6.p

MOREIRA, Maria Altina. Medidas caseiras no preparo dos alimentos. 2.ed. Goiânia: AB Ed., 2002.

MÜLLER, Anna Friederick Schwarzel; GESTEIRA, Ivana A. Lins; BULCÃO, Marivaldina. Políticas públicas de informação no Brasil: norte, nordeste e centro-oeste. Disponível em: http://dici.ibict.br/archive/00000561/01/Pol%C3%ADticas_p%C3%ABlicas_de_informa%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 15 de jan. de 2012.

NUNES, Everardo Duarte. Pós-graduação em Saúde Coletiva no Brasil: histórico e perspectivas. *Physis: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, n.1, jun. 2005.

_____. Espaços (inter)disciplinares: Alimentação/Nutrição/Saúde/Saúde Coletiva. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, Jan. 2011

OLIVEIRA, José Eduardo Dutra de; MARCHINI, J. Sérgio. Ciências nutricionais. São Paulo: Sarvier, 1998. p. 3,4. 403 p.

_____; SANTOS, Avany Corrêa; WILSON, Eva Donelson. Nutrição básica. São Paulo: Sarvier, 1982. 286 p. p. 1

PHILIPPI, Sônia Tucunduva. Nutrição e técnica dietética. Barueri, São Paulo: Manole, 2003. p. 3,21,22. 391 p.

PIRES, Regina Celi Machado. A formação inicial do professor universitário no programa institucional de bolsas de iniciação científica – PIBIC/CNPq e a prática profissional de seus egressos: um estudo de caso na Universidade do Estado da Bahia. 2008. 356f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. 59 p.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS. *Revista de Nutrição*. v. 24, n. 2, 2012, p. 785-937.

PRADO, Shirley Donizete . Alimentação e Cultura na Espanha, no México e no Brasil: reflexões sobre a constituição desse campo científico. *Physis*, v. 20, p. 353-355, 2010.

_____; BOSI, Maria Lúcia Magalhães; CARVALHO, Maria Cláudia da Veiga Soares; GUGELMIN, Sílvia Ângela; MATTOS, Ruben Araújo de; CAMARGO, Kenneth Rochel de; KLOTZ, Juliana; DELMASCHIO, Karen Levy; MARTINS, Myriam de Lima Ramagem. Alimentação e nutrição como campo científico autônomo no Brasil: conceitos, domínios e projetos políticos. *Rev Nutr.*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 6, 2011a.

_____; BOSI, Maria Lucia Magalhães; CARVALHO, Maria Claudia da Veiga Soares; GUGELMIN, Silvia Ângela; KLOTZ, Juliana; DELMASCHIO, Karen Levy; MARTINS, Myriam de Lima Ramagem. A pesquisa sobre Alimentação no Brasil: sustentando a autonomia do campo Alimentação e Nutrição. *Ciência e saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, n.1, jan. 2011b.

_____; GUGELMIN, Silvia Ângela; MATTOS, Rubem Araújo de; KLOTZ, Juliana; OLIVARES, Priscila dos Santos Gomes. A pesquisa sobre segurança alimentar e nutricional no Brasil de 2000 a 2005: tendências e desafios. *Ciência e saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, jan. 2010.

_____; GUGELMIN, Silvia Ângela; MATTOS, Ruben Araújo de; CAMARGO JR, Kenneth Rochel de. A pesquisa sobre Alimentos, Alimentação e Nutrição no Brasil: reflexões sobre a produção de conhecimento e saberes. Projeto de pesquisa. Rio de Janeiro: Instituto de Nutrição da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

_____; SAYD, Jane Dutra. A pesquisa sobre envelhecimento humano no Brasil: pesquisadores, temas e tendências. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, fev. 2004.

SALINAS, Rolando D. *Alimentos e nutrição: introdução à bromatologia*. Porto Alegre: Artmed, 2002. 3. ed. 19p. 278 p.

Stengers I. *Da racionalidade científica: capturas, eventos, interesses*. In: Stengers I. *Quem tem medo da ciência: ciências e poderes*. São Paulo: Siciliano, 1990. 77-109.

VASCONCELOS, Francisco de Assis Guedes de. Os Arquivos Brasileiros de Nutrição: uma revisão sobre produção científica em nutrição no Brasil (1944 a 1968). *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, abr./jun. 1999.

_____; BATISTA FILHO, Malaquias. História do campo da Alimentação e Nutrição em Saúde Coletiva no Brasil. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, Jan. 2011.

WORLD Health Organization. Disponível em: <http://www.who.int/topics/nutrition/en/>. Acessado em 20 de maio de 2011.

ANEXO – Tabelas Complementares

Tabela A. Crescimento do número de pesquisadores doutores, pesquisadores, instituições e grupos de pesquisa no Brasil de 1993 a 2010^{a b}.

Principais dimensões	Anos dos censos								
	1993	1995	1997	2000	2002	2004	2006	2008	2010
Instituições	0	1,6	1,8	2,3	2,7	3,4	4,1	4,3	4,6
Grupos de pesquisa	0	2,0	2,0	2,8	3,4	4,4	4,8	5,2	6,3
Pesquisadores doutores	0	1,3	1,7	2,5	3,7	4,4	5,2	6,1	7,4
Pesquisadores	0	1,2	1,6	2,3	2,6	3,6	4,2	4,8	5,6

A Parcela significativa da tendência de crescimento observada nos números absolutos, principalmente até 2000, decorre do aumento da taxa de cobertura do levantamento.

B O crescimento expressa o número de vezes que o conjunto é maior em relação ao ano de 1993. Cálculos do crescimento realizados a partir de dados disponíveis na tabela 1.

Fonte: CONSELHO, 2011b.

Tabela B. Crescimento do número de grupos de pesquisa segundo áreas do conhecimento predominantes selecionadas e no Brasil de 1993 a 2010^{a b}.

	Anos dos censos								
	1993	1995	1997	2000	2002	2004	2006	2008	2010
Brasil	0	2,0	2,0	2,8	3,4	4,4	4,8	5,2	6,3
Humanidades	0	1,7	2,4	3,5	5,0	6,8	8,1	9,2	11,6
Ciências da Natureza	0	1,7	2,1	2,8	3,3	4,1	4,1	4,3	5,0
Ciências da Vida	0	1,8	1,9	2,6	3,3	4,1	4,3	4,6	5,4
Ciências da Saúde	0	2,4	2,8	3,6	5,0	6,8	7,2	7,9	9,1
Ciências Biológicas	0	1,5	1,6	2,0	2,5	3,0	3,1	3,2	3,7
Ciências Agrárias	0	1,7	1,6	2,4	2,9	3,5	3,6	3,8	4,7
Ciência e Tecnologia de Alimentos	0	1,1	1,1	1,6	2,0	2,4	2,3	2,4	3,0
Nutrição	0	1,1	0,8	1,4	2,1	2,6	2,7	3,1	3,6

A. Parcela significativa da tendência de crescimento observada nos números absolutos, principalmente até 2000, decorre do aumento da taxa de cobertura do levantamento.

B. O crescimento expressa o número de vezes que o conjunto é maior em relação ao ano de 1993. Cálculos do crescimento realizados a partir de dados disponíveis na tabela 2 e nos gráficos 8 e 11.

Fonte: CONSELHO, 2001c.

Tabela C. Crescimento do número de grupos de pesquisa que compõem os campos Alimentação, Nutrição, Alimento e no Brasil de 2000 a 2010^a.

	Anos dos censos				
	2000	2002	2004	2006	2008
Alimentação	0	5,9	7,0	10,3	10,8
Nutrição	0	1,7	2,2	3,0	3,5
Alimento	0	1,7	2,3	2,3	2,1
Brasil	0	1,3	1,6	1,8	1,9

A. O crescimento expressa o número de vezes que o conjunto é maior em relação ao ano de 2000. Cálculos do crescimento realizados a partir de dados disponíveis na tabela 4, onde Alimentação corresponde à sua linha 10, Nutrição à linha 9 e Alimento à linha 8; dados referentes a Brasil extraídos da tabela 1.

Tabela D. Crescimento do número de grupos de pesquisa que compõem os campos Alimentação, Nutrição, Alimento com interações ou especializados no Brasil de 2000 a 2010^a.

	Anos dos censos				
	2000	2002	2004	2006	2008
Com interações	0	5,4	5,6	9,7	9,3
Especializados	0	1,7	2,3	2,3	2,4
Brasil	0	1,3	1,6	1,8	1,9

A. O crescimento expressa o número de vezes que o conjunto é maior em relação ao ano de 2000. Cálculos do crescimento realizados a partir de dados disponíveis na tabela 4, onde grupos “Com interações” corresponde ao somatório das suas linhas 5 a 10 e grupos “Especializados” das linhas 1 a 3.

Tabela E. Crescimento do número instituições, grupos de pesquisa, linhas de pesquisa, pesquisadores, pesquisadores doutores e estudantes que compõem o campo das “*Ciências dos Alimentos*” no Brasil de 2000 a 2008.

	Anos dos censos				
	2000	2002	2004	2006	2008
Instituições	0	1,3	1,7	1,8	1,7
Grupos de Pesquisa	0	1,7	2,3	2,3	2,1
Linhas de pesquisa	0	1,7	2,3	2,5	2,4
Estudantes	0	1,6	2,9	3,6	3,3
Pesquisadores	0	1,4	2,0	2,6	2,6
Pesquisadores doutores	0	1,9	2,8	3,2	3,3

A. O crescimento expressa o número de vezes que o conjunto é maior em relação ao ano de 2000. Cálculos do crescimento realizados a partir de dados disponíveis na tabela 4, onde “*Ciências dos Alimentos*” corresponde ao somatório das suas linhas 1 a 3.

Tabela F. Relações entre Doutorandos / Pesquisadores doutores que compõem o campo das “*Ciências dos Alimentos*” e no Brasil de 2000 a 2008.

	Ano do Censo									
	2000		2002		2004		2006		2008	
	Brasil	Alimentos	Brasil	Alimentos	Brasil	Alimentos	Brasil	Alimentos	Brasil	Alimentos
Doutorandos	12.937	291	14.588	541	16.671	665	20.092	761	23.484	750
Pesquisadores doutores	27.662	1.460	34.349	2.829	47.973	4.177	57.586	4.462	66.785	4.529
Total de estudantes	59.357	1.301	61.872	2.238	102.913	4.033	128.969	4.697	160.931	4.069
Dinamismo (Doutorandos / Pesquisadores doutores)	0,46	0,20	0,42	0,19	0,34	0,16	0,34	0,17	0,35	0,17
Consolidação (Doutorandos / Total de estudantes)	0,21	0,22	0,23	0,24	0,16	0,16	0,15	0,16	0,14	0,18

Tabela G. Distribuição dos grupos de pesquisa que compõem o campo das “*Ciências dos Alimentos*” segundo áreas predominantes do conhecimento no Brasil de 2000 a 2008.

Grandes áreas e Áreas predominantes	Anos dos censos									
	2000		2002		2004		2006		2008	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>Ciências da Vida</i>	286	97,3	481	94,3	630	94,17	627	94	584	92,4
Ciências Agrárias	237	80,6	375	73,5	507	75,8	503	75,4	487	77,0
Agronomia	94	32,0	132	25,9	173	25,9	180	27,0	177	28,0
Zootecnia	101	34,3	131	25,7	165	24,7	161	24,1	163	25,8
Ciência e Tecnologia dos Alimentos	16	5,4	58	11,4	83	12,4	78	11,7	70	11,1
Recursos Pesqueiros e Engenharia de Pesca	12	4,9	25	4,9	43	6,4	42	6,3	39	6,2
Medicina Veterinária	10	3,4	22	4,3	33	4,9	32	4,8	31	4,9
Recursos Florestais e Engenharia Florestal	4	1,4	9	1,8	10	1,5	10	1,5	9	1,4
Ciências da Saúde	38	13,0	46	9,0	45	6,7	60	9,0	52	8,2
Nutrição	32	10,9	33	6,5	33	4,9	40	6,0	37	5,8
Farmácia	3	1,0	8	1,6	6	0,9	7	1,0	7	1,1
Saúde Coletiva	1	0,3	2	0,4	5	0,7	10	1,5	6	0,9
Medicina	2	0,7	3	0,6	1	0,1	3	0,4	2	0,3
Ciências Biológicas	11	3,7	60	11,8	78	11,7	64	9,6	45	7,1
Bioquímica	0	0,0	6	1,2	13	1,9	14	2,1	12	1,9
Ecologia	6	2,0	15	2,9	20	3,0	20	3,0	11	1,7
Microbiologia	1	0,3	8	1,6	10	1,5	8	1,2	6	0,9
Genética	1	0,3	9	1,8	9	1,3	5	0,7	4	0,6
Zoologia	1	0,3	4	0,9	6	0,9	5	0,7	4	0,6
Biologia Geral	0	0,0	1	0,2	4	0,6	3	0,4	3	0,4
Botânica	1	0,3	5	1,0	4	0,6	1	0,1	2	0,3
Morfologia	0	0,0	2	0,4	2	0,3	1	0,1	2	0,3
Biofísica	0	0,0	1	0,2	1	0,1	1	0,1	2	0,3
Fisiologia	1	0,3	6	1,2	6	0,9	3	0,4	1	0,2
Farmacologia	0	0,0	2	0,4	1	0,1	1	0,1	0	0,0
Imunologia	0	0,0	1	0,2	1	0,1	1	0,1	0	0,0
Parasitologia	0	0,0	0	0,0	1	0,1	1	0,1	0	0,0

Tabela G. Continua.

Tabela G. Continuação.

Grandes áreas e Áreas predominantes	Anos dos censos									
	2000		2002		2004		2006		2008	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>Ciências da Natureza</i>	8	2,7	26	5,1	18	2,7	27	4,0	29	4,6
Ciências Exatas e da Terra	5	1,7	18	3,5	18	2,7	17	2,5	18	2,8
Química	1	0,3	9	1,8	7	1,0	7	1,0	12	1,9
Oceanografia	3	1,0	7	1,4	10	1,5	9	1,3	6	0,9
Geociências	0	0,0	2	0,4	1	0,1	1	0,1	0	0,0
Engenharias e Ciência da Computação	3	1,0	8	1,6	10	1,5	10	1,5	11	1,7
Engenharia Agrícola	1	0,3	3	0,6	7	1,0	6	0,9	7	1,1
Engenharia Química	0	0,0	1	0,2	1	0,1	2	0,3	2	0,3
Engenharia de Produção	1	0,3	2	0,4	2	0,3	1	0,1	2	0,3
Engenharia de Minas	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,1	2	0,3
Engenharia Nuclear	1	0,3	2	0,4	0	0,0	0	0,0	0	0,0
<i>Humanidades</i>	1	0,3	1	0,2	11	1,6	13	1,9	12	1,9
Ciências Humanas	1	0,3	1	0,2	6	0,9	8	1,2	8	1,3
Sociologia	0	0,0	0	0,0	2	0,3	3	0,4	3	0,5
Geografia	0	0,0	0	0,0	2	0,3	2	0,3	3	0,5
Antropologia	0	0,0	0	0,0	1	0,1	1	0,1	1	0,2
Educação	1	0,3	0	0,0	0	0,0	1	0,1	1	0,2
Psicologia	0	0,0	1	0,2	1	0,1	1	0,1	0	0,0
Ciências Sociais Aplicadas	0	0,0	0	0,0	5	0,7	5	0,7	4	0,6
Economia	0	0,0	0	0,0	4	0,6	3	0,4	3	0,5
Direito	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,1	2	0,3
Serviço Social	0	0,0	0	0,0	1	0,1	1	0,1	0	0,0
Total	294	100,0	510	100,0	669	100,0	667	100,0	632	100,0

Tabela H. Crescimento do número instituições, grupos de pesquisa, linhas de pesquisa, pesquisadores, pesquisadores doutores e estudantes que compõem o campo da “*Alimentação e Nutrição*” no Brasil de 2000 a 2008.

	Anos dos censos				
	2000	2002	2004	2006	2008
Instituições	0	1,83	2,32	2,83	3,46
Grupos de pesquisa	0	1,84	2,44	3,22	3,69
Linhas de pesquisa	0	2,10	2,44	3,72	4,41
Estudantes	0	1,52	2,61	3,74	5,49
Pesquisadores	0	1,84	2,32	3,80	4,61
Pesquisadores doutores	0	2,06	2,54	4,54	5,67

A. O crescimento expressa o número de vezes que o conjunto é maior em relação ao ano de 2000. Cálculos do crescimento realizados a partir de dados disponíveis na tabela 4, onde “*Alimentação e Nutrição*” corresponde ao somatório das suas linhas 5 a10.

Tabela I. Relações entre pesquisadores e estudantes que compõem o campo da “Alimentação e Nutrição” e no Brasil de 2000 a 2008.

	Ano do Censo									
	2000		2002		2004		2006		2008	
	Diretório	A&N*	Diretório	A&N*	Diretório	A&N	Diretório	A&N	Diretório	A&N
Doutorandos	12.937	31	14.588	31	16.671	24	20.092	87	23.484	49
Pesquisadores doutores	27.662	120	34.349	166	47.973	248	57.586	553	66.785	256
Total de estudantes	59.357	206	61.872	219	102.913	330	128.969	697	160.931	388
Dinamismo (Doutorandos/Pesquisadores doutores)	0,46	0,26	0,42	0,19	0,34	0,10	0,34	0,16	0,35	0,21
Consolidação (Doutorandos e total de estudantes)	0,21	0,15	0,23	0,14	0,16	0,07	0,15	0,12	0,14	0,15

Tabela J. Distribuição dos grupos de pesquisa que compõem o campo da “Alimentação e Nutrição” segundo áreas predominantes do conhecimento no Brasil de 2000 a 2008.

Grandes áreas e Áreas predominantes	Anos dos censos									
	2000		2002		2004		2006		2008	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>Ciências da Vida</i>	121	94,5	215	91,1	275	88,1	359	87,1	413	87,5
Ciências da Saúde	104	81,3	180	76,3	235	75,3	273	66,3	312	66,1
Nutrição	44	34,4	81	34,3	98	31,4	115	27,9	130	27,5
Medicina	31	24,2	48	20,3	62	19,9	57	13,8	71	15,0
Saúde Coletiva	13	10,2	25	10,6	37	11,9	46	11,2	52	11,0
Educação Física	6	4,7	11	4,7	17	5,5	26	6,3	29	6,1
Odontologia	1	0,8	6	2,5	8	2,6	8	1,9	8	1,7
Farmácia	5	3,9	4	1,7	5	1,6	6	1,5	6	1,3
Enfermagem	2	1,6	4	1,7	4	1,3	6	1,5	6	1,3
Fonoaudiologia	2	1,6	0	0,0	2	0,6	3	0,7	5	1,1
Fisioterapia e Terapia Ocupacional	0	0,0	1	0,4	2	0,6	6	1,5	5	1,1
<i>Ciências Agrárias</i>	5	3,9	15	6,4	16	5,1	44	10,7	56	11,9
Ciência e Tecnologia dos Alimentos	4	3,1	9	3,8	14	4,5	35	8,5	38	8,1
Medicina Veterinária	0	0,0	0	0,0	0	0,0	6	1,5	9	1,9
Agronomia	0	0,0	4	1,7	0	0,0	2	0,5	7	1,5
Zootecnia	0	0,0	0	0,0	2	0,6	1	0,2	1	0,2
Recursos Florestais e Eng. Florestal	0	0,0	1	0,4	0	0,0	0	0,0	1	0,2
Recursos Pesqueiros e Eng. de Pesca	1	0,8	1	0,4	0	0,0	0	0,0	0	0,0

Tabela J. Continua.

Tabela J. Continuação.

Grandes áreas e Áreas predominantes	Anos dos censos									
	2000		2002		2004		2006		2008	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Ciências Biológicas	12	9,4	20	8,5	24	7,7	42	10,2	45	9,5
Bioquímica	3	2,3	3	1,3	6	1,9	14	3,4	14	3,0
Fisiologia	4	3,1	8	3,4	11	3,5	10	2,4	11	2,3
Microbiologia	1	0,8	1	0,4	0	0,0	6	1,5	7	1,5
Genética	1	0,8	1	0,4	2	0,6	2	0,5	5	1,1
Ecologia	1	0,8	2	0,9	0	0,0	2	0,5	3	0,6
Morfologia	1	0,8	2	0,9	2	0,6	3	0,7	2	0,4
Imunologia	1	0,8	1	0,4	3	1,0	2	0,5	2	0,4
Biologia Geral	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,2	1	0,2
Farmacologia	0	0,0	1	0,4	0	0,0	1	0,2	0	0,0
Parasitologia	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,2	0	0,0
Botânica	0	0,0	1	0,4	0	0,0	0	0,0	0	0,0

Tabela J. Continua.

Tabela J. Continuação.

Grandes áreas e Áreas predominantes	Anos dos censos									
	2000		2002		2004		2006		2008	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Humanidades	5	3,9	18	7,6	35	11,2	50	12,1	54	11,4
Ciências Humanas	5	3,9	14	5,9	29	9,3	35	8,5	39	8,3
Antropologia	0	0,0	4	1,7	9	2,9	8	1,9	9	1,9
Psicologia	2	1,6	3	1,3	7	2,2	11	2,7	8	1,7
Educação	1	0,8	3	1,3	5	1,6	7	1,7	8	1,7
Sociologia	1	0,8	2	0,9	4	1,3	2	0,5	6	1,3
História	1	0,8	2	0,9	0	0,0	2	0,5	3	0,6
Geografia	0	0,0	0	0,0	2	0,6	2	0,5	2	0,4
Serviço Social	0	0,0	0	0,0	2	0,6	2	0,5	1	0,2
Teologia	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,2	1	0,2
Economia Doméstica	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,2
Ciências Sociais Aplicadas	0	0,0	3	1,3	3	1,0	14	3,4	13	2,8
Economia	0	0,0	1	0,4	3	1,0	5	1,2	6	1,3
Direito	0	0,0	0	0,0	0	0,0	3	0,7	2	0,4
Turismo	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,2	2	0,4
Ciências Políticas	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	0,5	1	0,2
Administração	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,2	1	0,2
Demografia	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,2
Arquitetura e Urbanismo	0	0,0	2	0,9	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Comunicação	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	0,5	0	0,0
Linguística, Letras e Artes	0	0,0	1	0,4	3	1,0	1	0,2	2	0,4
Letras	0	0,0	1	0,4	3	1,0	1	0,2	2	0,4

Tabela J. Continua.

Tabela J. Continuação.

Grandes áreas e Áreas predominantes	Anos dos censos									
	2000		2002		2004		2006		2008	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>Ciências da Natureza</i>	2	1,6	3	1,3	2	0,6	3	0,7	5	1,1
Ciências Exatas e da Terra	1	0,8	2	0,9	2	0,6	2	0,5	3	0,6
Química	1	0,8	2	0,9	2	0,6	2	0,5	2	0,4
Ciência da Computação	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,2
Oceanografia	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	
Engenharias e C. Computação	1	0,8	1	0,4	0	0	1	0,2	2	0,4
Engenharia de Produção	1	0,8	1	0,4	0	0,0	1	0,2	1	0,2
Engenharia Biomédica	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,2
Engenharia Agrícola	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Total	128	100,0	236	100,0	312	100,0	412	100,0	472	100,0